

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
COMUNICAÇÃO

Graziela Bianchi

MIDIATIZAÇÃO RADIOFÔNICA NAS MEMÓRIAS DA RECEPÇÃO:

Marcas dos processos de escuta e dos sentidos configurados nas trajetórias
de relações dos ouvintes com o rádio

São Leopoldo, fevereiro de 2010.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Graziela Bianchi

Mediatização radiofônica nas memórias da recepção:

Marcas dos processos de escuta e dos sentidos configurados nas trajetórias de relações dos ouvintes com o rádio

Tese apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Ciências da Comunicação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jiani Adriana Bonin

São Leopoldo, fevereiro de 2010.

Graziela Bianchi

Mediatização radiofônica nas memórias da recepção:

Marcas dos processos de escuta e dos sentidos configurados nas trajetórias
de relações dos ouvintes com o rádio

Tese apresentada à Universidade do Vale do
Rio dos Sinos como requisito parcial para
obtenção do título de doutor em Ciências da
Comunicação.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Doris Fagundes Haussen – PUC-RS

Prof.^a Dr.^a Nilda Jacks – UFRGS

Prof. Dr. Sérgio Endler - UNISINOS

Prof. Dr. Efendy Maldonado - UNISINOS

Prof.^a Dr.^a Jiani Bonin – UNISINOS – (Orientadora)

*Aos meus avós, Aurinha e Braulino, Rosa (in memorian) e Avelino (in memorian),
agricultores, que muito plantaram, confiantes de que a colheita seria boa.
A meu pai, Egídio, o homem mais íntegro que conheço. À minha mãe, Hilda, que foi
capaz de abrir mão da sua própria vida para dar vida à nossa família.
E, fundamentalmente, aos meus irmãos Josiane (in memorian) e Diego (in
memorian) que mesmo não estando mais aqui para acompanhar minha trajetória,
estiveram comigo todo o tempo. Com eles, aprendi o que unicamente importa nessa
vida: o amor.*

AGRADECIMENTOS

Durante toda a investigação que empreendi no doutorado, a noção de trajetória sempre esteve presente. Busquei compreender e caracterizar as trajetórias de escuta de indivíduos com o rádio e percebi uma grande mescla entre meios de comunicação e vida. Precisei compreender o cotidiano e a história de cada um dos entrevistados para obter as respostas colocadas pelo meu problema de pesquisa.

Em muitos momentos, eu me fiz as mesmas perguntas que direcionei aos participantes da minha pesquisa. E a resposta é que três pessoas, e seus modos de ouvir rádio, estão presentes nas minhas primeiras lembranças da escuta radiofônica. Meu avô, agricultor, que tinha um aparelho de rádio verde. Escutava na varanda da sua casa, sem luz elétrica, distante da cidade. Não precisava de luz artificial, as estrelas iluminavam a sua escuta. Meu pai, que ligava o rádio logo cedo, para que, antes que eu fosse à escola, já soubesse de todas as notícias da manhã. E nas madrugadas, quando o sono não vem, o rádio lhe fez, e ainda faz, companhia. Meu irmão, quando criança, pediu de presente um rádio de pilha. Aos oito ou 10 anos, sua programação predileta era a noturna. Muitas vezes desliguei o rádio depois que ele adormecia.

O rádio tem participado de muitos momentos na minha trajetória de investigação. Na graduação surgiu o interesse, mas foi no mestrado que pude desenvolver o primeiro trabalho sobre este meio. Todo o percurso que se trilha para a realização de uma pesquisa científica é árduo. E muitas vezes, solitário também. Entretanto, essa solidão é decorrente das infinitas horas de dedicação às leituras, entrevistas, análises, escritas, um trabalho que só o pesquisador pode realizar. Felizes são os que podem contar com um orientador responsável e companheiro, no qual se pode encontrar apoio para as dúvidas relacionadas à investigação, bem como as incertezas do cotidiano. Obrigada à minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Jiani Bonin, por cumprido esse papel.

Agradeço de maneira especial à Unisinos e seu PPGCOM, onde sempre encontrei todo o apoio que necessitei. Obrigada também a todos os professores do PPGCOM

que ajudaram, de uma maneira ou outra, na minha formação. Agradeço fortemente à CAPES pela oportunidade de ter sido contemplada com uma bolsa de estudos durante todo o doutorado, assim como ter sido selecionada para a realização de um período de doutorado sanduíche na Universitat Autònoma de Barcelona. Expresso aqui minha gratidão à Prof^a. Dr^a. Maria Gutiérrez, que foi minha co-orientadora no período em que desenvolvi os estudos na Espanha. Sua generosidade, responsabilidade e acolhimento para sempre serão lembrados.

Minha trajetória de pesquisa também é marcada pela participação, desde a fundação em 2002, no grupo de Pesquisa Processocom. Agradeço de forma muito fraterna ao Prof. Dr. Efendy Maldonado, coordenador do Processocom e meu sempre orientador do mestrado. Com ele, aprendi valiosos ensinamentos sobre a pesquisa científica, e sobre a vida também. Um muito obrigada a todos os integrantes do Processocom, pois fazem com que a pesquisa científica possa também ser um ambiente de amizade.

Agradeço a cada um dos entrevistados que participaram dessa investigação: Valkíria, Laura, Plauto, Floduardo, Sidnei, Cesáreo e Benito. Sem eles, esse trabalho não teria a importância que adquiriu. Sou grata também à Federação dos Aposentados do Rio Grande do Sul, que permitiu que eu realizasse parte das minhas entrevistas exploratórias em sua sede.

Finalmente, agradeço o apoio e amor incondicional dos meus pais **Egídio e Hilda**, porque nessa vida todos precisam ter um porto seguro. Ao meu namorado **Édnei**, que acompanhou grande parte do meu esforço em realizar essa investigação, assim como me auxiliou com transcrições, impressões, esquemas gráficos. Tudo isso foi importante, não tanto quanto o amor que me dedica, e que é recíproco.

E agradeço, sempre, por ter tido todas as oportunidades que necessitei para estudar e ser uma pessoa útil para a sociedade. Meu desejo é que meu conhecimento possa sempre estar a serviço de todos aqueles que, trabalhando dignamente e pagando seus impostos, tornam possível a educação de qualidade no Brasil.

RESUMO

As elaborações contidas nesta tese indagam a maneira como os processos de escuta do rádio foram se configurando e participando na conformação de uma memória *midiática radiofônica* de ouvintes hoje idosos, e constituindo assim parte de suas *histórias de vida midiática*. Está se refletindo sobre como a *cultura midiática radiofônica* se desenvolve e gera sentidos, buscando descrever e analisar tais processos de uma perspectiva dos ouvintes. Ao elaborar questionamentos referentes à *memória midiática*, se está falando não de um simples acionamento de uma lembrança marcante, mas da marca de um forte relacionamento histórico e vital com o midiático, que possibilita aos ouvintes desenvolver a capacidade de estabelecer relações, de realizar comparações, de configurar competências radiofônicas e matrizes de gosto, fazendo com que passado e presente de referências midiáticas possam dialogar. É o desenvolvimento da *história de vida radiofônica* de sujeitos radiouvintes, e que tem o seu valor também como história midiática, pois é vivenciada, está inscrita nas memórias, é parte de toda uma experiência vivida com o midiático. Os radiouvintes relacionados são habitantes de Porto Alegre/RS, no âmbito brasileiro, e em função da experiência do doutorado sanduíche, realizado em Barcelona-Espanha, foram relacionados ouvintes também desta cidade.

Palavras chave: Rádio. Memória radiofônica. Radiouvintes idosos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1. Objetivos.....	14
1.1.1. Objetivo geral.....	14
1.1.2. Objetivos específicos.....	14
1.2. Esquema sinóptico da problemática.....	16
1.3. A estruturação da tese.....	17
2. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	19
2.1 A pesquisa da pesquisa	19
2.2. A pesquisa exploratória	31
2.2.3. Constatações da pesquisa exploratória	41
2.3. A pesquisa sistemática	50
2.4. Atividades de investigação no exterior	54
2.5. O tratamento dos dados	60
3. CONCEPÇÕES TEÓRICAS E ASPECTOS RELATIVOS AO CONTEXTO DA MUDIATIZAÇÃO RADIOFÔNICA	61
3.1. Mudiatização radiofônica – processos de constituição, desenvolvimento e dimensões constitutivas.....	62
3.1.1. Perspectiva tecnológica e econômica.....	63
3.1.1. Cultura radiofônica	65
3.1.3. A linguagem radiofônica	69
3.1.4. Os gêneros	72
3.1.4.1 A radionovela	76
3.1.4.2. A música	77
3.1.4.3. Os programas de auditório	79
4. A MUDIATIZAÇÃO RADIOFÔNICA NA RECEPÇÃO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS	81
4.1. A mudiatização da sociedade como um processo referencial	81
4.2. Trajetórias da escuta radiofônica	90
4.3 Temporalidades e espacialidades nas relações com o rádio	95
4.4. Usos e <i>habitus</i> como configuração na trajetória de escuta	97
4.5. Competências radiofônicas	103

4.6. As mediações nos processos de escuta do rádio	106
4.7. As configurações da memória	109
4.8. Públicos, mídias e suas memórias	112
5. TRAJETÓRIA DE ESCUTA DO RÁDIO: HÁBITOS, MEDIAÇÕES E SENTIDOS.....	123
5.1. Os radiouvintes entrevistados: um perfil	124
5.1.1 Radiouvintes de Porto Alegre	124
5.1.2 Radiouvintes de Barcelona	131
5.2. Hábitos, contextos, ambiências de escuta e mediações	134
5.3. Sentidos relacionados à escuta e mediações	138
6. PARA CONCLUIR: TRILHAS PERCORRIDAS, CAMINHOS EM CONSTRUÇÃO.....	162
REFERÊNCIAS.....	173
APÊNDICES.....	181
Apêndice A - Roteiro de questões para aproximação com os ouvintes	182
Apêndice B - Questionário de aproximação com ouvintes em locais públicos de Porto Alegre	183
Apêndice C – Questionário Exploratório	184
Apêndice D – Tabelas dos dados exploratórios	186
Apêndice E – Roteiro entrevista 1- Aspectos da escuta radiofônica na infância e adolescência	194
Apêndice F – Roteiro entrevista 2- Aspectos da escuta radiofônica na idade adulta e nos tempos atuais	197
Apêndice G - Roteiro de entrevistas realizado em Barcelona	204

1. INTRODUÇÃO

A problemática fundamental desta pesquisa está relacionada aos processos de constituição da cultura radiofônica na recepção, configurados como memória de radiouvintes que acompanharam o desenvolvimento do rádio desde meados do século XX e que hoje são indivíduos idosos, considerando as apropriações, usos, recusas, sentidos e mediações envolvidas em toda essa trajetória. São vitais para a tese, desde sua gênese, até sua conclusão, os relacionamentos que emanam do entrecruzamento de questões relacionadas, prioritariamente, ao rádio e aos conceitos de memória e recepção.

As elaborações contidas na tese se dão no intuito de responder à seguinte questão, que norteia centralmente a investigação: *como os processos de constituição do rádio como mídia se concretizam nas trajetórias de escuta constituídas como memória radiofônica na recepção?* Ao indagar como os processos de escuta do rádio foram se configurando e participando na conformação de uma memória midiática radiofônica de ouvintes hoje idosos, e constituindo assim parte de suas histórias de vida midiática, está se refletindo sobre como a cultura midiática radiofônica se desenvolve e gera sentidos, buscando descrever e analisar tais processos de uma perspectiva dos ouvintes.

São, pelo menos, duas vertentes bastante nítidas operando como pontos-chave na investigação: por um lado, a perspectiva/posição/situação/lugar que ocupa o receptor nesse processo comunicacional radiofônico, por outro, o processo de midiaticização que atravessa a existência dos indivíduos, e nessa tese em particular, visto na perspectiva do rádio.

É importante salientar que os processos radiofônicos interessam à pesquisa, em primeiro lugar, do ponto de vista do receptor, ou seja, o rádio e suas configurações refletidas e representadas no âmbito da memória midiática que os ouvintes constroem nos processos de recepção radiofônica. Desde esta perspectiva e assumindo que a linguagem radiofônica é uma dimensão fundamental nesse processo

de estabelecimento de relações com a recepção, emergem outras indagações mais específicas:

- Como os contextos da produção e de oferta radiofônica relacionados a gêneros, programas, personagens se relacionam com as marcas da memória radiofônica dos ouvintes?
- Como os aspectos constituintes da linguagem radiofônica (oralidade, sonoridades, musicalidade) participam na configuração das marcas da memória radiofônica?

Ao elaborar questionamentos referentes à memória radiofônica no âmbito da recepção, estamos falando não de um simples acionamento de uma lembrança marcante, mas da marca de um forte relacionamento histórico e vital com o midiático, que possibilita aos ouvintes desenvolver a capacidade de estabelecer relações, de realizar comparações, de configurar competências radiofônicas e matrizes de gosto, fazendo com que passado e presente de referências midiáticas possam dialogar. É o desenvolvimento da história de vida radiofônica e que tem o seu valor também como história midiática, pois é vivenciada pelos ouvintes, está inscrita em suas memórias, é parte de toda uma experiência vivida com o midiático.

O foco na recepção para um grupo específico de radiouvintes, os hoje idosos, não se dá ao mero acaso e traz consigo um elemento fundamental e intransferível para a problemática: os idosos são hoje em nossas sociedades os únicos indivíduos capazes de fornecer elementos que nos permitam realizar reflexões e elaborações acerca de uma memória radiofônica vivida.

Compreender como se dão os processos envolvidos na constituição dessa trajetória vivida com o rádio requer também o entendimento de outras articulações que participam na conformação desse processo. Nesse caso, questões relacionadas à participação do cotidiano na escuta passada e presente, considerando em seu interior os *habitus* de escuta e outras mediações envolvidas na relação com o rádio, também são aspectos de fundamental importância.

Neste âmbito da recepção, a questão central da investigação se desdobra, considerando dimensões vistas como cruciais para a sua compreensão:

- Que usos, apropriações, significações, pactos, recusas relativos a gêneros, emissoras, programas, protagonistas e linguagem radiofônica se configuram nas marcas da memória dos ouvintes a partir da sua trajetória de relações com o meio?
- Que competências radiofônicas se configuram e marcam essa trajetória de relações com o rádio?
- De que maneira mediações relacionadas ao *cotidiano* - rotinas, trabalho, relações familiares e sociais, competências culturais e vinculações com outros meios - participam na constituição das marcas da memória radiofônica?
- Que mudanças e redefinições se processam e marcam a trajetória de relações com o rádio e que aspectos estão implicados nestas reconfigurações?
- Como a cultura radiofônica constituída na memória dos ouvintes se relaciona com o consumo radiofônico presente?

Estudar, então, configurações midiáticas que presentificam aspectos de uma memória radiofônica construída com o passar dos anos é buscar refletir sobre o que foi vivido, mas não uma vivência guardada no passado, e sim a experiência que ainda hoje está presente, pois configura a trajetória do indivíduo com as mídias. Essa é a perspectiva que busca compreender as configurações do relacionamento com o rádio a partir da experiência expressa por seus ouvintes no que diz respeito a uma trajetória de escuta construída e que constrói, com o passar dos anos, memórias radiofônicas que carregam todo um repertório de usos, competências e gostos criados e mobilizados.

Esses elementos só podem ser totalmente compreendidos quando percebidos em articulação com a oferta feita pelo próprio rádio. Não só os próprios ouvintes desenvolvem gostos e competências, a partir de suas vivências com o meio, mas o próprio rádio, utilizando seus gêneros, suas estratégias de programação, torna seus ouvintes competentes. É um caminho de mão dupla.

Na perspectiva da atualidade, do que experienciamos hoje pode-se dizer que cultura midiática (MATA, 1991) é cada vez mais presente nas diferentes sociedades. É também o reflexo de uma centralidade que os meios foram adquirindo no cotidiano dos indivíduos. Pode-se dizer que, de certa maneira, essa prática está sendo cada vez mais “naturalizada”. Nesse sentido é que as sociedades são interpeladas a realizarem

novos arranjos que dêem conta da complexidade que esses formatos impõem. A cultura midiática propõe “*un nuevo modo en el diseño de las interacciones, una nueva forma de estructuración de las prácticas sociales, marcada por la existencia de los medios*” (MATA, 1991, p.84). E no interior desses arranjos, uma profusão de relações possíveis no âmbito dessa cultura, onde o rádio figura como o meio de comunicação que acionou o caráter verdadeiramente massivo dos meios de comunicação.

A escolha do rádio como o meio de comunicação a ser investigado se dá também pelo caráter popular (embora não só) que traz em si; é muito provável que mesmo em uma residência de poder aquisitivo muito baixo seja encontrado um aparelho radiofônico. E a questão relacionada ao popular é importante na medida em que se reconhece a riqueza e a multiplicidade que sua constituição abarca. Além disso, a escuta radiofônica é um hábito que acaba passando de geração a geração; transforma-se, mas em grande parte das vezes, persiste. E é justamente o reconhecimento da existência dessa persistência, que toma lugar na escuta, e que em perspectiva de trajetória, é transformada em *habitus* de consumo, em usos, sentidos, significações que a investigação busca compreender.

É nesse contexto que esta investigação está situada, considerando especialmente as relações existentes entre o rádio e seus públicos, buscando compreender as maneiras como se dão as manifestações, apropriações, usos, recusas, entre outros, com relação à oferta midiática radiofônica por parte dos ouvintes, buscando também subsídios para tentar relacionar os modos como se apresentam as configurações entre a escuta passada e presente e as significações geradas por indivíduos idosos.

O que se objetiva, então, é realizar um trabalho que possa também representar uma contribuição aos estudos realizados no âmbito do campo da comunicação, especialmente no que diz respeito à relação do rádio e seus públicos. E de uma forma ainda mais detida, seria possível dizer que o trabalho que a investigação se empenha em desenvolver, nessa busca em compreender elementos que estão relacionados à trajetória dos ouvintes com o rádio, promovendo dessa maneira uma articulação entre escuta passada e presente, é um esforço que se caracteriza por ser tanto árduo quanto

relevante. Especialmente se for considerado o fato de que essa trajetória que se busca compreender, onde são relacionados ouvintes que acompanharam o desenvolvimento do rádio desde o começo de sua popularização, em meados da década de 1930 e 1940 do século passado, só poderá ser descrita e analisada na atualidade, nesses próximos anos.

Essas memórias radiofônicas que emergem a partir da história desses ouvintes com o rádio não serão mais possíveis de serem acessadas daqui a alguns anos, pois os protagonistas dessa história, esses ouvintes, não estarão mais aqui para relatá-las. Compreendo, então, a importância de empreender estudos desta natureza, uma vez que representam também uma contribuição científica no que se refere à articulação entre o rádio e seus públicos, além de vincular também questões sobre memória e indivíduos idosos. O foco central de preocupações está relacionado ao midiático, o que não minimiza a importância de outros elementos envolvidos.

Dessa maneira, o direcionamento dado nessa investigação é um trabalho realizado no tempo presente, que a partir dele também olha para o passado com a preocupação de ofertar tais registros para o futuro, onde poderá auxiliar na compreensão de outros processos, com outros protagonistas e suas memórias midiáticas e midiaticizadas.

Em meio a uma profusão de aspectos relevantes e justificáveis de um ponto de vista midiático, foco de interesse do campo de estudos ao qual me encontro inserida como pesquisadora, sinto que há sentido em alargar os horizontes – mesmo que momentaneamente – para poder perceber importantes elementos constitutivos do processo de realização de uma investigação científica.

Esse horizonte ampliado, na minha percepção, está fortemente relacionado a um modo de entender o fazer científico, de conceber e trabalhar com as práticas envolvidas no processo de construção dessa modalidade de conhecimento. Partindo desse ponto de vista, existem concepções presentes que, de maneira fundamental, validam ou mesmo amparam essas perspectivas. Jesús Martín Barbero, ao realizar uma espécie de re-visita aos caminhos por ele trilhados na sua trajetória como

investigador, explicita o seu entendimento acerca de questões envolvidas na maneira como percebe e conduz o seu ofício.

La reacción vino de la voz escandalizada de un participante que enfáticamente me preguntó: “Si todos los otros conferencistas están hablando del poder de los medios que hoy constituye la tecnología? que hace usted hablándonos de brujas y anarquistas? Me quiere explicar de dónde y a qué viene esa obsesión suya con lo popular?” Mi respuesta impensada – y que me ha dado mucho que pensar después – fue esta: “Quizás lo que estoy haciendo, cuando en la investigación valoro tan intensamente lo popular, es rendir un secreto homenaje a mi madre”. El largo silencio que siguió a mi respuesta me hizo caer en la cuenta de lo que de profunda sorpresa había en ella para mí mismo. Y a tematizar las razones y los motivos de la relación entre la desubicación, que mi posición teórica me acarrea, y la sorpresa que yo mismo me acababa de llevar, dediqué De los medios a las mediaciones. Largo y difícil trecho pero secretamente iluminado (benjaminianamente) por aquel dicho de Gramsci: “solo investigamos de verdad lo que nos afecta”, y afectar viene de afecto. (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 22).

Talvez não tenha encontrado até o momento palavras mais elucidativas para expressar um ponto de vista do qual compartilho intensa e incondicionalmente. Uma perspectiva que enxerga os problemas/objetos para além de um recorte científico/pragmático, mesmo que reconheça e trabalhe de maneira detida e responsável, respeitando, reconhecendo e considerando todo o valor que carregam consigo. De todas as formas, reflito aqui acerca de tais questões porque as vejo como partes constituintes da maneira como percebo a investigação científica e que, de diferentes formas e intensidades, me afetam como pesquisadora e como ser humano.

1.1. Objetivos

1.1.1. Objetivo geral

A pesquisa tem como objetivo principal investigar os processos de midiáticação radiofônica na perspectiva da recepção, buscando compreender como se configura a cultura radiofônica dos ouvintes a partir das marcas de memória constituídas na trajetória de escuta do rádio.

1.1.2. Objetivos específicos

a) Relativos aos contextos de produção e de oferta radiofônica

- Contextualizar aspectos da cultura midiática radiofônica constituída nos processos de produção e de oferta no intuito de entender suas relações com as marcas de memória dos radiouvintes.
- Caracterizar elementos constituintes da linguagem radiofônica, relativos à oralidade, sonoridade, musicalidade, buscando compreender como participam no processo de constituição da cultura radiofônica midiática e midiaticizada.

b) Relativos à recepção radiofônica

- Identificar e sistematizar usos, apropriações, recusas e contextos de escuta configurados como marcas de memória e também na escuta presente, buscando compreender como se constitui e se expressa a cultura radiofônica na perspectiva dos ouvintes.
- Entender como, na trajetória da relação dos ouvintes com o rádio, se constituíram os pactos e contratos estabelecidos com o meio, os *habitus* e as competências radiofônicas.

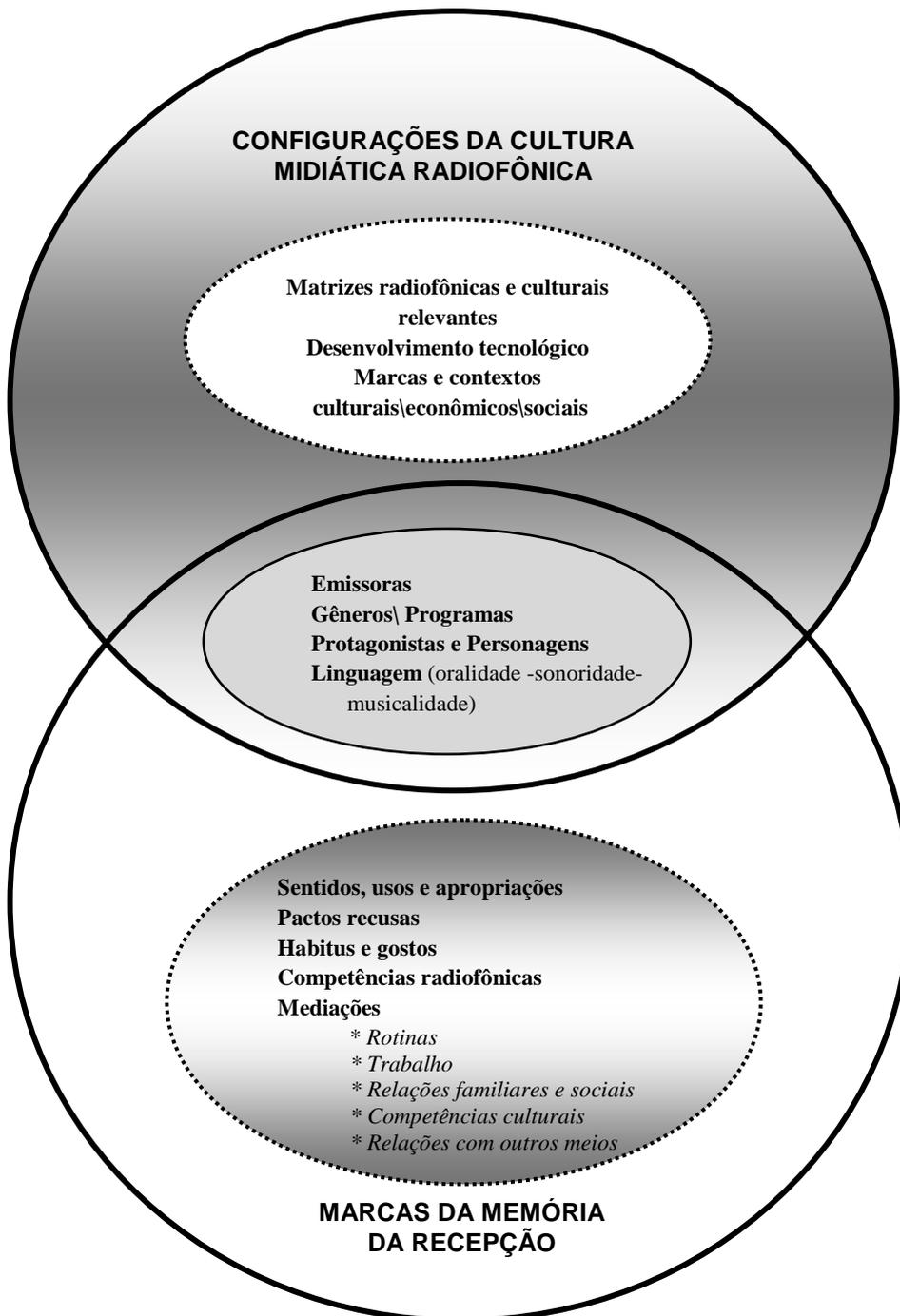
- Investigar como a cultura midiática, constituída nos contextos de produção e de oferta radiofônica (emissoras, programas, protagonistas e personagens radiofônicos) e caracterizada por especificidades do meio (oralidade, sonoridade, musicalidade), configura as marcas da memória radiofônica dos ouvintes.
- Caracterizar as mediações socioculturais relacionadas ao *cotidiano* – *nas suas dimensões de* rotinas, trabalho, relações familiares e sociais, competências culturais e vinculações com outros meios, buscando compreender como atuam na constituição da cultura radiofônica configurada nas marcas de memória e na escuta presente dos ouvintes.

1.2 Esquema sinóptico da problemática

CULTURA RADIOFÔNICA NA MEMÓRIA DA RECEPÇÃO

Questão central:

Como os processos de constituição e consolidação do rádio como mídia se concretizam no desenvolvimento de trajetórias de escuta constituídas como memória radiofônica na recepção?



Questões geradoras:

- Como os processos de constituição do rádio como mídia se concretizam nas trajetórias de escuta constituídas como memória radiofônica na recepção? Como os aspectos constituintes da linguagem radiofônica (oralidade, sonoridades, musicalidade) participam na configuração das marcas da memória radiofônica?

Questões geradoras

Que usos, apropriações, significações, pactos, recusas, relativos a gêneros, emissoras, programas, protagonistas e linguagem radiofônica se configuram nas marcas da memória dos ouvintes a partir de sua trajetória de relações com o meio?

- Que competências radiofônicas se configuram e marcam essa trajetória de relações com o rádio?
- De que maneira mediações relacionadas ao cotidiano simbólico - rotinas, trabalho, relações familiares e sociais, competências culturais e vinculações com outros meios - participam na constituição das marcas da memória radiofônica?
- Que mudanças e redefinições se processam e marcam a trajetória de relações com o rádio, constituídas pelas marcas da memória, e que aspectos estão implicados nestas reconfigurações?
- Como a cultura radiofônica constituída na memória dos ouvintes se relaciona com o consumo radiofônico presente?

1.3. A estruturação da Tese

Esta tese está estruturada em seis capítulos. Este *Capítulo 1 - Introdução* foi dedicado à apresentação dos contornos da problemática da pesquisa, da sua justificativa e dos seus objetivos. Um esquema sinóptico sintetiza a problemática investigada no final do capítulo.

No *Capítulo 2 - Estratégias metodológicas*, revisito o processo de construção da pesquisa, explicitando os percursos, as decisões, opções e os procedimentos desenvolvidos na perspectiva de dar conta da problemática investigada. São explicitados os processos de constituição da problemática da tese; o percurso de pesquisa empírica exploratória e as pistas e constatações obtidas; os caminhos percorridos na construção e na realização da pesquisa sistemática e, finalmente, os processos de sistematização e análise dos dados.

O *Capítulo 3 - Concepções teóricas e aspectos relativos ao contexto da mediação radiofônica* tem foco no rádio. Nele realizo um duplo movimento: um de natureza teórica, outro contextual. No primeiro movimento, trabalho proposições teóricas para pensar as especificidades da linguagem radiofônica, considerando os gêneros nela contidos, personagens presentes no contexto radiofônico passado e presente, emissoras e programas radiofônicos marcantes. Tais aspectos foram pensados a partir de suas vinculações com a recepção. No segundo movimento, incursiono pelo processo de mediação radiofônica, destacando alguns elementos-chave que adquiriram significação na configuração das memórias radiofônicas da recepção.

As perspectivas teóricas que sustentam a compreensão da recepção com a qual trabalho nesta investigação são desenvolvidas no *Capítulo 4 - Perspectivas teóricas para entender a mediação radiofônica desde as memórias da recepção*. Neste capítulo, trabalho a noção de mediação, construo perspectivas para compor uma compreensão das trajetórias de escuta radiofônica, reflito sobre as temporalidades e espacialidades e suas relações com o rádio; sobre os usos, *habitus* e competências radiofônicas constituídos na trajetória de escuta; sobre as mediações implicadas nos processos de escuta do rádio e das configurações da memória.

O *Capítulo 5 - Trajetória de escuta do rádio: hábitos, mediações e sentidos* é dedicado à análise dos dados relativos às memórias dos radiouvintes. A análise estrutura-se a partir de dois eixos articuladores: o primeiro, que relaciona hábitos, contextos de escuta e mediações, e um segundo movimento onde se destacam os sentidos da escuta. Com base nesses eixos, realizo a análise descritiva e interpretativa das narrativas de memória radiofônica obtidas com os radiouvintes entrevistados na investigação.

Finalmente, no *Capítulo 6 - Para concluir: trilhas percorridas, caminhos em construção*, que encerra a tese, alinhavo as conclusões advindas de toda a empreitada realizada na pesquisa, destacando as principais descobertas da investigação.

2. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Arquitetar, planejar e, principalmente, alicerçar uma investigação representam – a exemplo de uma edificação – ações primordiais para que o projeto possa seguir adiante, com a base e a solidez necessárias para se sustentar. No entanto, para se chegar ao ponto em que a estruturação se mostre sólida e capaz de suportar toda a construção, muitas idas e vindas, ajustes, readequações e revisões são importantes, necessárias e esperadas. De certa maneira, demonstram também o cuidado, a responsabilidade e o zelo com a qual é concebido todo o projeto. É assim que visualizo a investigação que estou construindo e considero que os percursos metodológicos que vêm sendo desenhados até então ocupam o lugar de estruturação para a tese.

Sendo assim, julgo necessário revisitar reflexivamente o percurso até então realizado, pois nele estão contidos os direcionamentos dados, as decisões, as opções, os avanços, as revisões e fundamentações necessários para conformar a estruturação da pesquisa. Explicitar esses movimentos expressa também uma concepção onde a pesquisa é mostrada por inteiro, nas tentativas bem sucedidas ou não, nos acertos, mas também nos equívocos que, de distintas maneiras, possibilitaram outros direcionamentos, que apontaram para outras necessidades até então não percebidas. Interessa com esse percurso mostrar não somente a construção acabada, mas todo o ‘canteiro de obras’ necessário para se chegar a ela. A seguir, então, a exposição de todo esse processo.

2.1 A pesquisa da pesquisa

Entre os primeiros movimentos realizados para a construção da investigação está o trabalho de “pesquisa da pesquisa”, que propiciou a busca e análise inicial dos trabalhos desenvolvidos em áreas de interesse para a investigação. Essa etapa, além de propiciar a aproximação com estudos afins que possibilitaram situar em relação ao conhecimento já produzido e relacionado à investigação, ofereceu importantes pistas

até mesmo para a delimitação de aportes teóricos e metodológicos da pesquisa em desenvolvimento.

Ao buscar, vasculhar, descobrir pesquisas que trouxessem aportes interessantes para a pesquisa em desenvolvimento, especialmente em um estágio mais inicial, fui percebendo a necessidade de realizar algumas delimitações que se mostraram importantes para o bom andamento dessa atividade. A problemática que envolve o problema/objeto que construo apresenta nuances que relacionam uma série de diferentes aspectos: comunicação- rádio- midiatização- idoso- memória, citando alguns dos principais. No percurso dessa atividade, optei por investigar, em um primeiro movimento, especialmente dois aspectos: questões relacionadas à *memória*, por um lado, e aspectos que estão relacionados aos elementos que envolvem problemáticas em que o *idoso* está presente, em outra vertente.

Além da escolha pelos temas ou assuntos a serem investigados, precisei optar, também, pelos caminhos que iria trilhar nesse percurso. Escolhi então a via digital, por ter tido até então pouca exploração nesse âmbito. Em primeiro lugar, elenquei o espaço que a Capes destina para a verificação das teses e dissertações. Em um segundo passo, visitei algumas bibliotecas digitais de universidades, das quais destaco nesse trabalho preliminar PUCRS, UNICAMP, UFRGS e Unisinos. Essa opção também se deu em função de uma parcela significativa de universidades que possuem programas de Pós-Graduação destinarem um espaço para o acesso de dissertações e teses desenvolvidas, algumas disponibilizando esses trabalhos na íntegra. Quando já encerrava as buscas, em função da necessidade de sistematizar o meu percurso, tive o conhecimento do “Google Acadêmico”, uma variação do buscador “Google” direcionada especialmente àqueles que buscam artigos, pesquisas e trabalhos acadêmicos. Essa foi também uma importante ferramenta para a investigação de outros trabalhos, pois permitiu uma entrada mais direta nos assuntos de interesse.

Mesmo tentando abrir diversas “frentes” nessa pesquisa, é possível dizer que a busca por investigações que tematizassem a questão do idoso acabou se sobrepondo às demais. Na pesquisa realizada no portal da Capes, aparecem alguns trabalhos nos quais podemos observar especialmente a temática do idoso vinculada

às suas representações nos meios de comunicação. Dois elementos apareceram de maneira mais forte nesse aspecto: as representações via televisão e as operadas via publicidade. Essas representações explicitam e trazem à tona a discussão de algumas angulações que podem ser consideradas como expressão da forma como o “ser idoso” é percebido e tratado nas sociedades, ou seja, pelo não respeito aos seus direitos, e a presença de uma visão que o considera como um peso social. Esses trabalhos são realizados especialmente no âmbito de PPGCOMs como PUCSP, ECO/UFRJ e ECA/USP. Em minha investigação, esses elementos não representavam focos centrais, pois não objetivava discutir a representação do idoso na mídia; entretanto, foi importante perceber questões relacionadas ao universo de indivíduos com os quais estaria em contato.

Outra vertente também bastante expressiva que apareceu relacionada às pesquisas em comunicação é desenvolvida no PPG Múltiplos da UNICAMP. Nessa instituição, os trabalhos que trazem discussões relacionadas à temática dos idosos se desenvolvem mais em uma perspectiva da recepção e trabalhando muito atentamente com materiais fotográficos. É um enfoque vinculado à comunicação visual e tem uma implicação direta nas significações dos idosos. Eles são considerados os protagonistas na problemática, uma vez que as fotografias estudadas são parte integrante de seus arquivos particulares. Na PUC-SP também foi possível encontrar abordagens pelo viés da fotografia, observando os sentidos e/ou representações da velhice. Abordagens dessa natureza foram importantes de serem percebidas porque propiciaram considerar o uso de materiais de apoio (de natureza midiática como recortes de revistas, jornais, discos, ou de natureza pessoal como fotografias, cartas, documentos e outros objetos) na investigação.

Entretanto, quando se está buscando trabalhos científicos nos quais a temática do idoso é central, o que se percebe é uma tendência multidisciplinar. Esse é o caso da Gerontologia, uma área de investigação que está preocupada com as diferentes implicações e problemáticas decorrentes da velhice, com estudos que vão desde a medicina até a sociologia. Diversas outras áreas também estão preocupadas com a questão do idoso, partindo de abordagens próprias de seus campos e que muitas vezes utilizam os meios como forma a exemplificar seus objetos, sem que para isso investiguem os processos comunicacionais em si, como em nosso campo, sendo os

meios “pretextos” outras abordagens. Nesse âmbito, estão áreas como a sociologia, a antropologia, a psicologia, a enfermagem, o serviço social, a medicina, entre outros.

Nesse sentido, essa abordagem inicial propiciou perceber a necessidade de se debruçar sobre os estudos de outras áreas para entender dois eixos principais da minha investigação, idosos e memória, visto que existem questões discutidas para além da comunicação acerca dessas duas temáticas e que estão em estágio bastante avançado. Seria necessário o contato com essas elaborações para não repetir simplesmente o que já foi dito com a falsa idéia de se estar trazendo algo essencialmente novo.

No intuito, então, de delimitar ainda mais detidamente alguns pontos importantes de serem refletidos, optei, em um “segundo” momento de realização da “*pesquisa da pesquisa*”, por focalizar dois tópicos de fundamental interesse nessa investigação: apropriações dos idosos acerca da mídia e as relações que cercam a vida daqueles que vivem em instituições como asilos. Para isso, concentrei o trabalho em estudos pontuais e completos que investigam essa problemática de uma perspectiva das Ciências Sociais Aplicadas, nesse caso o Serviço Social, em nível de dissertação de mestrado, desenvolvidos na PUC-RS. A primeira delas, que trata das questões da institucionalização, é denominada *Idoso Institucionalizado: suporte, abrigo ou segregação?*, de Cleusa Mazuim. A outra, que traz reflexões que envolvem problemáticas da mídia é *O significado do cinema na trajetória e história de vida dos idosos*, de Irene Angelos.

A opção por explicitar a trajetória desses dois trabalhos se dá, de um lado, pela necessidade de compreender elementos presentes no cotidiano do idoso que passa a viver em uma instituição especializada¹, e de outro, buscar conhecer o desenvolvimento de um trabalho onde a problemática mídia/idoso está presente. Nesse caso específico, há de se considerar que não é uma pesquisa desenvolvida no âmbito da comunicação, mas sim um trabalho que se apropria de objetos midiáticos

¹ A questão relacionada ao idoso institucionalizado e não institucionalizado foi motivo de diversas reflexões até mesmo no âmbito do Seminário de Tese II, onde se afirmava a necessidade de se trabalhar com os diferentes modos de vida relacionados ao idoso. Isso porque diferentes formas de viver poderiam estar implicadas em diferentes formas de se relacionar com o rádio, tanto em uma

para refletir a questão do idoso. Tenho então a consciência da distinção entre esse trabalho e o da minha investigação, que buscou refletir a questão do idoso para compreender elementos específicos do processo midiático, com ênfase em questões radiofônicas. Por essa razão, acho que movimentos dessa natureza são produtivos, pois permitem deslocamentos e novos olhares para que depois se agreguem elementos ao nosso lugar de origem como pesquisadores.

Refletindo sobre o trabalho que tematiza a institucionalização dos idosos, poderia dizer que ele foi suscitador de uma série de elementos que estão presentes nessa problemática central, mas também de outras questões que são inerentes à condição do idoso, ao processo de envelhecimento da população, das principais características da população idosa que vive em instituições especializadas, entre outras.

Entre as questões levantadas por Cleusa Mazuim, e que particularmente me chamaram a atenção e me despertaram para começar a observar como isso iria se dar na investigação que desenvolvia, está a questão da preponderância feminina entre a população idosa. No caso específico da pesquisa desenvolvida pela autora, há 69% de mulheres em um universo de 70 pessoas. A explicação mais direta para esse fato, que se repete em outros estudos que envolvem idosos, desde a perspectiva de diferentes áreas, é a expectativa maior de vida das mulheres². Diria então que é uma questão sócio-biológica, pois envolve fatores como a morte de um número maior de pessoas do sexo masculino por violência, em situações de guerras, em acidentes de trânsito. Também é observado o fato de que, apesar de muitos trabalhos apontarem para essa questão da preponderância feminina na população idosa, é a minoria das pesquisas que reflete detidamente sobre a questão de gênero e todas as suas implicações nos grupos de idosos. Essa pesquisa diagnóstica que no seu âmbito de estudo a televisão se configura como o meio de comunicação mais utilizado pelos idosos como forma de entretenimento. Entretanto, essa é apenas uma constatação que

perspectiva passada como presente, fato que eu pude considerar como sendo verdadeiro e até mesmo fundamental, durante as entrevistas realizadas na etapa exploratória.

² De acordo com os dados que constam do Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil, realizado no ano de 2000 pelo IBGE, para cada 100 mulheres acima de 60 anos, existem 81,6 homens na mesma faixa etária. O percentual nacional de mulheres para nessa faixa etária é então de 55,1%. Se considerada somente a região sul do Brasil o percentual já é 55,3%. Estes são dados que precisam ser melhor refletidos e confrontados com a realidade vivenciada pela investigação.

não é problematizada ou mais detidamente refletida. Por um lado, isso pode ser justificado pela área a que o trabalho se vincula não ser a da comunicação, não possuindo então preocupações maiores com a questão comunicacional.

Outro importante movimento observado no trabalho é a explicitação do que se está considerando como o idoso nesta pesquisa. O estudo parte de parâmetros estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para então relacionar o que efetivamente é o idoso na investigação. Esse é um importante movimento relacionado à forma de garantir uma especificidade para a investigação e, com isso, tentar assegurar um melhor desenvolvimento do trabalho. Além disso, esse mesmo movimento é realizado para definir e caracterizar os diferentes tipos de instituições que cuidam de idosos, em termos de suas características, constituição, funcionamento, público a que se destinam, capacidade de atendimento, entre outras.

No momento em que a pesquisa começa efetivamente a relacionar as questões dos idosos, colocando-os como protagonistas no problema a ser investigado, são importantes as manifestações que relatam o estranhamento na vida das instituições, no sentimento de falta dos utensílios e objetos do lar, na saudade do cotidiano da casa e seus entornos. Essas são questões bastante específicas de uma situação na qual os indivíduos vivem em instituições com regras próprias e muitas vezes rígidas para os padrões até então vivenciados por eles. A autonomia do quando e como fazer as atividades mais simples é tolhida e eles precisam reaprender as experiências do cotidiano. Para finalizar, pode-se dizer que as implicações de uma vida em instituição nos moldes expostos por essa pesquisa sugerem muitas questões a serem observadas e que podem diferir muito de uma vida cotidiana anterior. Essa relação entre esse “antes” e “depois” da vivência na instituição pode fornecer muitas pistas e até mesmo respostas para as indagações em questão. Na etapa exploratória realizada foi possível perceber concretamente a importância de relacionar modos de vida no passado e no presente, considerando seus distintos arranjos e configurações. No que se refere a implicações na escuta radiofônica, a relação e diferenciação na forma com que passado e presente são/foram experienciados, é perceptível, e um elemento relevante para se compreender a maneira como diferentes configurações de vida

(trabalho, moradia, relações sociais) participam na experiência da escuta radiofônica³.

A outra pesquisa elencada aqui para ser refletida trata do cinema e sua participação na história de vida dos idosos. É interessante de ser percebida como a manifestação de significações geradas por processos midiáticos, nesse caso específico o cinema, opera na vida dos idosos. Para perceber e refletir sobre essas questões, a pesquisa se propõe a utilizar a história oral. Entre as constatações, há uma espécie de paralelo entre a trajetória de vida dos indivíduos e a significação relacionada aos filmes. Como na pesquisa anteriormente relatada, há uma participação bastante superior de mulheres, em número de 16, para a relação de três homens somente⁴. Toda a investigação é desenvolvida no âmbito de um grupo de convivência da terceira idade, dentro de um projeto da PUCRS, onde eram promovidas sessões para a audiência de filmes onde também havia o espaço para comentários.

O objetivo principal da pesquisa era compreender os sentidos que os idosos dão para os filmes, buscando descobrir a relevância deles nas suas vidas, processos de identificação e lembranças de personagens, a possibilidade de estabelecer relações dos filmes com a sua própria vida, entre outras. Todo o aporte teórico utilizado teve como base a discussão do envelhecimento da população brasileira e mundial, e também questões vinculadas a direito e cidadania. No que se refere aos aportes teórico-metodológicos em um âmbito comunicacional, pode-se dizer que a pesquisa é carente, pois se ocupa de um objeto de investigação comunicacional, mas não de um ponto de vista do campo da comunicação, o que, neste aspecto, torna-se limitado enquanto uma discussão sobre relações mídias/receptores.

Um ponto bastante trabalhado nessa dissertação diz respeito à utilização de um aporte teórico ofertado pelas teorias sociológicas do envelhecimento. Essas teorias apresentam diversos desdobramentos onde estão incluídos elementos como: o afastamento ou desengajamento; atividade; modernização; cultura; estratificação por

³ Na análise da etapa exploratória, questões dessa natureza são melhor explicitadas.

⁴ A pesquisa não explicitou porque essa amostra foi composta, se por uma prevalência muito superior de mulheres ou por alguma outra opção da investigação.

idade e perspectiva do curso de vida. Esses dois últimos tópicos são especialmente interessantes de ser melhor aprofundados, pois oferecem uma visão que apresenta uma perspectiva etária tendo similitudes e diferenças, refletidas de uma perspectiva sócio-histórica. No caso do curso de vida também há uma pluralidade de perspectivas, não sendo considerada a idade como o único componente de organização do curso da vida. De uma maneira rápida, o trabalho situa também alguns pontos sobre a origem e desenvolvimento do campo de estudos da Gerontologia, área essencialmente multidisciplinar preocupada com os mais diferentes aspectos do processo de envelhecimento.

Na perspectiva de utilização que o trabalho faz da história oral, situa-a como a possibilidade de revelar realidades que raramente aparecem em documentos oficiais, especialmente de natureza escrita. Reconhece, entretanto, suas limitações, especialmente no que diz respeito às expressões muitas vezes restritas da memória. Mesmo assim, chama a atenção para os méritos dessa metodologia, como a possibilidade da parceria que se cria entre o entrevistador e o entrevistado durante o processo de desenvolvimento da investigação. Lembra ainda que a história oral permite que o idoso tenha uma participação efetiva no processo e, com isso, também se sinta valorizado como indivíduo. Foi importante perceber experiências dessa natureza para considerar as opções metodológicas realizadas, com suas potencialidades e limites. No caso da investigação que desenvolvi, a história oral é um importante apoio para a elucidação de marcas de memória, fundamentais para a compreensão da trajetória de escuta radiofônica construída pelos participantes/ouvintes, sendo necessário seu uso de forma a responder aos requerimentos feitos pelo objeto.

Nas significações geradas pelos idosos aparece toda uma expressão de *ritualidades* presentes na memória do cinema da juventude, a relação com um cinema assistido no passado e com o disponível na atualidade. Tais manifestações foram interessantes de serem observadas no desenvolvimento do meu trabalho, que também articula audiência passada e presente, bem como todas as ritualidades envolvidas nesse processo. Observa-se também de uma maneira bastante evidente as competências cinematográficas expostas pelos idosos. Eles relacionam filmes, analisam as personagens, as produções, os roteiros. Além disso, possuem toda uma

memória bastante afetiva com os rituais que envolviam o cinema, especialmente em sua juventude. Esses dados trouxeram à tona questões que apontam, na minha investigação, para a percepção de como os processos de marcas de memória, relacionadas preponderantemente ao midiático, se constituem, se estabelecem ou mesmo se modificam. Como esses mecanismos operam, o que há de específico em suas constituições, que vinculações podem ser percebidas e de que maneira acontecem? Também em uma perspectiva complementar, como essas próprias marcas de memória se relacionam com as competências radiofônicas constituídas ao longo de uma vivência de anos com o rádio, de que forma esses múltiplos processos se comunicam, se complementam, se relacionam. E dentro dessa multiplicidade, como outros elementos colaboram, se pensarmos nas próprias questões afetivas, no caráter de sensibilidade que vincula o radiofônico com outros tantos processos no decorrer de uma vida; de que maneira isso se dá, que elementos podem ser situados e qual o papel que exercem em uma configuração de trajetórias de significação vinculadas à escuta de rádio?

Tanto em uma pesquisa quanto na outra são utilizados procedimentos metodológicos bastante simples, questionários mais ou menos fechados, com um número bastante limitado de questões. Não há uma explicitação muito clara da aplicação desses procedimentos, o que seria um importante subsídio no caso especial da realização dessa pesquisa da pesquisa. Além disso, a opção por questionários mais fechados pode acabar restringindo o trabalho em alguns casos pois, para dar conta de questões mais reflexivas e aprofundadas, nem sempre é o único instrumento suficiente. O que pode ser questionado também é o fato de que a história oral solicita procedimentos mais flexíveis, o que parece incompatibilizar com o uso exclusivo de questionários fechados.

Sendo assim, as temáticas “*idoso*” e “*memória*”, muito mais novas no meu repertório de vivência em pesquisa, exigiram um esforço inicial maior para buscar compreender seu universo de desenvolvimento. Esse esforço foi necessário para compreender questões fundamentais de interesse para a pesquisa. Nesse trabalho de “*pesquisa da pesquisa*” percebi, em função de trabalhos já desenvolvidos e especialmente- daqueles que pude me aproximar de maneira mais efetiva, a

prevalência da população idosa feminina⁵, e a possibilidade e fecundidade do uso da história oral como um método para investigar sujeitos idosos, ou seja, abordagens fundamentais para o avanço na construção do caminho próprio para o objeto de pesquisa por mim construído e trabalhado.

Assumo que esse esforço, necessário por compreender áreas e temáticas até então desconhecidas na minha trajetória como pesquisadora, por vezes foi demasiado. Na tentativa de compreender o que é a velhice, como são seus processos de desenvolvimento, suas implicações psicológicas, físicas, sociais, acabei concentrando o meu olhar de maneira muito fixa e por tempo além do disponível, em se tratando de uma pesquisa com data marcada para ser concluída, considerando as limitações concretas de tempo disponível para a pesquisa.

No caso da temática relacionada à memória, fundamental na construção da pesquisa, o olhar foi menos fixo, dando margem para visualizar o entorno. Ao não me manter fixa em um ponto, e sim relacioná-lo com outros tantos presentes na investigação (o rádio, os sujeitos idosos, as implicações sociais), pude pensar seu papel no contexto da minha problemática. Considero que mesmo tendo vivenciado a contradição de ter me ‘perdido’ em um ponto fixo, no caso, as conceituações e relações sobre idoso, de muitas maneiras a experiência pôde ser aproveitada para pensar questões relacionadas às características e especificidades dos radiouvintes investigados.

No que se refere aos estudos radiofônicos, tive a meu favor o fato de participar em grupos organizados de pesquisadores de Mídias Sonoras⁶, tendo assim um conhecimento mais próximo dos trabalhos já desenvolvidos e também do que se discute atualmente na área. Sobre isso, poderia dizer que existem os trabalhos de Dóris Haussen e Luiz Arthur Ferraretto, que trabalham perspectivas históricas do rádio⁷; Eduardo Medisch, que aborda questões do rádio na perspectiva do

⁵ Fato que apareceu nessas pesquisas, mas que deve ser ainda problematizado.

⁶ Participo, desde o ano de 2003, do Núcleo de Mídia Sonora do Intercom e desde 2004 do núcleo de mesma denominação da Rede Alcar. A participação nos eventos, com apresentação de trabalhos que desenvolvi anteriormente, e também relacionados ao rádio, foi fundamental para que eu conhecesse mais de perto as pesquisas e os pesquisadores que trabalham como o tema no Brasil.

⁷ Dóris Haussen realizou abordagens histórias sobre o rádio tanto na perspectiva brasileira como na argentina. Um dos exemplos é a obra Rádio e política: tempos de Vargas e Perón. Porto Alegre:

jornalismo⁸; Nélia Del Bianco, realizando pesquisas em abordagens sobre o rádio digital no Brasil; Sônia Virgínia Moreira, que desde a década de 90 discute os desafios e as perspectivas do rádio. Trago aqui apenas alguns autores e suas abordagens em estudos radiofônicos. A participação nesses grupos que estudam o rádio e suas implicações possibilitou perceber a diversidade de estudos, o esforço que os pesquisadores têm empreendido em investigar uma gama variada de questões envolvidas com o meio, assim como a apropriação de elementos para a construção desta pesquisa

Pode-se dizer, então, que em um universo vasto de abordagens em investigações radiofônicas⁹ é possível encontrar maiores e menores similaridades com o que estou trabalhando. E nesse sentido, através dessa *pesquisa da pesquisa* com ênfase no rádio, com especial atenção aos estudos que vinculassem também a recepção, tive contato com o trabalho da pesquisadora Marta Maia, de São Paulo, que em 2003 defendeu, na ECA-USP, a tese “Quadros radiofônicos: memórias da comunidade radiouvinte paulistana (1930-1950)”. Esse trabalho despertou especial interesse por focalizar e interrelacionar problemáticas como rádio, memória e recepção. Sua tese também dá um enfoque especial ao caráter cultural no processo de expansão do rádio na sociedade brasileira, gerando assim diferentes formas de relação e modos de vida onde o meio passa a se articular.

Outra pesquisa que considero bastante elucidativa, com a qual já havia tido contato no período em que realizei o mestrado (entre 2001 e 2002) é a que resultou na dissertação de Jairo Grisa, defendida em 1999 na UFRGS e intitulada “Os sentidos culturais da escuta: rádio e audiência popular”¹⁰. Essa investigação articula a relação rádio-recepção de maneira que a construção protagoniza as narrativas de ouvintes mulheres construídas a partir da audiência da Rádio Farroupilha de Porto Alegre. A construção metodológica foi também um aspecto de forte identificação

Edipucrs, 2001. Luiz Ferraretto aborda o histórico do capitalismo no rádio, no Rio Grande do Sul, em *Radio e Capitalismo no Rio Grande do Sul. As emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20*. Canoas: Edulbra, 2007.

⁸Entre seus estudos estão *Rádio na Era da Informação: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo*. Florianópolis: Editora Insular, 2001.

⁹Para se ter uma idéia do atual cenário de pesquisas em rádio no Brasil, o Núcleo de Mídias Sonoras do Intercom congrega atualmente pelo menos 70 pesquisadores em seu grupo. (Disponível em http://www.intercom.org.br/pesquisa/pesquisa_nucleadosradio.shtml, atualizado em 07/06/08).

com o trabalho que desenvolvi, pois articula elementos como pesquisa exploratória, história oral e história de vida.

No percurso de *pesquisa da pesquisa* radiofônica também me deparei não só com os estudos brasileiros, com os quais já possuía maior contato, mas também de outros países, especialmente os latino-americanos. Tive contato com trabalhos de pesquisadores como o colombiano Rincón que, ao discutir narrativas mediáticas, trabalha também a narrativa radiofônica, suas características, interações, utilizações. Outro importante aporte encontrado foi nos trabalhos do mexicano Héctor Gómez Vargas, que trabalha o rádio desde a perspectiva da recepção e também oferece subsídios em uma perspectiva metodológica de trabalho na relação rádio-recepção. É sua a proposta do conceito de ‘biografias radiofônicas’. Com inspiração em métodos como a história de vida, ele trabalha essa conceituação com base no reconhecimento do componente histórico nos processos de recepção, da importância da trajetória de vivência entre os ouvintes e o rádio, bem como a importância da cultura e do próprio cotidiano dos indivíduos como importantes elementos constituintes dessas biografias¹¹.

Nesse viés latino-americano, ressaltaria ainda a investigação da argentina residente no México, Rosalía Winocur, que discute a construção dos públicos pelo rádio em uma perspectiva em que também busca discutir a cidadania nesse espaço. Ainda destaco o trabalho do argentino Ricardo Haye, que traz em suas investigações abordagens sobre a constituição do rádio, sua linguagem e suas modificações com o passar dos anos. E como referência crucial no âmbito teórico-metodológico da pesquisa radiofônica que aborda o viés da recepção, os trabalhos da também argentina María Cristina Mata.

¹⁰Essa dissertação deu origem ao livro *Histórias de ouvinte: a audiência popular no rádio*. Itajaí: Editora Univali, 2003.

2.2. A pesquisa exploratória

Outro movimento realizado nessa construção, a *pesquisa exploratória*, proporcionou um contato mais direto com a realidade concreta do objeto empírico. Com base nisso, foi possível começar a perceber direcionamentos e redirecionamentos necessários à investigação. A *pesquisa exploratória* foi realizada com o intuito de propiciar um contato inicial e efetivo, especialmente com os sujeitos participantes da investigação, para obter pistas sobre seus modos de vida e sobre sua configuração como radiouvintes. Vale dizer que, nesse primeiro momento, era marcante o interesse em observar questões pertinentes ao idoso e suas relações envolvidas, para compreender suas relações com o rádio. Nessa demarcação estava contido o interesse em pesquisar idosos em diferentes cenários da cidade de Porto Alegre, âmbito escolhido para a investigação (ruas, comércios, grupos organizados e também instituições especializadas, como asilos).

Optei, em um primeiro movimento de pesquisa exploratória, por buscar informações sobre a realidade das instituições que trabalham com idosos: o número de instituições existentes em Porto Alegre, a natureza de seu funcionamento (público, privada, somente assistência social, ou de saúde, entre outros aspectos) e outras questões de interesse inicial para quem possui um desconhecimento sobre esse universo. Antes disso, como parte do trabalho exploratório, entrei em contato com algumas dessas instituições e obtive a autorização para realizar uma entrevista exploratória¹² com os moradores que possuíam o hábito de ouvir rádio.

Para tanto, elaborei um roteiro de entrevista¹³ composto por três blocos de questões visando investigar aspectos relacionados à escuta passada, presente e suas inter-relações. Nesse roteiro, trabalhei com questões que buscavam captar hábitos e preferências de escuta em relação a programas, horários, emissoras, tanto em um contexto presente como passado, e também estabelecer nexos entre as diferentes temporalidades.

¹¹As investigações que resultaram em proposições como a de ‘biografias radiofônicas’ foram realizadas por Gómez Vargas no início da década de 90, na cidade mexicana de Leon, com operários de fábricas de calçados.

¹²Essa etapa foi realizada no mês de outubro de 2006.

¹³Verificar apêndice A.

Tendo então a autorização de uma das instituições, tive a oportunidade de conhecê-la, entrevistando dois de seus moradores. Nesse primeiro encontro com potenciais cenários e sujeitos da pesquisa, vivenciei momentos de surpresa, exaltação, dúvida e muita emoção. A novidade, e especialmente as particularidades do ambiente e das pessoas, talvez tenha sido o que mais me impactou. Nunca havia sequer visitado uma instituição para idosos e fiquei também bastante comovida com toda a situação. Aos poucos fui tentando entender as dinâmicas de funcionamento, o que significava a presença de cada profissional e como transcorria o cotidiano daquelas pessoas. Fui tentando perceber e registrar o máximo de informações úteis para minha investigação.

O roteiro de questões elaboradas funcionou como um guia para eu começar a perceber como se processam uma série de questões relativas à memória radiofônica. Pude ver especialmente como se operam algumas relações entre escuta passada e presente, importante ponto a ser elucidado na problemática por mim construída. No entanto, talvez o que eu mais tenha valorizado nessa experiência é justamente o fato de ter estabelecido esse contato inicial com os ambientes que poderiam fazer parte da pesquisa e especialmente os sujeitos envolvidos na investigação; começar a perceber uma série de aspectos somente possíveis quando se está em contato direto com o concreto empírico da investigação.

Nessa experiência pude constatar ainda, preliminarmente, a expressão de memórias radiofônicas da juventude, da vida adulta e a vivência atual com o rádio, como ele participa das rotinas, os programas e apresentadores/locutores mais apreciados, algumas manifestações sobre mudanças ocorridas na programação com o passar dos anos. Foram expressas as diferentes ritualidades (como o rádio participava da vida e como participa agora), as preferências pelos gêneros, onde figuram o musical, o jornalístico, o esportivo. Também foi possível perceber a indicação de percepções relacionadas às mudanças ocorridas no rádio, especialmente as modificações operadas no âmbito dos próprios gêneros (mudanças de estilos musicais, desaparecimento de gêneros como o humorístico, o auditório, a radionovela). Em suma, esta primeira aproximação ao concreto possibilitou constatar e obter pistas sobre muitos elementos relevantes para a composição e articulação da problemática

investigada e que serviram como pontos a serem aprofundados nas etapas posteriores das explorações.

Paralelamente ao planejamento que envolveu o contato mais direto com os sujeitos residentes em instituições para idosos, fui delimitando cenários e diferentes grupos de sujeitos potencialmente importantes para estarem presentes na pesquisa. Esse movimento foi executado pensando especialmente na necessidade de diversidade requerida para a compreensão da problemática investigada, diversidade essa necessária na medida em que entendo que na distinção podem ser observadas características que enriquecem a problemática e que dão conta de diferentes configurações do fenômeno investigado. Penso que a combinatória entre as similitudes e distinções podem representar avanços em situações de alguns tipos de investigação, como essa. Nesse caso em particular, a diversidade está vinculada principalmente a distintos modos de vida (trabalho, família, atividades cotidianas) que considero como sendo fundamentais na configuração de diferentes formas de relacionamento com o rádio na trajetória de escuta.

No que se relaciona aos cenários a serem pesquisados, foram delimitados ambientes relacionados à prática de caminhadas ou esportes que se realizam ao ar livre; busquei também sujeitos em locais públicos, tais como cinemas, cafés, livrarias, exposições, bibliotecas, mercado público, entre outros. Ainda na exploração de cenários, elenquei ambientes onde se desenvolve o mercado de trabalho informal (vendedores, camelôs, feirantes) onde também é possível encontrar pessoas com perfis diversos, requeridos pela investigação. Esses foram os planejamentos realizados, tanto no que se refere aos ambientes e cenários cruciais para a investigação, quanto aos grupos principais onde buscava os sujeitos que poderiam fazer parte da pesquisa.

Depois dessa aproximação, a idéia era inserir na pesquisa diferentes modos de vida de idosos, buscando assim compreender como essas diferentes configurações cotidianas participam na escuta radiofônica e nas suas relações entre passado e presente. Diferenças essas que seriam reveladas através dos sexos, das classes, da condição de moradia, de trabalho, das rotinas diárias, enfim, aspectos que

conformam a vida de cada um desses sujeitos e onde a escuta radiofônica também toma parte.

Para realizar esse trabalho “de rua”, objetivando encontrar idosos com diferentes modos de vida, precisei elaborar outro procedimento de coleta que me propiciasse obter informações sobre audiência radiofônica passada e presente, mas que fosse mais sucinto que aquele desenvolvido para trabalhar nas instituições para idosos. A idéia dessas abordagens era também ter contatos de potenciais investigados para as etapas posteriores da pesquisa, onde seria realizado o trabalho de coleta de dados em profundidade. Mas não só isso, é clara a idéia da importância dessa etapa da pesquisa como configuradora de uma grande parte de todo o desenvolvimento da tese.

Por alguns dias, andei pelas ruas¹⁴, tentando captar as potencialidades dos cenários, tendo idéia dos tipos de pessoas encontradas, construindo mapas de lugares que seriam propícios para abordagens. Nesses caminhos, muitos “novos” aspectos foram surgindo, propiciando muitas vezes um paradoxo com a realidade que havia experienciado em instituições para idosos. Se nos asilos há uma presença muito grande de mulheres, superando o número de homens, nas ruas que percorri, esse quadro quase se inverteu. Foi possível notar a presença masculina em maior número nas praças, nos cafés, nas ruas.

Os locais onde a proporção pareceu se igualar foram os comércios. Nesse sentido, também pude observar uma característica muito peculiar: geralmente os idosos e idosas trabalham ou mesmo são proprietários de estabelecimentos dedicados a um comércio “mais tradicional”, por assim dizer. Elas estão presentes em casas que comercializam artesanato, alimentos, antiquários; em sapatarias, barbearias. Em suma, são percepções que só o contato com as múltiplas nuances da realidade podem propiciar.

Aqui cabe uma reflexão acerca da explicitação dessas percepções nos cenários de investigação. Quando se trabalha com objetos empíricos sociais,

dinâmicos e, acima de tudo, com indivíduos, nada está naturalmente dado, e mais: nada é simplesmente óbvio. O olhar do pesquisador, os caminhos que percorre, que constrói, são o fruto de um posicionamento metodológico sobre a realidade. Assim, “os caminhares, os olhares”, não foram realizados sem um pensamento sobre o que se estava tentando ver, sobre como enxergar – na realidade do dia-a-dia dos indivíduos – os aspectos importantes na construção da investigação científica.

O instrumento concebido para o trabalho nas ruas foi um questionário¹⁵ com poucas perguntas (menos de 10), que objetivou captar dados sobre emissoras ouvidas, programas radiofônicos, a escuta no passado, possíveis comparações entre escuta passada e presente, em suma, questões que dizem respeito diretamente à problemática investigada pela tese. O trabalho realizado com esse instrumento passou a revelar a dinamicidade e a vida que existe dentro da pesquisa. Começaram a surgir dados que revelavam a necessidade de direcionamentos até então não pensados ou previstos. Nas entrevistas, começou a aparecer uma diversidade de situações de escuta: pessoas que escutaram rádio no passado e seguem escutando até hoje; aqueles que escutavam rádio e deixaram de escutar, e também os que não escutavam e passaram a escutar no presente. É a realidade estabelecendo as questões que devem ser refletidas. Em um primeiro momento, pensava em considerar somente pessoas que ouviram rádio no passado e seguem ouvindo. Entretanto, questionei, naquele momento, se as pessoas que ouviram rádio no passado e deixaram de ouvir no presente, também não fariam parte de outra categoria de participantes; questões novas para serem refletidas.

Essa reflexão foi motivada pelas razões dessa “não escuta presente”. Ficou bastante claro, pelo menos nos casos investigados, que o rádio foi perdendo espaço para outros meios de comunicação, entre eles a televisão. No entanto, houve pistas de que não ocorreu simplesmente o fato de deixar de escutar, mas de escutar menos, ou outras formas de ouvir o rádio, seja pelo atravessamento de outras mídias hoje disponíveis, não acessíveis há 40, 50 anos ou mais, ou outras razões de ordem não midiática. Ficou expressa, mais uma vez, a multiplicidade de questões envolvidas

¹⁴ O âmbito de trabalho nessa etapa foi principalmente a região central de Porto Alegre (imediações do Mercado Público, Prefeitura, Praça da Alfândega, Viaduto Otávio Rocha, Borges de Medeiros, Rua da Praia, Voluntários da Pátria e proximidades).

¹⁵ Ver apêndice B.

nessa problemática que articula elementos presentes na constituição de uma trajetória de escuta radiofônica. No que diz respeito ao trabalho empírico¹⁶ empreendido nessa fase, foram realizadas um total de 06 entrevistas e 15 abordagens. Considero aqui como entrevistas as pessoas que responderam ao roteiro de questões formuladas. As abordagens abrangem as pessoas que não ouvem rádio, não escutam mais, ou passaram a escutar somente no presente.

A partir de dados como estes, os procedimentos metodológicos precisaram ser revistos, bem como algumas das concepções sobre a própria construção da memória radiofônica. A questão não se resolvia simplesmente com a possibilidade de que essa multiplicidade de escutas fosse reduzida, fazendo com que só determinado “tipo” de ouvinte participasse da pesquisa. Não descartei também a necessidade de realizar opções no decorrer do processo, mas não antes da compreensão de como se constitui um fenômeno como esse.

Essa é então uma importante questão a ser considerada e que, de certa forma, ressalta a presença de um elemento que vai além do consumo radiofônico, mas que tem a ver com a história de vida midiática construída pelos indivíduos ao longo de suas trajetórias de consumo das mídias. De qualquer maneira, essas entrevistas deram indícios de uma escuta efetiva, variada nos gêneros preferidos (musical, esportivo, jornalístico) e que acontece cotidianamente, incorporada nas atividades, seja em casa ou no trabalho. Tendo passado por essas experiências, decidi, por fim, que deveriam participar da investigação somente os ouvintes com histórico de escuta passada e presente, pois só assim haveria sentido compreender e refletir a respeito da construção de uma trajetória com o rádio.

Uma contribuição importante para o desenvolvimento de uma questão chave da tese foi propiciada por professores e colegas em uma das sessões da disciplina Seminário de Tese, em 2007. A partir de pontos de vista expostos, passei a considerar como um dos critérios-base da investigação a relação entre idade dos ouvintes e o desenvolvimento da história do rádio no Brasil. Passei então a adotar como critério para a orientação da idade, o início da escuta situada a partir de meados

¹⁶ Essa etapa empírica foi executada no mês de março de 2007.

da década de 30, quando o rádio passa a ter uma produção e expansão mais efetiva no país. Dessa forma, tal critério vincula-se ao processo midiático aqui investigado.

Em um primeiro momento, os questionamentos me levaram a pensar somente em como justificar esse critério de idade e/ou gerencial, entretanto, as observações me levaram perceber a necessidade de revisar um ponto de vista que vinha sobressaindo até então na pesquisa e estava relacionado a todas as questões envolvendo o conceito de idoso e suas implicações. A partir de então, percebi que o centro da problemática estava ‘se perdendo’ nessas discussões, ou seja, a memória radiofônica, eixo principal da investigação, estava sendo diluída em meio à discussão sobre o idoso e suas implicações. Com isso, passei a refletir novamente sobre o papel do idoso nessa pesquisa, sob outra perspectiva.

Passei, então, a construir um olhar que percebesse que esse tipo particular de ouvinte interessa à pesquisa porque representa o único segmento da sociedade que detém as memórias do rádio, especialmente nas décadas do seu apogeu, como os anos 40, 50, na perspectiva dos ouvintes. Sendo assim, todas as formulações realizadas e relacionadas aos idosos têm como motivação principal a compreensão da configuração dessas memórias. O idoso ocupa então uma posição destacada na investigação enquanto sujeito radiouvinte detentor de uma trajetória com o rádio, privilégio do ponto de vista das trajetórias que construiu, dadas as configurações socioculturais e, especialmente, comunicacionais de uma época em que o rádio passa a ter grande participação no cenário social brasileiro, e que somente os cidadãos que hoje estão em uma faixa etária superior a 60 anos, podem explicitar na forma de relatos dessas vivências com esse meio de comunicação. Eles podem, então, proporcionar aos estudos sobre rádio compreender elementos de trajetórias particulares que, articuladas, nos oferecem subsídios para avançar no entendimento de configurações de questões como cultura radiofônica, recepção em rádio, entre outras.

Entretanto, esse é um processo múltiplo e constituído por diferentes dimensões como social, cultural, familiar, entre outras. É por essa razão que preocupações com as formas de vida do idoso, a posição que ocupa hoje nas sociedades, as questões inerentes a essa etapa da vida dos indivíduos interessam à

tese, especialmente pelo fato de que as diferenças nas trajetórias de relação com o rádio possuem implicação direta na maneira como se inscrevem na memória e nas relações com o rádio no presente.

Sendo assim, é possível dizer que nem mesmo os desvios de rota foram totalmente negativos. Eles serviram para mostrar caminhos que não deviam ser seguidos, como considerar a conceituação de idoso central na pesquisa, mas possibilitaram ver que muitas concepções eram relevantes de serem relacionadas, como a importância da diversidade de modos de vida experienciados por esses radiouvintes.

Com a percepção da necessidade de articular outros enfoques e movimentos que pudessem fazer com que a pesquisa exploratória fosse desenvolvida de modo a trazer à tona de maneira efetiva as questões prementes à investigação, objetivando menos desvios e dispersões, a pesquisa foi novamente pensada e fortemente questionada em suas estratégias metodológicas.

Na trajetória de desenvolvimento dos trabalhos, pode-se dizer que até então (meados de 2007) um dos focos principais estava centrado em buscar os ouvintes com vínculos radiofônicos de longa duração, dando especial atenção aos seus diferentes modos de vida. Entretanto, com base no desenvolvimento da pesquisa exploratória e todas as questões pertinentes a ela já expostas, percebeu-se claramente que essa perspectiva que priorizava a atenção à diversidade dos modos de vida dos ouvintes estava sendo não uma abordagem facilitadora, mas sim um complicador para a investigação. Na ânsia de contemplar uma diversidade até então por mim entendida como necessária, passei a buscar os diferentes modos de vida subsumindo a questão de interesse central e primordial: a trajetória de escuta radiofônica.

Realizada essa re-visão, foi o momento então de redirecionar a pesquisa. Atento, contudo, para o fato de permanecer considerando a diversidade de modos de vida como um aspecto de importância para a investigação. Ainda assim, direcionei muito mais o olhar, a busca e o questionamento em direção à existência das distintas trajetórias de escuta radiofônica. Para muitos, essa pode parecer uma questão óbvia, um caminho pelo qual deveria ter seguido desde o princípio. E por quê não foi

assim? Não foi porque, no processo de investigação, vivenciei uma fase de “encantamento” com o objeto de estudo. Sentia a necessidade de compreender realidades e conceituações que até então desconhecia, como é o caso do universo que envolve a questão do idoso e também as conceituações que concernem à memória, mas para além da compreensão, o fascínio em penetrar cada vez mais fundo em seus elementos constituintes.

Na perspectiva do redirecionamento, pesquisei locais onde pudesse encontrar uma diversidade de pessoas na faixa etária acima de 65 anos e que, preferencialmente, fossem espaços onde eu tivesse a oportunidade de encontrar um número grande de pessoas com esse perfil, possibilitando assim realizar diversas abordagens para saber, primeiramente, quem possuía o hábito de escutar rádio, tanto no passado como no presente, pontuando assim também a localização de uma trajetória de escuta. Nesse processo, nos primeiros dias de janeiro de 2008, encontrei a Federação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas do Rio Grande do Sul (Fetapergs), uma entidade que presta uma série de serviços para um público de mesma faixa etária à qual a minha investigação possuía interesse. Busquei conversar com a diretoria no intuito de explicitar a pesquisa em desenvolvimento e pedir a permissão para entrevistar os frequentadores da entidade. Tive uma ótima receptividade por parte dessa organização, que se mostrou bastante gratificada em poder, de alguma forma, participar no trabalho de uma investigação que tem como alvo um público ao qual eles dedicam seu trabalho.

A essa altura, o procedimento de coleta de dados¹⁷ a ser utilizado, uma entrevista mediada por um roteiro estruturado, também já havia passado por revisões, conservando, entretanto, os pontos principais que já vinham sendo contemplados desde as etapas anteriores da pesquisa exploratória, como a detecção de existência ou não da escuta de rádio, em um primeiro momento, e as expressões relacionadas à escuta presente e também passada, já objetivando, mesmo que preliminarmente, perceber também suas possíveis conexões.

O cenário para a realização das abordagens e, posteriormente das entrevistas, foi bastante favorável. Tendo a permissão de livre acesso na entidade, podia

conversar tranqüilamente com quantas pessoas desejasse. O ambiente era bastante amplo, com diversas cadeiras, o que possibilitou realizar a atividade de forma muito satisfatória no que diz respeito às condições físicas do local. O trabalho foi direcionado no sentido de, em primeiro lugar, abordar as pessoas buscando descobrir quem possuía o hábito de ouvir rádio. Esse foi o primeiro ponto para se descobrir se a entrevista poderia seguir ou não. Se a pessoa dizia não escutar ou então ouvir muito raramente, agradecia e passava para a próxima abordagem.

Já nos primeiros dias de trabalho, pude perceber que precisaria de um número bastante grande de abordagens para obter uma amostra rica e diversa de ouvintes. Isso porque foram aparecendo muitos indivíduos que, ou não escutavam rádio ou escutavam sem uma regularidade, o que para a investigação não interessa, uma vez que se está investigando uma trajetória radiofônica do ouvinte. Se essa trajetória não se configura, não há razões para se investigar.

Com as informações sobre dias e horários de maior fluxo de pessoas que passavam pela entidade, pude também organizar meu cronograma de visitas. Fiz visitas em turnos diferentes (manhã e tarde) e também em distintos dias da semana. Fui percebendo, assim, os momentos mais propícios para a investigação e constatei que os dias em que a entidade oferecia o assessoramento jurídico gratuito (inicialmente uma vez na semana, no mês de janeiro, ampliada para dois dias semanais no mês seguinte) o trânsito de pessoas era bem maior. Fui testando, então, entre realizar abordagens e entrevistas em dias de menor movimento, e também nos dias em que a rotatividade de pessoas era maior. Experimentei as duas situações e concluí que os dias em que havia maior trânsito de pessoas eram também os mais produtivos para a minha atividade, isso porque o trabalho era potencializado, resultando em várias abordagens em um espaço de tempo menor e também pela probabilidade maior de conseguir entrevistar pessoas com o perfil desejado pela investigação, ou seja, que apresentassem o hábito de ouvir rádio.

Esse modo de trabalhar revelou-se proveitoso. Com as pessoas identificadas como potenciais participantes foi realizada a entrevista de forma tranqüila. Esse procedimento foi ancorado em um roteiro de questões, divididas em blocos, que

¹⁷ Ver apêndice C.

buscaram a correspondência entre as principais questões de interesse da investigação, representadas especialmente por configurações da escuta passada e presente, assim como a percepção de diferenças relacionadas aos modos de vida dos indivíduos¹⁸.

As questões buscaram perceber as preferências preliminares por emissoras, programas, personagens, memórias radiofônicas marcantes, enfim, os primeiros e principais subsídios que pudessem me indicar a existência de potencialidades ou não de cada um dos entrevistados, pensando também nas etapas de profundidade da pesquisa.

2.1. Constatações da pesquisa exploratória

A etapa exploratória em uma investigação representa um movimento crucial de opções e decisões. Ela possibilita ao pesquisador visualizar e também vivenciar de maneira concreta aquelas elaborações com as quais vem trabalhando, desenvolvendo. As informações que advêm a partir da realização desse percurso representam a possibilidade de articulação ou re-articulação da pesquisa. É nessa fase exploratória que são testadas concepções, argumentações, os procedimentos metodológicos. Nessa investigação, em especial, e conforme foi descrito no capítulo metodológico, o percurso exploratório foi determinante para estabelecer uma série de articulações, testar concepções, reavaliar procedimentos. Alguns elementos permaneceram, outros não foi possível sustentar e precisaram ser revistos, tudo isso propiciado pela realização da fase exploratória na pesquisa.

E dessa fase então, emergiu uma série de fundamentais questões com respeito à problemática central da investigação, ou seja, as configurações que foram se apresentando com relação à memória radiofônica, os usos e habitus na escuta do rádio, e manifestações correlatas na composição de trajetórias de consumo radiofônico. Sem dúvida foi uma profusão bastante grande de dados, de relações estabelecidas, de diversidades. Uma riqueza de histórias que foram sendo explicitadas, mesmo que ainda de maneira preliminarmente aprofundada e detalhada,

¹⁸ O roteiro está apresentado no apêndice C.

mas que deixaram transparecer a certeza do quão rico se revela o problema/objeto de pesquisa que se está investigando.

Entre os dados obtidos, talvez o primeiro ponto a ser destacado é o que diz respeito à verificação da existência de uma trajetória de escuta que pudesse ser identificada e também expressa. Nesse sentido então o instrumental metodológico foi estruturado de maneira que auxiliasse na detecção dessas características. Nas primeiras explorações já foram sendo percebidos então os perfis que melhor poderiam corresponder às questões propostas pela pesquisa. E dessa percepção resultou que o perfil mais adequado correspondia a pessoas que, necessariamente, tivessem como característica de seu consumo radiofônico a escuta passada e também presente. Isso porque, se o objetivo estava centrado em compreender trajetórias de escuta, para se chegar ao entendimento das relações de memória radiofônica, só faria mesmo sentido a escuta passada e presente, articuladas. Sendo assim, os dados que aqui serão relacionados, atendem e correspondem a essa configuração.

O que se pode dizer, de forma a realizar, em um primeiro momento, um olhar panorâmico sobre os dados advindos do exploratório, é da multiplicidade de configurações que, através de cada trajetória particularmente construída com o rádio, se podem ver refletidas e constituindo-se as memórias radiofônicas. Existe uma série de convergências que encaminham para marcas coletivas de constituição destas memórias. Mas a maneira como se dá essa articulação entre o individual, o particular, com o geral, o socialmente articulado, tem se apresentado fascinante. Cabe mais uma vez ressaltar a composição do grupo de indivíduos que fizeram parte dessa etapa do trabalho. São pessoas que foram entrevistadas basicamente em dois locais¹⁹ de Porto Alegre e que estão na faixa etária acima dos 65 anos.

O desenho do instrumento para captar as manifestações acerca dos questionamentos sobre a escuta radiofônica foi realizado de forma que as questões propostas partissem da escuta presente. Sendo assim, foi pensado que, mobilizando as referências mais próximas, seria mais produtivo obter as informações sobre um cotidiano de escuta vivenciado na atualidade, bem como ser esta uma possibilidade de entrada para abordar questões sobre a escuta passada. Essa estratégia revelou-se

eficaz na medida em que foi possível realizar essa “ponte” entre o passado e o presente, partindo de referências da escuta atual. Nesse sentido, são de grande valia as formulações desenvolvidas por Maurice Halbwachs, Beatriz Sarlo, Paul Ricoeur, que ressaltam que o passado é sempre uma construção realizada e mobilizada a partir do presente.

Nessas construções da escuta cotidiana presente, expressam-se diferentes modos de se relacionar com o rádio, diferentes gostos construídos, diferentes inserções da escuta no dia-a-dia. Expressões particulares que, como já foi mencionado, participam na conformação de uma cultura radiofônica da recepção. No entanto, existem marcadamente pontos observáveis onde é possível identificar fortes convergências no que se refere a formas de consumo, relações estabelecidas com a escuta, o papel atribuído ao rádio no cotidiano. É o caso de uma preferência muito forte e marcada no que diz respeito às emissoras de Amplitude Modulada (AM). Em uma época como a que estamos vivenciando, onde as mudanças ocorrem com muita rapidez e de maneira praticamente constante, pode-se dizer que o rádio não está à parte desse processo. Estão em curso mudanças de caráter tecnológico²⁰ e também estrutural que dinamizam discussões sobre o meio e oferecem outras possibilidades, outros arranjos possíveis. E nesse cenário estão o grupo de ouvintes, idosos, que participam dessa investigação, e que revelam uma preferência muito marcada com relação ao rádio AM. Há também a presença de escuta de emissoras em Frequência Modulada (FM), mas ela é bastante inferior na comparação com a AM. Dos entrevistados, houve apenas um caso de escuta exclusiva da FM. Já a escuta de emissoras AM aparece no relato de pelo menos 70% dos entrevistados²¹. Fica então essa importante marca a ser aprofundada nas próximas etapas da investigação, acerca dessa forte presença da escuta de emissoras AM.

E, no interior dessa escuta que tem a AM como principal referência, encontram-se algumas emissoras que aparecem com destaque. Entre elas estão

¹⁹ Na Federação dos Aposentados e nas atividades esportivas do Ginásio Tesourinha.

²⁰ Refiro-me aqui à implantação do rádio digital no Brasil.

²¹Essa escuta pode ser uma mescla entre emissoras AM e FM, ou exclusivamente AM. Os números que estão sendo referendados nessa análise estão relacionados ao universo de 19 entrevistados da etapa exploratória.

Farroupilha, Gaúcha, Guaíba²² e Caiçara²³. São preferências que estão vinculadas aos gêneros que essas rádios ofertam, em alguns casos aos seus apresentadores/comunicadores, mas que são também indicativos a serem fortemente explorados pela investigação. E dessas indicações, alguns pontos já podem ser analisados, mesmo que ainda preliminarmente. É o caso do gênero musical. É muito interessante a participação que a música tem no cotidiano dos entrevistados. São praticamente 80% dos ouvintes que têm a preferência pela programação musical²⁴ no seu repertório de escuta. Nesse sentido, ela se apresenta como um gênero mais apreciado do que um outro, que historicamente possui grande força e importância no rádio, que é o noticioso ou informativo. Para esse, a preferência é de 58% dos entrevistados, deixando ainda para trás o esportivo, que também representa uma marca da programação radiofônica, com 16%. São apreciações que ainda carecem de maiores subsídios, que precisam ser confrontadas com outros dados a serem obtidos. Nessa amostra, existe uma porcentagem grande de mulheres, mas nem por isso é possível estabelecer relações simplistas como, “mulheres gostam de música e homens gostam de esporte” porque isso não necessariamente representa a realidade. Tanto que na composição dos que buscam esporte no rádio estão mulheres, e o gosto pelo musical é fortemente compartilhado também pelos homens da amostra.

As referências feitas à música estão relacionadas aos estilos e preferência dos ouvintes, no âmbito dos gêneros musicais. Vinculam a música também a outro aspecto que está muito presente nas referências estabelecidas, onde o rádio, com um destaque especial para a música, exerce pelo menos dois papéis: o de preencher o ambiente, ou seja, o som como uma presença, como um elemento de quase corporificado; e outra é a música como distração, como a possibilidade de abstrair, de desvincular, mesmo que momentaneamente, da realidade, representando também uma oportunidade de relaxamento. Com a música essas características parecem ficar mais evidentes, mas elas marcam presença nas construções acerca da escuta de rádio

²² Cabe aqui um destaque relacionado à Rádio Guaíba. Das citações que relatam a escuta de FM, que totalizam pouco mais de 26%, a Guaíba FM é a mais citada.

²³ Essas são as emissoras que mais aparecem, mas ainda foram citadas, com menos referências, Pampa, Bandeirantes e Rádio da UFRGS, todas AM.

²⁴ Em alguns casos a música aparece como preferência única, mas essa é a minoria das ocorrências. Na maior parte das vezes ela vem acompanhada por outros gêneros também, como o informativo, o esportivo, etc.

como um todo. Fica então o registro dessa forte marca que precisa ser investigada a fundo para que melhor se compreendam seus sentidos e vinculações.

Como foi exemplificado, a informação, o caráter noticioso que o rádio também mobiliza foi um componente ressaltado pelos entrevistados. Nesse primeiro momento, diria que esse dado aponta para uma forte característica que se estende pelo tecido social. A informação se converteu e ganha cada vez mais importância como um bem simbólico imprescindível nos tempos atuais. Ter acesso a um número cada vez maior de informações, preferencialmente no menor espaço de tempo possível, transformou-se hoje em uma necessidade, a qual o público entrevistado também demonstra compartilhar. Alia-se então uma característica de gosto pelo meio de comunicação, que permanece com o passar do tempo, a uma necessidade mais contemporânea, que é a da constante atualização. Além disso, vincula-se a essa relação outro elemento característico da informação radiofônica e bastante apreciado por grande parte dos ouvintes entrevistados: a constante divulgação de dados sobre o tempo/temperatura e hora. Para os ouvintes, essas são características imprescindíveis, não pensam o rádio sem elas. A construção que transforma a escuta de tempo/temperatura e hora em um *habitus* incondicional representa uma marca da produção de rádio e um elemento de forte identificação com o ouvinte.

Acerca dos gêneros referendados na escuta presente, certamente o destaque é para música e notícias. O esporte, como foi citado, é um elemento que ainda precisa ser melhor testado, pois é reconhecidamente um gênero tradicional do rádio. Não necessariamente só por isso uma forte escuta deveria lhe ser atribuída, mas é uma questão que precisa ser trabalhada. Com pequena presença apareceram gêneros relacionados ao religioso (católico) e também alguma referência a programas em que há um protagonismo marcante do apresentador. E com relação a isso, também chama a atenção o fato da pequena presença de citações relacionadas a esse tipo de programa, uma vez que se têm referências de que seriam bem aceitos pela audiência. Talvez um outro perfil de público. Também é um elemento que necessita ser ainda abordado.

A partir das referências estabelecidas no que se refere à escuta presente, ao cotidiano de escuta radiofônica, passou-se a indagar sobre as lembranças

relacionadas à escuta passada. Nesses relatos então a presença do rádio desde muito cedo na vida dessas pessoas, geralmente desde a infância. É nesse período então que começam a ser delineados os gostos, os habitus e as competências relacionadas ao rádio. Esses movimentos de resgate geralmente são marcados por recomposições de cenários, recordações de épocas, de pessoas, de momentos vividos e trazem consigo o radiofônico. E nesse movimento de lembrar, também são diversas as formas com que se apresentam. Para alguns, as lembranças se “montam” quase que instantaneamente, gerando até mesmo expressões como “lembro como se fosse hoje”. Para outros, as lembranças precisam ser estimuladas, precisam de um incentivo, precisam de mais referências. Existem outros ainda que já não lembram mais, cada um por suas razões.

O que se revela como um ponto quase unânime nas elaborações que passam a ser feitas sobre o rádio de outros tempos, está relacionado as grandes mudanças pelas quais o veículo passou, transformando-se muito e chegando a ser o que é hoje. São mudanças apontadas no que se refere às programações, aos gêneros, os protagonistas, enfim, transformações muito intensas e que foram percebidas e apontadas por seus ouvintes. Mudanças que para alguns representaram melhorias, mas que na maior parte das opiniões são vistas como tendo gerado também perdas, e perdas expressivas. Nesse sentido é que muitos expressam “sentir saudades daqueles tempos do rádio”. E essa nostalgia não se vincula só as mudanças pela qual alguns gêneros passaram, transformando-se. Mas especialmente por outros que hoje não existem mais, como é o caso dos programas de auditório e dos programas humorísticos²⁵. Em alguns relatos há uma riqueza de detalhes²⁶ com relação a esse gênero. Foram produtos que marcaram e foram registrados na memória radiofônica.

Outro gênero muito relacionado²⁷ acerca do rádio no passado é o das radionovelas. Há um saudosismo evidente relacionado a esse tipo de programa que

²⁵ Atualmente existe uma profusão de programas humorísticos, especialmente em emissoras FM de Porto Alegre. Entretanto, é um estilo de humor muito diferente daquele a que os entrevistados se referem. Seria preciso uma comparação mais sistemática entre essas duas formulações de humor, e especialmente uma confrontação com esses ouvintes, já que eles disseram não terem tanto conhecimento sobre esse “novo” humor, uma vez que não são público de emissoras FM.

²⁶ Uma das referências recorrentes diz respeito ao programa O Grande Rodeio Coringa, programa de auditório que apresentava quadros de humor e era realizado pela rádio Farroupilha.

²⁷ Dos entrevistados, são 47% que fazem referência as telenovelas como um gênero apreciado na escuta passada.

não existe mais no rádio. Com a extinção das radionovelas, alguns “migraram” para as telenovelas. Nem todos, pois nas produções para a televisão não encontram o componente do imaginário que tanto era trabalhado e mobilizado pelas radionovelas. Foi certamente um gênero marcante e muito presente na trajetória de escuta desses ouvintes. E aparecem ainda as referências relacionadas aos programas de auditório, outro marco nas lembranças radiofônicas dos entrevistados. Nesse caso, aparecem diversos relatos entusiasmados²⁸ e também saudosos de tais vivências. Alguns relatam como o fato de participar, assistir ao vivo esses programas era um importante evento no cotidiano. Havia toda uma preparação, grupos eram reunidos, existia sempre muita expectativa em torno dessas vivências.

E estabelecendo uma relação muito forte com o que foi relacionado na escuta presente, a música também tinha um lugar muito importante na audiência daquela época. Os gêneros musicais elencados eram variados, e muitos ressaltam que esse gosto permanece até os dias atuais. Nesse período, lembram que tinham a chance de assistir os artistas ao vivo, em ocasiões como os programas de auditório. O que pode se perceber então é que esse gosto pela escuta da música no rádio permaneceu. É um gosto que é certamente composto por uma série de marcas que permaneceram, ao mesmo tempo que negocia com as modificações que se desenvolveram no tempo.

No que se refere às emissoras mais citadas com relação à escuta passada, estão Farroupilha, Gaúcha e Guaíba. Em escala bem menor aparecem emissoras do interior do estado, sendo que uma parte dos entrevistados migra para Porto Alegre na idade adulta, e algumas citações relacionadas às grandes emissoras do centro do País, como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro e a Rádio Tupi, de São Paulo. Com relação às emissoras de Porto Alegre, há o reconhecimento por parte dos entrevistados das mudanças pelas quais elas passaram ao longo do tempo. Citam, por exemplo, a Rádio Farroupilha, que realizava os programas de auditório, radionovelas e que hoje, mesmo conservando o nome, é uma outra emissora.

²⁸ Entre os programas de auditório mais lembrado está o Clube do Guri, que era conduzido por Ari Rego e também realizado pela rádio Farroupilha. Há referências sobre a estréia de Elis Regina neste programa. Um dos entrevistados conta orgulhoso que viu apresentações da cantora.

Em todas essas exposições acerca da trajetória radiofônica é possível identificar a realização de vinculações, comparações acerca dos estilos, dos gêneros, da maneira como os programas eram produzidos, as mudanças observadas, o que permanece, o que se distingue. Ou seja, a convivência cotidiana, com sentidos tão fortemente marcados na relação com o rádio, capacita os indivíduos a tecerem percepções e também análises sobre o desenvolvimento do rádio, desde a sua perspectiva, a do ouvinte. É possível observar claramente que houveram importantes modificações nos habitus de escuta dessas pessoas, e isso, pelo menos nesse momento, se mostra a partir de duas vertentes. A primeira delas está diretamente relacionada as modificações pela qual o rádio atravessou. Nesse sentido, é possível claramente observar as relações que os processos midiáticos instauram. São mudanças implementadas na esfera da produção que encontram uma correspondência, de acordo com suas lógicas próprias, no âmbito da recepção. A segunda vertente mencionada tem relação com as mudanças operadas na vida particular de cada um desses indivíduos. No entanto, novamente há nesse aspecto dimensões de caráter individual e coletivo.

E, coletivamente, é possível dizer que essas pessoas estão vivenciando uma mesma fase de suas vidas, cada qual em sua trajetória, mas todos experimentam o fato de se tornarem ou estarem em vias de ser idosos. Para alguns, essa circunstância pode ter modificado aspectos estruturais da vida, como o trabalho, implicações na organização do cotidiano, etc, sem, no entanto, representar mudanças drásticas. Para outros, essa fase da vida está marcada por desestruturações completas, pela necessidade de organizar formas de convivência completamente distintas. São os casos em que se explicitam relatos da vida com os filhos, com netos, da mudança de uma vida centrada em seus gostos e habitus para ter que negociar com outros. Tais movimentos acontecem especialmente em função de questões de ordem econômica, sendo que ou os filhos e netos buscam amparo na moradia desses indivíduos, ou então são eles que precisam o amparo econômico dos familiares.

Esses movimentos interessam porque é latente o quanto eles promoveram mudanças nas rotinas de escuta radiofônica. Para aqueles que modificaram a sua estrutura de vida, tendo que conviver com outras pessoas, outros gostos, outros costumes, a escuta de rádio também precisa ser negociada. Há que se cuidar para não

fazer barulho, os netos já não gostam dos estilos musicais de sua preferência, o som dos filhos ou netos interfere na escuta do seu programa de preferência. Ou seja, importantes transformações que precisam ser muito bem observadas e analisadas. De todas as formas, mesmo os que experienciam essas adversidades, que implicam também no relacionamento com o rádio, fazem questão, de uma maneira ou outra, perpetuar o hábito da escuta.

Também é importante ressaltar que a composição dessa amostra que integra a etapa exploratória foi construída no sentido de privilegiar a diversidade de indivíduos no que se relaciona, em primeiro lugar, à escuta radiofônica, ao gênero, à escolaridade, classe social. O trabalho foi realizado privilegiando os aspectos de relação com o rádio, no entanto, esses outros itens também foram considerados. No que se refere à escolaridade, é observado um fenômeno que ultrapassa outras dimensões, até mesmo como classe social. A grande maioria desses indivíduos teve como formação escolar somente o ensino fundamental, completo ou incompleto. Nos que se observa uma classe social mais elevada, chegaram ao ensino médio, e só uma minoria cursou o ensino superior. Talvez seja possível nesse momento, em um caráter preliminar, dizer que essa relação de pouca escolaridade e gosto pelo rádio tenham alguma vinculação. No sentido que o rádio mobiliza a oralidade, uma forte marca de nossas culturas populares. Sendo assim, a escuta radiofônica poderia estar operando também como um possível espaço de reconhecimento e até o lugar onde se busca suprir demandas que a escolaridade formal não atendeu. É uma possibilidade que precisa ser considerada.

Também houve uma preocupação em relacionar indivíduos com diferentes idades, mesmo que todos incluídos em uma faixa etária superior aos 65 anos. Isso porque diferentes idades representam também diferentes histórias individuais e diferentes vivências. Não interessa em nenhum momento a essa investigação considerar idoso como uma classificação homogênea. Essa geração marca um tempo específico de consumo radiofônico, que é repleto de distintas nuances que precisam ser consideradas.

Com relação às atividades a que se dedicam no seu cotidiano, há uma diversidade bastante grande. Há aqueles que ainda exercem alguma atividade

profissional, os que realizam as tarefas domésticas, os que praticam esportes, os que se dedicam a trabalhos voluntários, os que cuidam dos netos, enfim, nesse aspecto se observam muitas formas de organizar e desenvolver o seu dia-a-dia. Entender essas relações também é relevante na medida em que é nesses arranjos cotidianos que a escuta presente estará inserida. E, além disso, é também importante entender como a vida era organizada em outras fases para que se possa compreender que papel o rádio desempenhava em outros momentos e acompanhar também as suas transformações nessa trajetória. Tudo isso para que se possa realmente compreender e analisar usos, habitus e lógicas de consumo radiofônico e vinculá-los na formação de conformação das memórias radiofônicas.

Frente a essa multiplicidade de elementos que compõem o problema/objeto dessa investigação, está posto a série de desafios que se apresentam para a compreensão e análise dos processos que configuram a memória radiofônica. Entretanto, a realização dessa etapa exploratória possibilitou perceber a riqueza de elementos que estão presentes nas trajetórias de convivência com o rádio. Importantes indicativos foram revelados até o momento, e nos próximos passos a serem descritos pela investigação, precisam de aprimoramento e aprofundamento nos procedimentos metodológicos a serem utilizados como forma de conseguir chegar o mais próximo ao entendimento dessas memórias da recepção.

2.3. A pesquisa sistemática

O período que transcorreu após o exame de qualificação foi marcado por reavaliações e reorientações nos rumos da pesquisa. Entre elas, repercutiram de maneira importante as questões, levantadas pelos integrantes da banca²⁹, relacionadas à amostra de radiouvintes que poderiam ser investigados na Espanha, que explicito mais à frente.

²⁹ Os dois professores que fizeram parte da banca de qualificação, também desenvolveram estudos em Barcelona, onde realizei um período de seis meses de estudo, 2009. Sendo assim, trouxeram contribuições sobre possibilidades de composição da amostra neste contexto e como ela pode dialogar com o trabalho realizado aqui no Brasil.

Depois de avaliado o desenvolvimento da pesquisa pela banca, também foi empreendida uma reflexão sobre todas as considerações, críticas e sugestões feitas para, com isso, ir avançando na investigação. Entre os pontos importantes apontados, estavam sugestões de afinamento da problemática, dos objetivos, de conceitos e contribuições para a contextualização da história do rádio.

Na seqüência da avaliação feita no exame de qualificação, teve também início o trabalho de construção da amostra de ouvintes para a etapa sistemática da pesquisa, a ser realizada em Porto Alegre. Neste trabalho, foram definidos critérios orientadores da escolha da amostra, levando em conta as constatações e pistas obtidas na fase exploratória da investigação e os requerimentos da problemática da pesquisa.

Tendo como base a amostra de radiouvintes construída a partir da etapa exploratória e os dados obtidos, foi possível analisar as diversidades relevantes e empreender o trabalho de seleção das pessoas que participariam da próxima etapa da investigação.

Os critérios foram estabelecidos respeitando os objetivos e principais diretrizes da pesquisa. O ponto de partida consistiu em observar o hábito da escuta de rádio. Os selecionados precisavam necessariamente responder a esse pré-requisito, pois somente assim poderiam ser observados os aspectos de constituição da sua trajetória de escuta radiofônica, estruturantes para a investigação. De um universo de 55 abordagens, que resultaram em 19 entrevistas, por fim, foram selecionados dois homens e duas mulheres. Um terceiro homem foi incorporado à etapa em profundidade da pesquisa através de um contato informal, em um momento em que não estava em busca de entrevistados. Sua trajetória particular com o rádio fez com que o incluísse na amostra.

Tendo a escuta radiofônica passada e presente como balizador para a escolha dos participantes, passou-se à consideração de outros critérios. Diferentes modos de vida, diversidades expressas na trajetória de escuta, ouvintes do sexo masculino e feminino foram considerados pela participação que exercem na história de escuta radiofônica de cada ouvinte.

A diversidade de trajetória mostrou-se necessária pela possibilidade de ampliar a percepção quanto a gostos, *habitus*, e memórias relacionadas ao rádio. Esse também é o argumento usado quando se considera a importância de se elencarem ouvintes com diferentes modos de vida. A relevância desse fato se dá porque a escuta radiofônica está intimamente ligada com outras atividades da vida. Sendo assim, entender como é esse modo de vida do ouvinte e considerá-lo como um componente da escuta revelou-se importante. Incluir homens e mulheres também foi um fator considerado, considerando certas distinções de escuta observadas na etapa exploratória em termos de gênero³⁰. Realizada a escolha dos participantes, foi o momento de conceber os procedimentos metodológicos de coleta de dados capazes de responder às indagações propostas pela problemática.

Entre as principais indagações da tese está o fato de compreender a memória radiofônica em trajetória. Para tanto, pensou-se que a construção dos instrumentos que propiciassem ao máximo a manifestação dessa característica. Assim, os roteiros para as entrevistas foram elaborados com o intuito de seguir uma ordem cronológica de escuta.

O primeiro roteiro abrangeu o período de escuta compreendido entre a infância e adolescência dos entrevistados. Para alguns ouvintes, foi necessária a realização de duas sessões, já outros, foi possível contemplar todas as questões propostas neste roteiro em um só encontro. O esforço desse primeiro instrumento foi buscar mobilizar o trabalho da memória dos entrevistados. Como transcorreram alguns meses entre a entrevista realizada na etapa exploratória, pode-se dizer que o trabalho maior da memória radiofônica teve início com essas sessões.

Os roteiros utilizados na realização das entrevistas foram concebidos seguindo uma linha cronológica. O primeiro³¹ abarca as fases da infância e adolescência dos entrevistados com o rádio. Sua aplicação respeitou o tempo disponível de cada um dos ouvintes participantes. Para alguns, cada roteiro foi aplicado em uma sessão. Já em outros casos, foi preciso pelo menos dois encontros para que fosse possível

³⁰ Na análise poderá se perceber que esse fator não foi determinante para compreender as questões cruciais da pesquisa.

³¹ Verificar apêndice E.

explorar todas as questões. O segundo roteiro³² buscou abordar a idade adulta, relacionada ao tempo que os entrevistados dedicaram-se ao trabalho, à etapa profissional, e também o tempo presente, onde já vivem aposentados.

O argumento para ter organizado os roteiros e as entrevistas dessa maneira está relacionado ao fato de auxiliar o trabalho da memória. Como a preocupação central da investigação se relaciona ao entendimento de uma trajetória de escuta radiofônica, propiciar aos ouvintes uma rememoração desde o passado, percorrendo as diversas etapas de sua vida, mostrou-se como uma estratégia eficaz. Apenas em um caso foi necessário subverter essa ordem. Isso porque já na primeira entrevista, esse entrevistado direcionou todo o foco para a sua vida, que é extremamente interessante, mas que acabava fugindo das questões relacionadas no roteiro. Tive que tentar “capturá-lo” todo o tempo para que ficasse centrado nas questões radiofônicas. As entrevistas foram realizadas ou na residência dos entrevistados, ou em lugares públicos, como cafés e até mesmo na Federação dos Aposentados, onde realizei a parte das entrevistas exploratórias.

Os roteiros foram então organizados seguindo as etapas cronológicas da vida dos entrevistados. As questões que fizeram parte de sua composição seguiram diretrizes comuns nas duas formulações. Sempre pensadas em consonância com a problemática e os objetivos da pesquisa, as questões abordaram pontos como relacionadas à escuta de programas, emissoras, personagens preferidos e/ou lembrados, gêneros, sonoridades, linguagem radiofônica. Tais elementos presentes em indagações relacionadas à preferências ou recusas, juízos de valor, gostos, competências. Também foram articuladas questões que buscavam entender as relações do rádio no cotidiano, questionando para tanto as ambiências da escuta, as mediações envolvidas na trajetória com o rádio.

O trabalho de realização das entrevistas aconteceu em dois momentos. Em um primeiro movimento, elas foram realizadas no segundo semestre de 2008, onde foi trabalhada a primeira parte, relacionada à trajetória dos entrevistados com o rádio na infância e adolescência. As entrevistas com base no segundo questionário aconteceram após retorno do período de doutorado sanduíche em Barcelona, no segundo semestre de 2009.

³² Verificar apêndice F.

De forma geral, pode-se dizer que o trabalho de realização das entrevistas, foi de encontro à concepção de GOMÉZ VARGAS, que desenvolve o conceito de biografias radiofônicas. Buscou-se então compreender como essa trajetória de escuta de rádio foi sendo elaborada, construída, significada e re-significada. Para tanto, questionamentos sobre habitus, gostos, ambiências, recusas na escuta radiofônica foram levantados, buscando compreender o trabalho realizado pela audiência durante todo o seu percurso de vida com o rádio.

2.4. Atividades de investigação no exterior

A investigação realizada nesta Tese incluiu também atividades de estudo e de pesquisa empírica no exterior, proporcionadas pelo doutorado sanduíche, realizado em Barcelona, com o apoio da CAPES. A proposta de estudos no exterior foi construída em consonância com os objetivos da pesquisa de doutorado. Incluía uma **pesquisa empírica** com ouvintes de rádio que tiveram experiências de escuta tanto no Brasil, em épocas anteriores, como em Barcelona, na atualidade, que pudessem representar um contraponto aos ouvintes investigados no Brasil, por possuírem sua memória construída sobre diferentes bases radiofônicas. Objetivava-se, nesse dado momento, obter dados para pensar como se configurariam e se articulariam esses diferentes tipos de memórias radiofônicas e que pudessem também fornecer elementos para pensar possíveis relações, semelhanças, distinções e convergências com as experiências dos radiouvintes investigados no contexto brasileiro.

Cabe salientar que essa perspectiva havia sido adotada no momento em que o projeto foi elaborado e enviado para análise da CAPES, que ocorreu antes do exame de qualificação. Entretanto, os questionamentos e as sugestões dados pelos integrantes da banca de qualificação em termos da construção desta amostra me levaram a reformular os critérios de sua constituição, no sentido de incluir a participação de ouvintes espanhóis, e não somente trabalhar com ouvintes brasileiros que na atualidade estivessem vivendo em Barcelona; amostra esta que deveria ser definida a partir de pesquisa exploratória mais ampla, norteadas pelo principal critério de escolha dos ouvintes, que diz respeito à vivência de longa data com o rádio,

possibilitando assim a observação do processo de escuta em uma perspectiva de trajetória. As sugestões dadas pela banca me levaram a refletir, então, que interessava à pesquisa, muito mais do que relacionar ouvintes com esta ou aquela nacionalidade, observar e compreender os processos de escuta radiofônica em trajetória.

Ressalto novamente que esta etapa empírica de investigação em Barcelona não foi projetada como pesquisa comparativa. Não quis relacionar, em mesmos termos, o que acontece no Brasil/Porto Alegre com o que acontece na Espanha/Barcelona, mas trazer esta experiência internacional para a pesquisa para ampliar os horizontes relacionados ao objeto de estudo, e oferecer um contraponto deste o qual pensar relações, articulações, diferenças e especificidades em relação ao contexto empírico principal da investigação.

A **pesquisa empírica** realizada no contexto de Barcelona, Espanha, começou seu desenvolvimento com a **etapa exploratória**. Num primeiro momento, o objetivo foi situar-se no novo cenário de investigação. Esse situar-se esteve associado a fatores como o próprio reconhecimento do lugar onde estava vivendo.

Nesse sentido, foram realizadas atividades relativas à compreensão do funcionamento e organização do cenário radiofônico de Barcelona (incluindo questões desde as mais elementares como conhecimento das emissoras e suas programações, do sistema de concessões das rádios), representando um dos pontos básicos para desenvolver os trabalhos. Também foram desenvolvidas atividades com a finalidade de subsidiar a realização da etapa sistemática de investigação no contexto de Barcelona. Antes, porém, foi necessário compreender questões relacionadas a esse público ouvinte que, no caso desta investigação, está centrada no público idoso.

Esse trabalho teve início com a própria observação do cotidiano das ruas, percebendo a vivência desses indivíduos em sociedade, seus hábitos sociais. Mesmo que a pesquisa não estivesse centrada em estudar diretamente as questões da terceira idade, compreender esse tipo de contexto revelou-se como fundamental. E nesse sentido, foram sendo percebidas muitas diferenças significativas com relação ao contexto brasileiro.

Em Barcelona, os idosos estão notadamente integrados à sociedade. Tal integração é percebida não apenas pela convivência social corriqueira, vista nas ruas, nos parques, nas praças, nos ambientes públicos em geral, mas também pela existência de toda uma organização sócio-governamental que trabalha em prol desse grupo de indivíduos. Tanto os governos municipal, estadual e nacional, bem como instituições privadas (como por exemplo, os principais bancos da Espanha e\ou Catalunha) possuem programas de atenção aos idosos, que vão desde preocupações com cultura, educação e lazer, até questões de cuidados à saúde. É possível perceber então um respeito a este segmento da sociedade. Fizeram parte da pesquisa exploratória também a visita e o contato com algumas dessas instituições.

Na realização das explorações em busca de radiouvintes que pudessem participar da investigação, foi importante selecionar as experiências que revelassem a diversidade de trajetórias de escuta radiofônica, buscando então compreender as especificidades na inscrição de marcas de memória que compõem esta trajetória marcada pela mudança de cenário radiofônico. Tais explorações foram empreendidas no intuito de localizar ouvintes com um histórico de escuta radiofônica. Essas pessoas, a exemplo das atividades realizadas no Brasil, estão em uma faixa etária superior aos 60 anos. Essa delimitação acompanha o desenvolvimento do rádio no Brasil e também na Espanha, período em que esses indivíduos formaram os seus hábitos de escuta.

As explorações aconteceram em uma instituição dirigida e mantida pelo município de Barcelona, que promove a cultura, o entretenimento e o lazer para idosos. Em seu espaço, que funciona de segunda a sexta-feira, são disponibilizados cursos de artesanato, informática, aulas de dança, orientação para atividades físicas diversas. Ali foi um lugar importante para realização de explorações. Nas primeiras vezes, conheci a instituição e obtive a autorização para realizar a pesquisa. Em primeiro lugar, precisei ir conversando com as pessoas para saber, fundamentalmente, quem tinha o hábito da escuta de rádio. Nesse momento, não tinha um roteiro específico, mas ia questionando os idosos sobre emissoras, programas, horários de escuta. Conversei com diversas pessoas, homens e mulheres, até que encontrei um dos entrevistados que participou da etapa sistemática. O outro entrevistado, conheci por indicação. Fui até sua residência para conversamos

preliminarmente e então conclui que ele teria potencial para participar da investigação.

O critério utilizado para a participação da etapa sistemática em Barcelona seguiu o mesmo princípio aplicado no Brasil. Para essa participar da investigação era imprescindível que houvesse a presença da escuta passada e presente, podendo assim tentar compreender o trabalho das memórias na trajetória de escuta radiofônica.

Para a realização das entrevistas em Barcelona, foi elaborado um roteiro específico, levando em conta os objetivos e a dada realidade da investigação. Tal elaboração foi realizada com base em um conjunto de elementos: a minha aproximação e gradual conhecimento da realidade local (onde puderam ser observados pontos de semelhanças, mas também diferenças, com relação ao Brasil); aliado a isso, as orientações da professora María Gutierrez, de Barcelona, em conjunto com as orientações da professora Jiani Bonin, do Brasil. Sendo assim, foi construído um roteiro onde as principais questões de interesse da investigação estivessem presentes, mas respeitando características locais (como o fato dos catalães terem uma construção discursiva mais sucinta, ao contrário dos brasileiros).

Estas entrevistas foram focalizadas nos hábitos de escuta, (relacionando gêneros, programas, protagonistas radiofônicos) buscando compreender também suas transformações ao longo da trajetória de escuta. O roteiro³³ utilizado para a realização das entrevistas na Espanha foi elaborado de uma maneira diferenciada daqueles utilizados no Brasil. Levando-se em consideração que o período³⁴ determinado para realizar as entrevistas em Barcelona era muito menor que o disponível no Brasil, o roteiro preciso ser concebido de maneira que fosse sucinto.

Além disso, ele foi elaborado seguindo as orientações da professora Maria Gutiérrez, que me informava quanto às especificidade da cultura dos catalães. Em um primeiro movimento, tinha pensando em roteiros projetados para várias sessões. No processo de orientação em Barcelona, fui percebendo que um único roteiro poderia dar conta de realizar o trabalho no tempo disponível para tanto. Também

³³ Verificar apêndice G.

³⁴ O doutorado sanduíche foi desenvolvido no período de 22 de janeiro a 20 de junho de 2009.

diferentemente do Brasil, a articulação das pergunta propostas seguiu outra lógica. Pensando que não dispunha de um grande espaço de tempo para a realização das entrevistas, iniciei as indagações pela escuta presente. Isso porque o cotidiano vivenciado hoje exige um tempo de rememoração muito menor do que o se viveu há 40, 50 anos. Com as entrevistas na Espanha realizei o movimento inverso do que fiz no Brasil. Primeiro, a escuta presente, depois a vida adulta, época laboral, e por fim, adolescência e infância com o rádio. E essa estratégia se mostrou eficaz.

Concomitante ao trabalho de exploração empírica, foi realizado um mapeamento do cenário radiofônico local, buscando identificar e relacionar o atual panorama radiofônico de Barcelona, possibilitando a aproximação com a escuta apontada pelos ouvintes. Na composição desse cenário, foi importante realizar a identificação de emissoras, programas, gêneros, protagonistas radiofônicos, grade de programação, identidade das emissoras. Essa atividade teve por objetivo figurar como um contraponto do trabalho realizado no Brasil, sem, contudo, realizar um estudo exaustivo de descrição e análise acerca das rádios de Barcelona.

Estas atividades foram me permitindo constatar que a Catalunha possui um universo radiofônico riquíssimo. São 885 emissoras de rádio: 565 públicas, 192 privadas e 128 do terceiro setor. Os gêneros radiofônicos se apresentam em grande número: musical (com algumas emissoras dedicadas a gêneros musicais bastante específicos, como a música clássica, ou a música folclórica da Catalunha), emissoras dedicadas somente a notícias e as emissoras chamadas generalistas, com variedade dos gêneros mesclados. Essa imersão foi importante para eu ter a noção, no período das entrevistas, a respeito do que os entrevistados estavam falando. Também para poder estabelecer relações com a oferta radiofônica existente no Brasil.

Nas questões que estão mais relacionadas às emissoras radiofônicas em outras épocas, foi fundamental o conhecimento através das obras (livros, periódicos, relatórios) e muito do apoio dado pela orientadora no exterior.

Outra frente de trabalho foi a *pesquisa de aprofundamento teórico-metodológico* na qual foram empregados os procedimentos como a pesquisa bibliográfica e documental. Seu objetivo foi avançar na reflexão sobre os conceitos

de rádio, gênero radiofônico, recepção radiofônica, memória e idosos, tendo como base o acervo de pesquisa disponível na biblioteca da UAB, pode-se tencionar e relacionar esses conceitos elencados. Também foram realizadas pesquisas de caráter documental, especialmente em periódicos da área, buscando principalmente compreender o âmbito radiofônico de Barcelona.

A pesquisa bibliográfica também participou como forma de relacionar questões de ordem teórico-metodológica inseridas no contexto de estudos com temáticas de interesse para a pesquisa como o rádio (com atenção especial aos formatos, gêneros, linguagem, desenvolvimento tecnológico); estudos de recepção em comunicação, com especial ênfase à recepção radiofônica; teorias e metodologias nos estudos especialmente relacionados à recepção e ao rádio. Além disso, foram realizadas buscas por demais temas de interesse para a investigação, como os processos configuradores de memória, estudos relacionados à questão do idoso nas sociedades. Importante também buscar o contato mais direto com pesquisas (teses e dissertações) relacionadas sobre rádio, memória e idosos no âmbito de Barcelona.

No que se refere aos principais autores trabalhados nessa etapa da investigação, citaria alguns, entre os tantos elencados, como Rafael Beltrán Moner (relacionando as implicações da música no rádio); Enrique Bustamante (desenvolvendo trabalhos sobre a história do rádio na Espanha); Rudolf Arnheim (desenvolvendo o conceito de estética radiofônica); Armand Balsebre (com trabalhos relacionados à linguagem radiofônica).³⁵

Além destas atividades, outras de *intercâmbio foram realizadas, onde posso*, destacar as reuniões periódicas de orientação com a Profa. Dra. María Gutiérrez com o objetivo de organizar a pesquisa bibliográfica e documental e o trabalho relacionado às explorações na busca de radiouvintes com o perfil definido pela pesquisa. Também busquei estabelecer, com a indicação da orientadora, contato com outros pesquisadores e/ou grupos de pesquisas para firmar diálogo em função de investigações afins. Nesse sentido, cabe destacar o diálogo com pesquisadores da

³⁵Cabe referir que a Biblioteca de Comunicação da UAB é uma das maiores da Europa, com um acervo de mais de 82 mil volumes, entre livros e revistas. Em sua estrutura, são disponíveis cabines de estudo para pesquisadores.

própria UAB no setor de Ciências Sociais, e que desenvolvem pesquisas relacionadas à terceira idade na Espanha. Esse trabalho representou um importante suporte para compreender ainda melhor os aspectos envolvidos nesse conjunto social. Nesse sentido, foram especialmente importantes as indicações de livros, periódicos e anuários sobre a situação do idoso na Espanha, vista desde perspectivas sociológicas.

2.5. O Tratamento dos dados

Dispondo de todos os dados obtidos desde o princípio da investigação (envolvendo desde a etapa exploratória até as entrevistas em profundidade), foi possível estabelecer diretrizes para a realização da análise dos dados. Sendo assim, foram seguidos alguns princípios norteadores, com o objetivo de melhor organizar e compreender os elementos obtidos pela investigação.

Foram estabelecidos então critérios onde fosse possível organizar todas as informações, respeitando os objetivos e as questões da problemática. Sendo assim a organização dos dados foi estabelecida à partir de três eixos articuladores: 1. **hábitos, contextos e ambiências de escuta**; 2. **sentidos construídos na escuta**; 3. **mediações**. Essas construções permitiram não só perceber como opera a trajetória de escuta radiofônica dos ouvintes participantes da pesquisa, mas principalmente, buscar compreender o seu funcionamento de uma maneira articulada.

Nessa etapa de organização de todos os materiais obtidos pela pesquisa é que foi possível compreender, de fato, a riqueza e a diversidade proveniente de uma história tão longa com o rádio. Dentro dessas categorias de análise, a presença dos programas ouvidos no passado e presente, emissoras, personagens do rádio, gêneros. Também a participação do cotidiano e da história pessoal de cada indivíduo na configuração de uma longa trajetória de relação com o rádio. A análise dos dados é realizada no Capítulo 5 - *Trajectoria de escuta do rádio: hábitos, mediações e sentidos*.

3. CONCEPÇÕES TEÓRICAS E ASPECTOS RELATIVOS AO CONTEXTO DA MUDIATIZAÇÃO RADIOFÔNICA

Esse capítulo se organiza a partir de uma proposta que busca compreender aspectos envolvidos na midiatização radiofônica desde uma perspectiva que articula proposições para entender como os elementos radiofônicos, que estão presentes e envolvidos no trabalho de memória da recepção, ou seja, como os contextos existentes no desenvolvimento e história do rádio, por um lado, e as teorias a respeito do meio, de outro, podem auxiliar no movimento de compreensão da trajetória dos ouvintes com o rádio. Não é objetivo realizar um apanhado histórico de como rádio, ou explicar a sua evolução pura e simplesmente. Tais aspectos são necessários de serem considerados pela tese na medida em que permitem articular a trajetória de natureza midiática com a de escuta dos ouvintes que participaram da investigação e compreender suas relações.

Esse movimento é realizado porque a tese está fundamentada nos processos que ocorrem na escuta de rádio desenvolvida ao longo do tempo de vida de seus ouvintes. Entretanto, ele é pertinente porque pode oferecer a compreensão de fenômenos que se dão nessa escuta, assim como propiciar o entendimento da participação desses contextos na conformação dos gostos, *habitus* e competências de escuta dos ouvintes.

Sendo assim, percebo esses movimentos como determinantes para compreender os processos de conformação da cultura radiofônica deslocando, nesse momento, o olhar para o rádio enquanto um meio de comunicação histórico, social e culturalmente desenvolvido. Pode-se dizer que este capítulo possui um caráter conceitual e contextual, uma vez que busca articular questões de cunho reflexivo sobre o meio, além de buscar propiciar um panorama de aspectos que se mostram importantes para compreender melhor algumas das articulações que se dão entre o rádio e seus receptores.

3.1. Miatização radiofônica - processos de constituição, desenvolvimento e dimensões constitutivas

Situar elementos que constituem do rádio é um movimento realizado nessa investigação com o intuito de evidenciar o necessário diálogo entre um desenvolvimento industrial-estrutural do rádio como meio de comunicação, relacionando a produção radiofônica com seus arranjos, e o movimento de escuta de toda essa fabricação, executado e mobilizado pela recepção.

O que se objetiva, ao se trazerem questões sobre o desenvolvimento radiofônico, compreendido em uma perspectiva que percebe criação, consolidação e percurso de uma cultura radiofônica³⁶ é compreender os caminhos percorridos nas trajetórias de escuta dos ouvintes. Interessa, em primeiro plano, compreender essas escutas. Entretanto, para entendê-las, é necessária a compreensão de configurações muito próprias do rádio, desde seu caráter constituinte, ou seja, um meio que mobiliza o sentido da escuta, até de caráter mercadológico e/ou industrial envolvido nesse processo.

Não se objetiva nessa tese construir ou reconstruir uma história do rádio no Brasil ou mesmo no Rio Grande do Sul, âmbito mais direto onde a pesquisa se articula – mas entender as ligações e os vínculos existentes entre a construção dessa história do rádio como mídia e o desenvolvimento da trajetória de escuta dos ouvintes. Essa perspectiva está inscrita no interior de uma concepção trabalhada nessa investigação que concebe como crucial a participação dos receptores dentro do processo comunicacional.

³⁶ Conceituação que possui uma correspondência e inspiração direta no que María Cristina Mata trabalha acerca da cultura mediática e também sobre a memória da recepção e que se faz presente em outros momentos de desenvolvimento desse trabalho. Ver neste sentido Mata (1991); Mata (1999).

3.1.1. Perspectiva tecnológica e econômica

O desenvolvimento tecnológico experimentado pelo rádio no decorrer das décadas não representou somente um avanço para o meio, mas foi a razão para novos arranjos e articulações na perspectiva da escuta. Os ouvintes participantes da pesquisa vivenciaram de maneira intensa essas transformações.

No caso do Rio Grande do Sul, como também ocorreu no Brasil e no mundo, essas mudanças foram sentidas de maneira gradual, mas contínua. O desenvolvimento tecnológico, não somente do rádio em si, mas dos meios próprios para que isso pudesse se tornar possível permitiram a sua expansão. Isso pode ser evidenciado desde a maior abrangência dos sistemas de luz elétrica, até a criação e disseminação de aparelhos portáteis. Se de um lado esse é o reflexo da tecnologia ganhando espaço e sendo potencializada em prol da radiofonia, isso aconteceu também em decorrência de o rádio ir se convertendo em um mercado comercial em expansão.

Abriu-se mercado para os fabricantes de aparelhos transmissores, o que impulsionou a economia e o desenvolvimento do setor. Cabe também ressaltar a criação de um mercado vinculado à comunicação radiofônica, que esteve ligado especialmente pela publicidade. A partir disso, foi possível a ampliação e consolidação do rádio como negócio, possibilitando a criação e expansão de gêneros, contratação de pessoal, incremento de infra-estrutura. A regulamentação do setor publicitário no rádio acontece em 1932. Antes disso, seu caráter era eminentemente cultural. Com o mercado de receptores em expansão e a aprovação de uma lei reguladora para o setor, o crescimento foi sendo garantido (HAUSSEN, 2001).

Essa característica vai encontrando correspondência no âmbito da recepção. Os ouvintes, ao longo de sua trajetória, vão relatando os episódios da escuta compartilhada, das estratégias mobilizadas para conseguir ouvir a programação de rádio em tempos de escassos recursos tecnológicos (incluído aqui todos os relatos sobre a utilização do rádio de galena, que consistia em um receptor improvisado para a modulação das ondas AM), passando pelas dificuldades econômicas em se obter os primeiros aparelhos de transmissão, geralmente importados.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que implicações tecnológicas e econômicas foram condicionantes da recepção radiofônica nos primeiros anos de seu desenvolvimento. Com o passar do tempo, pode-se dizer que acessibilidade e portabilidade foram elementos cruciais para a mudança de hábitos relacionados à escuta de rádio.

Nesse sentido, Luiz Artur Ferraretto (2007) situa alguns dados que dão a dimensão da maneira esses fatores participavam na constituição do mercado para o rádio.

Vale lembrar, que no início dos anos 50, os aparelhos receptores – valvulados – eram de grandes proporções e, para funcionarem, precisavam estar ligados à rede de energia elétrica, que abastecia, em 1953, conforme relatório anual do Banco do Rio Grande do Sul, apenas 1\3 dos lares gaúchos, restringindo o acesso ao veículo, e como consequência óbvia, o número de ouvintes” (FERRARETTO, 2007, p.23-24)

Essas transformações pelas quais o rádio atravessou, estão implicadas em mudanças de caráter econômico e tecnológico, mas também em reorganizações que influenciaram o âmbito cultural, social e histórico das sociedades. O rádio, desde sua implantação, e posteriormente com seu desenvolvimento, atuou também como um fenômeno cultural, participando na transformação de modos de vida, costumes e *habitus* de indivíduos, famílias, grupos. Transformações estas que tiveram períodos de maior intensidade, como no princípio da comercialização do rádio, ou na transição para a portabilidade. No entanto, mesmo que mais graduais, participaram de maneira importante na vida dos ouvintes.

3.1.2. Cultura radiofônica

Ao longo de um percurso de convívio e desenvolvimento do rádio na sociedade brasileira, ele foi se constituindo como um fenômeno cultural de múltiplas dimensões e sentidos. Foi capaz de ir se adequando às mudanças que se operaram no tecido social e, com elas, às modificações que foram sendo manifestas na vida, no cotidiano das pessoas. O rádio representou, na história recente do Brasil, o primeiro veículo de comunicação de massa que efetivamente passou a fazer parte do conjunto social de vida dos indivíduos, com participação consistente e transformadora na trajetória dos sujeitos.

Essa característica se deve a um conjunto de fatores múltiplos e interligados. O primeiro deles talvez seja o que se vincula à característica de *oralidade*, constitutiva desse meio de comunicação. Essa forte relação existente entre rádio e oralidade é uma marca que pode ser percebida especialmente nas culturas latino-americanas que possuem essa característica como parte de sua constituição. Entretanto, é importante ressaltar que não se está partindo de uma perspectiva em que a oralidade é tida como característica do passado ou até mesmo ultrapassada, de uma cultura que já se “desenvolveu”, mas é parte constituinte do presente, se mostra transformada, convivendo com uma série de outras características, sejam elas atuais ou não. Ao se trabalhar no âmbito da recepção, e nesse caso em especial, com indivíduos idosos, pressupõe-se que a cultura oral tem uma relevância bastante significativa. Alia-se então público e meio que possuem na oralidade uma marca comum.

Ressalta-se também a importância de se estabelecer uma relação entre a oralidade existente no âmbito da cultura e a oralidade midiaticizada pelo radiofônico. Para Jesús Martín Barbero, vivemos em um tempo que se observa uma co-existência entre as diferentes manifestações comunicativas.

Hablar de medios de comunicación en América Latina se ha vuelto entonces una cuestión de envergadura antropológica. Pues lo que ahí está en juego son hondas transformaciones en la cultura cotidiana de las

mayorías, y especialmente en unas nuevas generaciones que saben leer, pero cuya lectura se halla atravesada por la pluralidad de textos y escrituras que hoy circulan. Lo que entonces necesitamos pensar es la profunda compenetración – la complicidad y complejidad de relaciones – que hoy se produce en América Latina entre la oralidad que perdura como experiencia cultural primaria de las mayorías y la visualidad tecnológica, esta forma de “oralidad secundaria” que tejen y organizan las gramáticas tecnoperceptivas de la radio y el cine, del vídeo y la televisión. (MARTÍN-BARBERO, 1999, p.34).

Seguindo nessa mesma perspectiva, Martín-Barbero destaca que na atualidade há a relação de convivência entre construções como a oralidade e o que o autor denomina de *visualidade tecnológica*, onde estariam inscritas as experiências mediadas tecnologicamente. O que se coloca então a partir do estabelecimento de relações desta natureza é a coexistência da oralidade com “novos” modos de se perceber e realizar a comunicação, nesse caso, especialmente via mídias. Além disso, mesmo as tradicionais práticas orais ainda mobilizadas passam por processos de reconfiguração, especialmente em função do midiático.

Na relação estabelecida entre significações de uma escuta midiaticizada pelo rádio, coloca-se a importância de se perceber também os sentidos gerados e o que se produz a partir deles. As múltiplas possibilidades ofertadas pelas produções radiofônicas colocam a necessidade de se observar e analisar os aspectos constituintes envolvidos. Essa voz que não é simplesmente composta pela fala humana, mas que integra outras sonoridades como os efeitos, a música, sons que funcionam como marca para um programa, um locutor, um personagem, e que, juntas, passam a compor um quadro de oralidade e sonoridade midiaticizada. A mobilização que cria sentidos no ouvinte é feita pela voz. Ela está intimamente direcionada também pela memória e por seu intermédio se dá o acionamento de referenciais simbólicos diversos, e entre eles os midiáticos. O direcionamento, as variações que abrangem intensidade, velocidade, ritmo, articulação fazem da voz midiática um elemento com características iguais a da voz utilizada na relação interpessoal, mas que carrega em si as referências simbólicas presentes no meio, no produto midiático e no papel representado por aquele que a possui.

Ninguno de los sistemas expresivos que constituyen el lenguaje radiofónico es por si mismo fundamental para la producción de sentido. Sin embargo, porque es el instrumento habitual de expresión directa del pensamiento humano y vehículo de nuestra socialización, la palabra es indispensable en el conjunto del lenguaje radiofónico. Aquellos creadores que prescinden un éxito comunicativo, aunque, desde una perspectiva experimental, se les pueda reconocer un gran valor por lo que representa de aportación al desarrollo del lenguaje radiofónico. (BALSEBRE, 2007, p.33)

O caráter de vinculação intrínseca com a oralidade que o rádio institui é que o aproxima da vida, do cotidiano e da experiência dos indivíduos. É a manifestação de mesclas oriundas das mais diferentes vertentes e representa um movimento que é muito bem expresso por Martín Barbero:

Lo que paradójicamente resulta, es lo que constituye la especificidad histórica de lo popular em América Latina: el ser espacio denso de inter-relaciones, de intercambios y reapropiaciones, el movimiento del mestizaje. Pero de un mestizaje que es proceso no puramente “cultural” sino dispositivo de interrelación social, económico y simbólico. (MARTÍN BARBERO, 2002, p. 137).

Entendo a oralidade como uma característica típica e configuradora do rádio, e, para além disso, que também propicia importantes vinculações entre a cultura e a própria cultura midiática. Se prosseguirmos no raciocínio empreendido por Martín Barbero, conseguimos compreender a importância de se considerar esses vínculos e relacioná-los nas conformações que articulam a cultura, a oralidade e o rádio como expoente de um processo de mediação social. Nesse sentido, compartilho com o pensamento de Martín Barbero (2002) quando considera a cultura como o lugar privilegiado *desde* o qual se pode compreender as diversas imbricações relacionadas aos fenômenos comunicacionais. E nesse caso, referindo ainda a essa mesma concepção, tais opções não se revelam arbitrárias ou simplesmente dadas ao acaso, mas são algumas exigências vinculadas ao próprio objeto/problema de estudo. Para se compreender relações como as que se manifestam entre rádio e oralidade, é preciso observar imbricações no âmbito da cultura vivida pelos sujeitos.

Para se entender o papel desempenhado pela oralidade em nossas culturas latino-americanas e buscar compreender os vínculos existentes com o desenvolvimento do rádio é preciso relacionar a trajetória descrita por esse traço de nossa formação cultural. Sem a tradição de uma “cultura letrada” por excelência, a oralidade foi se constituindo como um importante elemento de formação cultural, educacional e de sociabilidade em países como o Brasil, e se afirmando também como um traço identitário de um povo. Em algumas visões ortodoxas, essa característica poderia representar um “atraso cultural”, uma demonstração de subdesenvolvimento. No entanto, ao se relacionar a forte ligação existente entre rádio e oralidade, e a importância que este meio de comunicação teve e tem em nossas sociedades, é mais coerente, na perspectiva que adoto nesta investigação, aproximar-me à visão exposta por Martín Barbero ao refletir sobre essas características:

No letrada significa entonces una cultura cuyos relatos no viven en, ni del libro, viven en la canción y en el refrán, en las historias que se cuentan de boca en boca, en los cuentos y en los chistes, en el albur y en los proverbios. De manera que incluso cuando esos relatos son puestos por escrito no gozan nunca del estatus social del libro. (MARTÍN-BARBERO, 2002, p.153).

Dentro desse universo expresso pela oralidade há a presença insubstituível do *elemento sonoro*. Sonoridade esta que se revela como uma importante marca que orienta, distingue e constitui não só o fazer radiofônico, mas que também mobiliza os sentidos da escuta. É o som que advém da fala, do ruído, da música, de todo esse conjunto sonoro composto e múltiplo. Nesse contexto, o som opera das mais diferentes formas, marcando presença em distintos aspectos que participam na vida dos sujeitos. Entre eles, o que está vinculado ao caráter relacional entre a audição e a afetividade. Isso porque, sob o ponto de vista de uma abordagem psicológica dessa ligação, entende-se que o sentido auditivo está, em grande medida, ligado às vivências afetivas dos indivíduos. Tal consideração é feita pensando em uma perspectiva mais global de relevância sonora das vivências humanas.

Se analisarmos mais detidamente aspectos particulares dentro desse universo sonoro, chegaremos até a *música*. E este talvez seja um elemento que pode não só suscitar uma rica discussão, como também é um instrumento oportuno para perceber e compreender a relação afetiva que se estabelece com o som, dada a intensidade expressiva e emocional que é capaz de mobilizar. A partir dela, Mario Kaplún (1978) situa algumas reflexões em seu uso como parte integrante de uma linguagem radiofônica:

Un buen empleo del lenguaje musical abre, en cambio, caminos inospechadamente ricos a la comunicación radiofónica. Entre las imágenes auditivas más sugerentes que es posible crear, figuran aquellas que son generadas por un uso inteligente e imaginativo de temas musicales. (KAPLÚN, 1978, p.61).

A utilização da música é, entretanto, um dos elementos que trabalha nessa composição da linguagem do rádio. Sua potencialidade é revelada quando atua também em conjunto com outros aspectos constituintes do meio, seja a palavra ou efeitos sonoros, traduzidos e representados por este ou aquele gênero radiofônico.

3.1.3. A linguagem radiofônica

A estrutura que forma a linguagem pela qual o rádio institui a comunicação com seus públicos é dotada de complexidade. O verbal, o não verbal, as diferentes sonoridades, os recursos técnicos, todos, cada qual em sua função, organizam um sistema que objetiva comunicar.

Uma síntese pertinente para se compreender a maneira como a linguagem radiofônica opera e pode ser compreendida é desenvolvida por Armand Balsebre (2007). Para ele, a estrutura da mensagem sonora é composta por elementos que estão sintetizados nas *palavras, na música e nos ruídos, ou efeitos sonoros*. Sua

elaboração parte do pressuposto que esses três sistemas, com suas particularidades, ao se comunicarem, é que possibilitam a existência da linguagem radiofônica. Sendo assim, desenvolveu uma síntese que procura abarcar os aspectos constituintes dessa linguagem.

Lenguaje radiofónico es el conjunto de formas sonoras y no sonoras representadas por los sistemas expresivos de la palabra, la música, los efectos sonoros y el silencio, cuya significación viene determinada por el conjunto de los recursos técnico-expresivos de la reproducción sonora y el conjunto de factores que caracterizan el proceso de percepción sonora e imaginativo-visual de los radioyentes (BALSEBRE, 2007, p. 27).

Pode-se então perceber que a linguagem radiofônica articula características que vinculam a *música* a um sentido afetivo, emotivo, mas que no interior da constituição radiofônica, ela terá funções³⁷ marcadas na constituição do que se considera como a própria linguagem radiofônica. Seriam as marcações de natureza gramatical dentro do rádio, onde é utilizada na separação de blocos de textos ou mesmo na mudança de assuntos. Atua também como um momento de passagem, uma pausa entre um estágio e outro. Pode exercer também uma função expressiva, criando uma espécie de atmosfera sonora, conduzindo a diferentes sentidos.

Como função descritiva, poderá estabelecer relação com cenários, podendo expressá-los de maneira singular. Em uma perspectiva que sugira uma reflexividade, ela se estabelece como pontuação, de forma que o ouvinte tenha um certo tempo para pensar e recapitular o que ouvira até então. Utilizada em programas radiofônicos relacionados à dramaturgia, a função ambiental está relacionada à reprodução de ambientes em que se fazem necessários os sons que ela reproduz.

En radio - sobre todo em el radiodrama- la música constituye también un lenguaje; cobra valor de signo expresivo, como la palabra. No la usamos como mero adorno, sino para sugerir y significar algo; subrayar una situación, describir un estado de ánimo. (KAPLÚN, 1978, p. 88).

Sendo assim, ao se falar em sonoridade, cabe também ressaltar que não só a música exerce papel fundamental como este elemento constituinte da linguagem radiofônica, mas toda a natureza de efeitos sonoros que são traduzidos como a materialização dos objetos que buscam representar. Da mesma forma que a música, também estão relacionados às determinadas funções que exercem. E para relacioná-las, poderia citar a função expressiva como expressão do valor comunicativo que os efeitos sonoros são capazes de mobilizar. Assim como ocorre com a música, em certas ocasiões estão ligados à criação de uma atmosfera emocional, propiciando uma sensação expressiva da realidade em questão, seja ela representada ou mesmo fabricada.

Nesse universo tão rico de sensações que os sons, a música, como componentes da linguagem radiofônica, propiciam, é inevitável não pensar na feliz analogia realizada por Gaston Bachelard ao dar como título “Devaneio e rádio” ao capítulo em que trabalha essas dimensões que relacionam o envolvimento da escuta radiofônica, as maneiras como o som e o rádio participam nas construções subjetivas dos sujeitos:

O ouvinte encontra-se diante de um aparelho. Está numa solidão que não foi ainda constituída. O rádio vem constituí-la, ao redor de uma imagem que não é apenas para ele, é para todos, imagem que é humana, que está em todos os psiquismos humanos. Nada de pitoresco, nenhum passatempo. Ela chega por trás dos sons, sons bem feitos. (BACHELARD, 2005, p.133).

No processo que configura a linguagem radiofônica, diferentes perspectivas estão presentes. Dentre elas, uma que se coloca como mais elementar, mas que possui um papel primordial, que define outras tantas atribuições. Trata-se do componente técnico\tecnológico que configura o próprio meio. Balsebre (2007) relaciona a maneira como essa participação se articula.

³⁷ Para ter uma noção bem mais detalhada sobre como se operam, até mesmo tecnicamente, essas funções, ver KÁPLÚN, 1978, p.163.

La noción tecnología, como um proceso de\formante de la señal sonora original, cuyos recursos expresivos influyen decisivamente en la codificación de los mensajes sonoros de la radio. La codificación de un mensaje no puede ignorar que el mensaje percibido e interpretado por el oyente a través de la reproducción sonora no recoge objetivamente la señal sonora original. Los micrófonos tienen curvas de respuesta diferentes del oído humano. Y el sistema de propagación electromagnética del sonido radiofónico, aunque se produzca a través de la Frecuencia Modulada (sistema que contempla una mayor fidelidad) también reduce la calidad del sonido original. Además, a través de magnetófonos, filtros, reverberadores y otros elementos propios de una unidad de grabación y reproducción sonora, el creador incorpora a la codificación del mensaje los recursos expresivos del trucaje sonoro: todos aquellos procedimientos técnicos que por medios artificiales permiten dar al oyente la ilusión de una determinada realidad sonora. (BALSEBRE, 2007, p. 26)

Pensar o rádio pelo viés de uma perspectiva que aponta para o seu desenvolvimento técnico e\ou tecnológico não significa reduzir seus outros níveis de constituição que, com o passar do tempo, também sofreram transformações. No entanto, é o trabalho de tentar situar como os processos que atuam para além dos conteúdos presentes e expressos no e pelo universo radiofônico também participam de sua estruturação e evolução.

3.1.4. Os Gêneros

A perspectiva que busca no interior das culturas o entendimento acerca dos usos dos meios é trabalhada por Jesús Martín Barbero (1998). Postulará então que é no gênero como estratégia de comunicabilidade que teremos a compreensão sobre o desenvolvimento de competências, essenciais para se compreender os movimentos da recepção radiofônica.

Os gêneros são compreendidos como sendo possíveis articuladores da ligação entre as diferentes lógicas da produção e do consumo midiático. Representam a possibilidade de entrada para entendimento das múltiplas lógicas da recepção dos meios. *“Son sus reglas las que basicamente configuran los formatos y es en ellos*

donde ancla el reconocimiento cultural de los grupos” (MARTÍN BARBERO, 1998, p. 309).

Entretanto, é importante situar as perspectivas desde onde se percebem esses movimentos. É na cultura, na sua constituição repleta de conflitos, anacronias, tempos múltiplos que esses gêneros vão ser compreendidos, apreendidos, significados. São componentes que, ao serem analisados, refletidos, revelam mobilizações e modos de apropriação das mídias por seus consumidores.

Importantes “chaves” são apontadas por Martín Barbero para se compreender melhor os modos como operam os gêneros na recepção gerando, entre outras características, competências comunicativas. Essa noção desenvolvida pelo autor é frutífera para se compreender a recepção. No entanto, está situada em um território onde importantes aspectos constituintes estão implicados, entre os principais, o conceito de *habitus de classe* para compreender como se processam esses modos de consumir as mídias. Esse conceito não implica somente na noção de classe por uma vinculação primordialmente econômica ou social, mas se relaciona muito mais ao cultural, aos usos, organizações espaço-temporais implicadas, ou seja, um conjunto de fatores que, em relação, colaboram no desenvolvimento de competências culturais, mas também comunicativas e na forma como estas são expressas.

Competência que vive de la memoria – narrativa, gestual, auditiva – y también de los imaginarios actuales que alimentan al sujeto social femenino o juvenil. El acceso a esos modos de uso pasa inevitablemente por un ver con la gente que permita explicitar y confrontar las modalidades diversas y las competencias que aquellas activan, y los relatos – historias de vida – que nos los cuentan y dan cuenta de ellos. (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 308).

Novamente se evidencia neste trabalho um caminho em que as discussões da noção abrangente de receptor dos meios de comunicação não está deslocada da recepção radiofônica em específico. No rádio temos as questões particulares apontadas, mas que estão incluídas no âmbito de reflexões que abrangem a problemática de maneira articulada.

Os gêneros figuram então como modos de reconhecimento, são estruturados de forma que organizam, de uma certa maneira, os modos de relacionamento dos públicos com os meios. No caso do rádio, essas manifestações são muito intensas, e por isso mesmo, possíveis de se identificar e analisar. E nesse caso, percebo a forte articulação existente entre os conceitos de competência radiofônica, usos e *habitus* de escuta e a participação dos gêneros radiofônicos. O que é possível compreender é que os gêneros radiofônicos são elementos chaves na configuração dessas práticas e/ou vivências articuladas com o rádio. Nesse sentido é que a compreensão se aproxima muito da analogia que Martín Barbero realiza ao comparar os gêneros com um idioma falado, onde é possível que o sujeito desconheça a sua gramática estruturante, mas conheça e domine o seu funcionamento e consiga transitar muito bem nessa conformação conseguindo, inclusive, desenvolver e demonstrar competências surgidas nesse processo.

De todas as formas, cabe situar também que os gêneros não são estruturas estanques, imutáveis. Eles se articulam no processo, na diversidade das mudanças, na relação com outras estruturas dentro do próprio meio. Estruturas que estão relacionadas com modelos e estilos de programação, com a própria emissora, com os horários, com os sujeitos condutores, e que só no conjunto e no processo é que ganham consistência e que apresentam também como característica a dinamicidade. É o que Martín Barbero (1998, p.310) denomina como “a trama do palimpsesto”. E nessa trama, a atenção para as especificidades de cada meio, no caso do rádio, cada emissora, ou mesmo cada programa, todos componentes nessa formação.

O caráter de mobilidade que pode se atribuir ao gênero é cada vez mais perceptível aos pensarmos nas produções midiáticas como um todo. Observam-se muitas mesclas, profusão de arranjos e re-arranjos que acabam até mesmo por formar novos gêneros. A televisão que busca inspiração no rádio, que se reorganiza em função da própria TV, que compartilha características com a Internet num processo dinâmico, sempre inacabado. De todas as formas, cabe mais uma vez ressaltar questões que aproximam a discussão do gênero no rádio:

Por género radiofónico se entiende cada uno de los modos de armonizar los distintos elementos del mensaje radiofónico de manera que la estructura resultante pueda ser reconocida como

pertenciente a una modalidad característica de la creación y difusión radiofônica. (HAYE, 2003, p. 100).

Sendo assim, há que se compreender o gênero como mobilizador de estruturas que carregam consigo características que operam como organizadoras de narrativas. No caso dos meios, são formuladas tendo influências internas e externas ao midiático, bem como são passíveis de modificações e reorganizações. E entre os gêneros radiofônicos, destaco a radionovela, a música e os programas de auditório e os informativos pela relevância expressa nas memórias da recepção.

3.1.4.1. A radionovela

Dos gêneros que foram tendo destaque no decorrer da pesquisa, a radionovela ocupou um espaço com especial, do princípio ao fim. Para os ouvintes, sua função transcendia o entretenimento. Sua constituição, propícia à criação de imagens sonoras, de acompanhar uma história imaginada somente a partir da escuta, fazia com que tivesse uma audiência fiel.

El radioteatro o radiodrama ha sido el género radiofónico que mejor ha desarrollado esa traducción sonora del mundo audiovisual. Pero al mismo tiempo, en la radio se encuentra el medio ideal para expresar lo fantástico e imaginario, creando una nueva poesía: la poesía del espacio. La radio, pues, se fija dos importantes metas: reconstitución y recreación del mundo real a través de voces, música y ruidos, y creación de un mundo imaginario y fantástico, productor de sueños para espectadores perfectamente despiertos. (BALSEBRE, 2007, p.14).

As características desse gênero, que propiciava a reprodução de sons, ambientes, alternava vozes, mobilizava de tal forma o imaginário dos ouvintes que as memórias dessa época ainda são nítidas até os dias atuais, mesmo após haver transcorrido quatro, cinco décadas. A riqueza maior de detalhes fica por conta dos aspectos que adquiriram significação, como tons de voz, criação de suspense (usando para isso recursos sonoros) e as músicas, que são referidas sempre pela importância atribuída nesse tipo de produção radiofônica.

No Brasil, as radionovelas iniciaram no ano de 1941. *Em busca da felicidade*, de Leandro Blanco, adaptada por Gilberto Martins, foi a primeira história seriada para rádio, e transmitida pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Já no Rio Grande do Sul, a década de 50 deu início às produções, com as emissoras Farroupilha e Gaúcha. Nesse período, desenvolveu-se toda uma indústria em torno dessas produções de dramaturgia e entretenimento. Diretores, atores, atrizes, sonoplastas, contra-regras, uma infinidade de profissionais movimentavam esse mercado.

Nesse gênero, eram trabalhados, de maneira bastante harmoniosa os três elementos constituintes da linguagem radiofônica, segundo Balsebre: a palavra, a

música e os efeitos sonoros. A radionovela foi então capaz de suscitar a criação de cenários imaginários que, no decorrer da história e do desenvolvimento dos meios de comunicação, a telenovela não foi capaz de substituir pura e simplesmente.

Se os efeitos sonoros retratam o ambiente, à voz cabe, com diferentes entonações, transmitir, além do conteúdo da narrativa, a emoção, associando-se assim às trilhas musicais utilizadas. Nesse aspecto, cabe destacar como, na época, são definidos, com base nesse critério, intérpretes e, por extensão, os papéis passíveis de serem atribuídos a cada um. A voz do galã deve ser aveludada e romântica, situada entre o grave e o agudo, um “vozeirão gostoso e envolvente”, na definição do ator de rádio, Ernani Behs. Sua comparsa feminina, a mocinha ou ingênua, soa doce e suave, ao interpretar a sofredora, vítima de vilões, inocente ante as maldades do mundo, ou insinuante, a sugerir possibilidades amorosas, em tipos agraciados pela sorte ou perseguido por desventuras”. (FERRARETTO, 2007, p. 335-336)

Foi em meados da década de 70 que as principais emissoras de Porto Alegre, como a Gaúcha e Farroupilha, decidiram demitir os funcionários que estavam diretamente envolvidos com a produção das radionovelas, acabando assim com os seus elencos. Em anos posteriores, houve tentativas para retomada do gênero, mas que não prosseguiram por muito tempo.

3.1.4.2. A música

A música é um dos componentes que Balsebre situa como fundamental na constituição da linguagem radiofônica. No rádio, ela se presta a uma gama de funções, sendo utilizada por diferentes formatos, desde o noticioso, o entretenimento, na publicidade radiofônica. Junto com os efeitos sonoros, e na junção com o verbal, a música pode adquirir diferentes funções.

Entre os autores que discutem a participação da música nas programações radiofônicas está Rafael Beltrán Moner (2005). Ele trabalha na perspectiva de organizar as potencialidades da música para os meios audiovisuais. Para tanto,

empreende algumas classificações, como forma de melhor estruturar a compreensão das possibilidades de uso e também da maneira como podem ser entendidos.

La música, como medio expresivo de ambientación, la clasificaremos en tres cualidades: música objetiva, música subjetiva y música descriptiva. Música objetiva es aquella que participa en la acción de forma real y sin posibilidad de exclusión. Cualquier elemento reproductor de música puede aparecer en la narración “en vivo” y tiene que sonar tal como es, con su sonido y características propias. Estilo, época, timbre, et. Música subjetiva, o sugestiva, es la que expresa o apoya una situación emocional concreta, creando el ambiente anímico que no es posible reproducir por medio de la imagen y/o palabra. Música descriptiva es aquella que por su forma de composición y sus características tímbricas nos proporciona la sensación de un efecto o situación natural. El viento, la lluvia, el fuego, los pájaros, un paisaje, un lugar determinado, una época y otras circunstancias ambientales exentas de sentido anímico o argumento dramático emocional son motivos que ésta música puede describirnos a través de las sensaciones auditivas. (MONER, 2005, p. 13)

Também não há como deixar de pensar no silêncio como elemento que participa e exerce uma função primordial no rádio. Se, a partir de Balsebre, se compreende a linguagem radiofônica composta pela música, efeitos sonoros e o verbal, quando o silêncio acontece, há uma razão importante. Para Moner (2005), o silêncio também pode ser compreendido a partir de classificações, observando sua natureza e utilização. Relaciona então a divisão entre o silêncio objetivo e subjetivo.

Silencio objetivo no és más que la ausencia de música y ruido. Clasificar al silencio como “objetivo” puede parecer una perogrullada, sin embargo utilizamos esta denominación únicamente para distinguirlo del silencio subjetivo que, como veremos, si debemos tenerlo en cuenta. Silencio subjetivo es, por supuesto, la anulación de música subjetiva y ruido subjetivo, consiguiendo con la ausencia de estos, otro medio de expresión para crear un ambiente emocional. La tensa contención dramática antes de una exteriorización sublime puede ser resuelta con el silencio”. (MONER, 2005, p. 15)

Na trajetória do rádio, brasileiro, e lançando um olhar mais detido ao rádio no Rio Grande do Sul, pode-se dizer que a música sempre ocupou um lugar de destaque.

Se considerados programas que já não estão mais em atividade, como as radionovelas e programas de auditório, a música tinha um papel preponderante. No caso das radionovelas, a música foi um elemento com forte participação, tendo grande importância na criação de cenários, e ajudando a reforçar a imaginação dos ouvintes.

Nos antigos programas de auditório, a música teve também grande relevância. Cada emissora possuía sua orquestra, que estava à disposição para ser utilizada em diferentes atrações. No caso dos programas de auditório, em alguns casos, a música era a própria razão de ser. Isso pode ser observado em atrações como o Clube do Guri, programa onde crianças eram apresentadas como calouros, e que até hoje é lembrado, entre outras características, por ter revelado a cantora Elis Regina.

O espaço e a natureza de uso da música no rádio foram, ao longo dos anos, sendo transformados. No entanto, a sua importância e a sua força como elemento constituinte de diferentes produções radiofônicas se revelam na perspectiva do passado e do presente. Isso é constatado quando, por exemplo, os ouvintes expõem suas lembranças musicais. E entre gostos e competência que o rádio foi criando e alimentando entre seus ouvintes, a música figura entre os principais.

3.1.4.3. Os programas de auditório

Na programação radiofônica, um gênero que ocupou um espaço de destaque durante muito tempo na preferência da escuta foi os programas de auditório. Mais do que atrações que reuniam artistas, especialmente cantores e cantoras da época, eles também representaram a expressão de um tempo onde exerciam também a função de serem momentos dedicados ao entretenimento.

E dentro do próprio gênero, haviam subdivisões, destinadas a agradar uma variedade cada vez maior de públicos. Havia os programas musicais, de humor, infanto-juvenis, os que eram baseados em perguntas e respostas e mesmo os que

destinavam seu espaço ao regionalismo gaúcho. O estilo marcante que cada um deles imprimia, fez com que não fossem esquecidos pelos ouvintes que acompanhavam assiduamente. Isso porque, eles não propiciavam somente a escuta via rádio de sua exibição, mas também davam a possibilidade dos ouvintes estarem presentes nas gravações, acompanhando todas as movimentações e atrações ao vivo. Pode-se dizer que ao lado da radionovela, os programas de auditório representaram um marco na época em que viveram seu auge, o que ocorreu especialmente na década de 50.

4. PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA ENTENDER A MIDIATIZAÇÃO RADIOFÔNICA DESDE AS MEMÓRIAS DA RECEPÇÃO

Neste capítulo busco desenvolver perspectivas para pensar os processos de midiatização radiofônica na perspectiva das trajetórias de escuta da recepção, constituídas em memórias. Nele explicito elaborações relativas à noção de midiatização, construo perspectivas para compor uma compreensão das trajetórias de escuta radiofônica; das temporalidades e espacialidades e suas relações com o rádio; dos usos, *habitus* e das competências radiofônicas constituídos na trajetória de escuta; das mediações implicadas nos processos de escuta do rádio e das configurações da memória. Início com a reflexão sobre o processo de midiatização da sociedade.

4.1. A midiatização da sociedade como um processo referencial

É possível dizer que, nessa investigação, a preocupação primordial está relacionada às operações realizadas nas práticas comunicacionais midiatizadas desde a perspectiva da recepção. Práticas que, percebidas e analisadas numa perspectiva de trajetória de usos de seus receptores, potencializam a compreensão do desenvolvimento e da dinamicidade dos processos de midiatização. Processos estes onde a produção de sentidos acontece de maneira incessante e onde o caráter de constante circulação é uma característica constituinte. Muitas vezes pode até mesmo parecer ser um fenômeno demasiadamente volátil, o que de certa forma se revela como uma característica, dada a dinamicidade do processo. No entanto, ao avançar na compreensão das lógicas presentes nessas realidades, é possível perceber estruturas que possibilitam entender que esses fenômenos são constituídos por múltiplas dimensões, com características tanto móveis quanto estruturantes.

Cabe, nesse momento, situar a maneira como se está compreendendo o desenvolvimento dos processos relacionados à **midiatização** e, nesse caso em especial, com maior ênfase no que se considera a **midiatização radiofônica**. Ao

longo desse percurso de reflexão, serão mais bem abordadas suas lógicas, mas vale dizer que, na visão que desenvolvo nessa investigação, podemos localizar pelo menos duas delas. Dentro do mesmo processo, é possível identificar com clareza um viés da mediação que se percebe pelo caráter industrial dos meios, que se relaciona ao desenvolvimento de produtos simbólicos a serem consumidos, considerando também a constituição estrutural desses, o próprio desenvolvimento técnico e tecnológico inserido.

A outra perspectiva considerada é aquela onde a mediação é vista pelo viés da recepção. Nesse caso, a atenção se foca na questão de como os ouvintes foram vivenciando, se inserindo e configurando-se como públicos em meio ao desenvolvimento, às mudanças, às continuidades e descontinuidades presentes nesse processo. Para tanto, e nessa investigação em especial, fica evidente o papel da memória como esse lugar onde os processos de mediação também se fazem presentes enquanto marcas. Processos que, poderíamos dizer, são articulados em e articuladores de uma memória radiofônica.

Em meio à multiplicidade desses processos nós, investigadores, precisamos desenvolver nossas *táticas* (CERTEAU, 1994), ou mesmo *mapa noturnos* (MARTÍN-BARBERO, 1997) para irmos trilhando um caminho rumo ao entendimento desses fenômenos em que estamos também inseridos. E no traçado desse mesmo caminho, encontramos uma série de aspectos com os quais é preciso atentar, pois interatuam com o midiático em uma infinita *semiose*. Nessa articulação, a sociedade está presente e é o próprio tempo/lugar onde os processos midiáticos ganham vida. Mídia e sociedade interagem e, no atual estágio de mediação que as sociedades experienciam, pode-se dizer que são interdependentes.

Eliseo Verón destaca que é a partir da consideração de um critério sociológico de dimensão coletiva que se torna possível considerar e desenvolver o conceito de mediação. Sendo assim, a existência de um acesso plural aos meios é fator também determinante na mediação. Tudo isso ambientado em uma realidade que se passou a viver especialmente a partir da segunda metade do século XX, onde outros processos, como é o caso da globalização, também propiciaram o desenvolvimento cada vez maior da mediação das sociedades.

Falar em processos de midiáticação implica dizer que os meios passam a operar em diferentes esferas da sociedade e, inclusive, no interior das culturas. Passam a atuar, nesse caso, como possibilidade de construção de identidades, de imaginários, de culturas midiaticadas. Essas colocações estão em consonância com reflexões estabelecidas por Mata (1999) que afirma que sim, vivemos um processo de midiáticação da experiência, onde os meios atuam como produtores centrais da realidade.

E nesse multifacetado cenário estão os indivíduos, dotados de universos particulares que estabelecem relações com uma pluralidade de experiências possíveis nas diferentes sociedades. No decorrer dos períodos históricos, precisaram aprender a conviver com mudanças estruturais importantes, como o descentramento de campos como o religioso, depois o político culminando, em nosso tempo, com um estágio onde as próprias representações dos indivíduos se midiaticam. Conforme se busca avançar nessa reflexão, mais se percebe a existência e a importância dos “entrecruzamentos” que o midiático nos sugere. Situando então a posição do indivíduo no movimento das sociedades, Certeau (1994) dirá que é cada vez mais perceptível as operações *táticas* por parte dos indivíduos para poderem transitar na sociedade. Essas táticas poderiam assemelhar-se à arte rudimentar dos caçadores, que buscam sempre novas ações para garantir a sobrevivência.

Já a visão exposta por Verón (2001) nos coloca questões para refletirmos sobre o indivíduo como o receptor de produtos midiáticos dentro dessa realidade onde a midiáticação opera no interior do cotidiano, das experiências, das relações. Mesmo utilizando outros termos de discussão, o autor concorda, de certa maneira, com Zygmunt Bauman (2001, 2007), que reflete sobre as problemáticas da sociedade contemporânea a partir de uma perspectiva da fluidez. Fluidez da experiência, fluidez nas relações, nos modos e/ou objetos de consumo, sendo eles simbólicos ou não. No caso de Verón, essa fluidez é refletida em uma perspectiva mais centrada em como se movimenta o universo midiático hoje, desde a fluidez das produções até a fluidez da recepção. Reconhece que a situação é “confusa”, tanto em um pólo como no outro. A complexidade do processo se torna ainda maior devido à característica de circulação que o constitui.

Relacionando, então a questão do indivíduo, para Verón os processos que envolvem a recepção de produtos midiáticos terão sempre uma natureza individualizada, mesmo que no decorrer das trajetórias existam entrelaçamentos coletivos nesses sentidos produzidos. E, de uma maneira geral, ele chama atenção para o fato da necessidade de se acompanhar, ou pelo menos tentar, os processos dinâmicos que envolvem tanto a produção midiática quanto a recepção, uma vez que pensa que nossos instrumentos ainda são insuficientes. Ao pensar tão detidamente sobre a recepção, podemos dizer que Verón nos coloca o indivíduo como tendo uma importância fundamental no processo de comunicação midiática.

Essas questões que abordam noções como a fluidez e o processo individualizado de recepção midiática são pontos que merecem uma reflexão porque considero que apresentam diferentes e importantes nuances em sua constituição. De certa maneira, compartilho tanto das propostas de Bauman quanto de Verón quando situam essas características como sendo relacionadas à constituição do receptor em sociedades como as que vivemos hoje. Os processos são rápidos; com a profusão de oferta midiática os indivíduos, potencialmente, possuem condições de consumir uma infinidade de produtos, simultâneos, sobrepostos. São, penso, características existentes e operantes.

Entretanto, essas características não são únicas e nem mesmo essa forma de conceber o processo é a única possível. Junto a essa fluidez e individualização, existem outros componentes que, em relação, configuram a experiência do receptor. Nesse caso, então, poderiam ser relacionadas lógicas que são próprias da produção midiática e que são ofertadas aos seus públicos, tais como grade de programação, horários, gêneros, elementos que sugerem um caráter coletivo, características que visam, de certo modo, a permanência, que buscam instituir relações, pactos e que visam uma fidelização, uma relação de continuidade. Sendo assim, é possível dizer que o receptor cada vez mais transita nesse fluxo, feito por continuidades, descontinuidades, fixos e fluídos.

Nas elaborações que nos oferece Octavio Ianni (2001), é possível vislumbrar as formas com que a mídia e seus desenvolvimentos vão promovendo importantes modificações na sociedade, com implicações diretas nas percepções e maneiras de

agir dos indivíduos. Nessas mudanças, estão a metamorfose da mercadoria em ideologia, do mercado em democracia e do consumismo em cidadania. O indivíduo se percebe envolto em realidades conflitantes, onde se vê interagindo com os sistemas midiáticos muito em função das possibilidades tecnológicas que lhe são apresentadas, mas ao mesmo tempo é cada vez mais espectador, anônimo, isolado. Isso porque todas essas implicações de caráter tecnológico falam muito à experiência, a uma forma de se vivenciar tudo isso onde real, virtual, tempo, espaço, hora se misturam, hora se fundem, hora se dispersam.

Abordagens que tematizam as diferentes nuances relativas a como os fenômenos de mediação impactam a sociedade podem ainda ser percebidas em formulações como as de Martín Barbero (2007), quando trabalha propostas que problematizam a maneira como hoje fenômenos como a mediação tecnológica da comunicação passam de um *status* simplesmente instrumental para se converterem em estrutural. O que isso nos coloca são questões da ordem de novos modos de percepção e relação com o que está incluso no que chamamos de mediação. Longe de ser uma problemática abstrata, é um movimento contínuo que nos afeta, pois dele somos também parte, seja, na posição de consumidores de mídias, cidadãos nessa sociedade mediada ou mesmo as duas posições, quer seja em acordo ou conflito.

Nos trabalhos que desenvolve ao longo de sua trajetória de investigação, Martín Barbero propõe também pensar as relações com os meios de comunicação a partir de um esforço de entendimento e aproximação com a cultura popular. As mediações são propostas como possibilidade de compreensão mais profunda das relações estabelecidas no âmbito da audiência, da recepção. A comunicação é então o espaço estratégico para pensar os sentidos construídos na esfera da recepção. Martín Barbero sugere, ainda, observar as articulações das práticas de comunicação com a pluralidade de aspectos das sociedades.

Na trajetória dos estudos em comunicação, observa-se um avanço nos movimentos que buscam compreender as relações entre sociedades e seus meios. Entre essas perspectivas, gostaria de sublinhar pelo menos duas: a de Eliseo Verón e a de Jesús Martín Barbero. Da abordagem de Verón (1998), resgato a reflexão sobre

as maneiras como se configuram e circulam os discursos nas sociedades e entre eles também a presença dos discursos configurados pelos meios de comunicação. Esses discursos poderão ser percebidos, analisados, relacionados a partir de suas configurações materiais. São também submetidos a determinadas condições de produção, assim como também de reconhecimento, ou seja, da recepção. Em todos esses discursos, há a presença de um componente ideológico. Essas concepções estão articuladas a uma proposta que relaciona os movimentos que se desenvolvem nos processos comunicacionais a partir da perspectiva que percebe duas gramáticas: a de produção e a de reconhecimento. Nessa relação, onde o desajuste entre essas duas instâncias é uma marca, são gerados campos de efeitos de sentido, ou seja, situa-se aqui a multiplicidade de perspectivas em relações que se estabelecem mesmo em desajuste. E essa característica não representa incomunicação, apenas situa a existência de diferenças dentro de um mesmo processo com instâncias diferenciadas.

O que se percebe, na abordagem de Verón, é a multiplicidade de aspectos que estão presentes na articulação desse relacionamento entre meios de comunicação e a sociedade em que atuam. Esse caráter de multiplicidade é também observado por Martín Barbero acerca das muitas relações que estão presentes nos vínculos que as sociedades estabelecem com os seus meios de comunicação. O autor propõe compreender esses fenômenos comunicacionais a partir da cultura, da multiplicidade que diferentes culturas e distintas sociedades podem conter. Este autor reconhece que a multiplicidade de perspectivas pode ser uma tarefa complexa, com direcionamentos que não se apresentam na maioria das vezes de uma forma clara. Essas muitas dimensões, Martín Barbero irá considerar como mediações que atravessam os diferentes âmbitos da vida dos indivíduos e suas relações com as mídias.

Em outra perspectiva, que não se apresenta como opositora, mas possivelmente complementar, o autor busca no interior das culturas chaves de entendimento acerca de vínculos que se configuram nos relacionamentos entre produção e recepção. Postulará que o gênero, pensado como estratégia de comunicabilidade permite a compreensão sobre o desenvolvimento destes vínculos e de competências, essenciais para se compreender os movimentos da recepção radiofônica.

Entretanto, é importante situar as perspectivas desde onde se percebem esses movimentos. É desde a cultura, na sua constituição repleta de conflitos, anacronias, tempos múltiplos que esses gêneros vão ser compreendidos, apreendidos, significados. São componentes que, ao serem analisados, revelam mobilizações e modos de apropriação das mídias por seus consumidores

Para pensarmos também sob o viés da relação entre sociedade e comunicação, um aporte importante para a discussão é trazido por Marx (1977), que está entre os autores que orientam uma perspectiva importante para se compreender os engendramentos sociais; tudo o que existe na sociedade é construído, nada está dado simplesmente. Em seus desenvolvimentos teóricos, o autor irá assinalar questões sobre as relações de produção na sociedade. Para ele, a sociedade burguesa é a organização histórica da produção mais desenvolvida e mais variada que existe. A produção é vista como um ato de consumo, e o consumo também é uma forma de produção; e ainda, é somente pelo consumo que um produto passa realmente a ser um produto. A produção não determinaria só o objeto do consumo, mas também o modo desse consumo. Sendo assim, a idéia de Marx é que: “a produção gera o consumo: fornecendo-lhe a sua matéria, determinando o modo de consumo, criando no consumidor a necessidade de produtos que começaram por simples objetos. Produz, por conseguinte, o objeto do consumo, o modo do consumo, o instinto do consumo” (MARX, 1977, p.220).

E nesse sentido, na perspectiva de García Canclini (2001), podemos também pensar no consumo simbólico onde estão envolvidas outras questões, como a própria visão de cultura que se faz presente nas expressões contemporâneas, sejam elas como motivações artísticas, de protesto ou ainda motivadas por uma mescla de razões. Para ele, todas essas questões vão também estar relacionadas com uma categoria central das suas discussões que é a hibridação. Um fenômeno que abrange diferentes âmbitos da esfera social, cultural, entre outras.

Hibridação esta que pode ser percebida na cultura, em suas manifestações e diferentes visões, que vão desde as representações no espaço físico das cidades, na forma de intervenções das mais diversas apresentações e passam também por hibridações percebidas nos próprios produtos dessa cultura. Um expoente disso são

as próprias manifestações midiáticas no que consideramos como gêneros. São hibridações que acontecem valendo-se de matérias primas de distintas naturezas e que, pensando nos meios, vão encontrar um lugar fecundo para seu desenvolvimento, gerando ainda outras e hibridizações.

E nesses processos, considerando múltiplos aspectos dentro do midiático, essas características híbridas se revelam, a exemplo do que de maneira semelhante foi pontuado por Martín Barbero, também na relação entre mídia, tecnologia e cultura. As relações que os indivíduos, inseridos em suas culturas, estabelecem com a tecnologia, pensando nos meios de comunicação em geral - e no rádio em particular - é algo que poderíamos conceituar como sendo essencialmente híbrido. Nessas relações, convivem (seja em harmonia ou em conflito), as mais diferentes formas de relacionamento. O mais moderno elemento tecnológico convive com a tradição de manifestações orais. São coexistências que negociam constantemente. Por vezes estas relações se apresentam como extremamente contraditórias. Aparatos de última geração reproduzindo formas tradicionais ou formatos antigos sendo re-significados pela inovação tecnológica. No caso do rádio e dos gêneros radiofônicos, teremos também estas coexistências.

Nessa composição, a presença ainda de outro elemento de forte significação e relevância é a *relação entre tempo e espaço*. Nossos tempos contemporâneos comportam múltiplas possibilidades de interação/relação dentro de sua natureza marcadamente assimétrica. A isso García Canclini (2001, p.299) fará referência: “*El posmodernismo no es un estilo sino la copresencia tumultuosa de todos, el lugar donde los capítulos de la historia del arte y del folclor se cruzan entre sí y con las nuevas tecnologías culturales*”.

Essa é uma visão que possibilita conseguir visualizar a ocorrência de alguns fenômenos. Manifestações que se encaixam muito bem quando este autor diz que hoje todas as culturas podem ser consideradas de fronteira, isso porque perderam a relação de exclusividade com o território por um lado, mas por outro, ganharam em comunicação e conhecimento. Mais uma vez, ficam evidenciadas as transformações no que tange à concepção de tempo e espaço, transformações estas em que o rádio também teve e tem seu lugar. Neste caso, a depender das configurações concretas de

cada época, o papel do rádio será distinto; entre outras ações, ora atuando, por exemplo, na constituição de vínculos culturais nacionais, ora reforçando vínculos com culturas locais/regionais, como veremos nos próximos capítulos.

4.2. Trajetórias de escuta radiofônica

Passo a discutir, agora, algumas das questões que conformam o rádio partindo da perspectiva de quem não produz programas, mas sim múltiplos sentidos. Seguindo a lógica constituinte da tese, refletirei a partir de aspectos que promovem a imbricação entre o trabalho da escuta e lógicas que estão presentes na relação entre o rádio e seus públicos.

Se relembrarmos a história e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, vamos situar o rádio como o primeiro meio efetivamente massivo a se consolidar na sociedade brasileira, tendo o seu início em 1922. É certo que antes dele já existiam os jornais impressos; entretanto, dadas as condições econômicas e socioculturais da época, não possuíam um grande público leitor. O rádio, não só por suas características fortemente identificadas com uma sociedade de tradição oral, mas especialmente por um investimento político estatal empreendido pelo presidente Getúlio Vargas³⁸, passa a ser o meio de comunicação com a maior proporção de consumidores.

Esse muito breve relato do início das transmissões radiofônicas no País, com conseqüente desenvolvimento da indústria do rádio, é trazido para situar temporalmente a época em que começa a se configurar o consumo radiofônico brasileiro. É a partir daí que começa a surgir a história do rádio com seus públicos.

Autores como o mexicano Héctor Gómez Vargas (1998) apontam para a possibilidade de se realizar um estudo de recepção em perspectiva histórica, onde uma das características principais está relacionada a um duplo movimento de reflexão: um relacionado ao rádio promovendo transformações culturais a partir de suas práticas, e outro ao próprio rádio em constante transformação em função das vivências do e com seus públicos. Essa é uma visão da qual compartilho, tendo em vista os movimentos que podem ser, e nesse caso foram percebidos, especialmente na etapa exploratória de investigação com os radiouvintes. O que se coloca aqui é

³⁸ Sobre esse período de surgimento do rádio no Brasil consultar HAUSSEN (2001).

uma possibilidade concreta de refletir e compreender como se dá a inserção do receptor no processo comunicacional midiático. E nessa investigação em especial, a construção de trajetórias de escuta radiofônica é elemento determinante na compreensão da recepção em perspectiva histórica.

As referências e registros sobre os sentidos construídos pelos ouvintes nas primeiras décadas de funcionamento do rádio são raras³⁹. Uma análise que reflete sobre um acontecimento bastante pontual na história do rádio mundial é evidenciada na perspectiva de alguns pesquisadores brasileiros⁴⁰. Trata-se da transmissão da peça radiofônica *Guerra dos Mundos*, desenvolvida a partir da obra homônima do escritor Herbert George Wells, ocorrida em 1938, nos Estados Unidos. Com uma mescla entre elementos ficcionais do rádio teatro da época, fatos e recursos de linguagem radiojornalística, o programa transmitido pela emissora CBS fez com que seus ouvintes significassem a narração de uma invasão alienígena como sendo o acontecimento de um fato real, o que gerou o pânico na população, que sentiu-se vivendo uma ameaça concreta. Talvez esse seja o caso mais discutido, lembrado e referenciado do que podemos considerar como exploração de significações da recepção radiofônica. Entretanto, ao passo que é emblemático pela força dos sentidos que mobilizou, acaba sendo um fato muito peculiar, não representativo dos consumos radiofônicos realizados no dia-a-dia.

Se pensarmos neste fato desde outras perspectivas, esse caso estudado e referenciado ainda adquire muitas novas conotações. Nesse fato estão contidos indícios de uma configuração em estágio inicial de desenvolvimento. Um período onde se pode perceber não haver um “domínio” das lógicas que envolvem o meio, tais como sua linguagem, seus gêneros, suas regras de funcionamento, o sentido que cada sonoridade pode tomar no contexto. De todas as formas, essa exemplificação contribui para pensar na força dos sentidos quando estamos falando de recepção radiofônica. A força da sonoridade, a capacidade imaginativa empregada, as imagens sonoras geradas são elementos que, em combinação, proporcionam ao ouvinte a criação de “mundos” onde a palavra e o som operam como guias.

³⁹ As pesquisas que relacionam esse período estão mais preocupadas em refletir acerca das questões estruturais e conjunturais do meio.

⁴⁰ A obra organizada por Eduardo Meditsch traz diferentes abordagens sobre esse episódio. Ver MEDITSCH (1998).

Sendo assim, é preciso que consideremos que temos um importante caminho a ser explorado no que se refere a uma história da recepção radiofônica. Para tanto, alguns aspectos são imprescindíveis de serem refletidos e explorados para compreender esses caminhos percorridos, como na perspectiva apontada por Gómez Vargas:

Conforme retrocedemos en el tiempo, la relación y el uso de la radio en la vida de la mayoría de los sujetos sociales han sido más íntimos, más cercanos, más directos y más globales, y que, conforme nos acercamos en el tiempo hasta nuestro días, el contacto y la relación con la radio se ha ido estrechando y especializando y su uso se ha ido delimitando a situaciones y modalidades específicas en lo cotidiano” (GÓMEZ VARGAS, 1998, p. 63).

Esses apontamentos falam de uma relação com o rádio que vai se configurando no processo da escuta em perspectiva de trajetória. Nesse caminho, os sentidos configurados por essa escuta são os mais diversos possíveis. Diversidade esta que está relacionada aos diferentes elementos que estão presentes no contexto da escuta e a suas mudanças no tempo. E este contexto é configurado por dimensões de caráter micro contextuais, ou mais particulares à vida do indivíduo, mas também por outras inerentes ao processo midiático radiofônico em curso, que estão intimamente vinculados ao desenvolvimento de competências radiofônicas, formadas em função de, *habitus* e usos desenvolvidos na relação com o rádio.

Seguindo ainda a linha de reflexão de Gómez Vargas, nos deparamos com suas formulações a respeito das maneiras como acontece e se desdobra, mas também se perpetua, o processo da recepção radiofônica. Para o autor, os ouvintes experimentam com o rádio o que vivem em outros tantos setores da nossa vida. É a partir de um processo, de uma trajetória vista em perspectiva histórica que adquirem as competências necessárias para compreender funcionamentos, que se tornam aptos a falar sobre, visualizar direcionamentos. Com o rádio, a hipótese do autor é que os sujeitos experimentam uma espécie de processo biográfico onde

Van adquiriendo el capital cultural, las disposiciones y clasificaciones para evaluar, percibir, negociar e incorporar los discursos y objetos mismos de la radio, por lo que debemos de hablar de la recepción como un ‘proceso’, como una biografía que se rehace día a día. Es ese proceso el que nos interesa: las memorias suspendidas que quedan gravitando como anécdotas o recuerdos personales o grupales, aparentemente no tan importantes como los que marcan a la ‘Historia’ de la ciudad o del país, aquellas memorias de la familia o del individuo. Apostamos a la biografía paralela a la historia de vida de todo individuo en la que se va gestando como público de la radio. La hemos llamado ‘Biografía Radiofónica’. (GÓMEZ VARGAS, 1998, p.63).

Essa concepção, que busca elaborar o conceito de *biografias radiofônicas* é especialmente interessante para essa investigação na medida em que traz como elemento de reflexão o sentido de uma trajetória construída com o rádio. Ele possibilita compreender o processo na combinação de elementos que estão implicados. E para, além disso, insere essa escuta em uma perspectiva que congrega os elementos da vida do indivíduo, ou seja, uma biografia que é radiofônica, mas que não se constrói somente na interação com o rádio, mas sim na interação com a vida. Nesse sentido, se conecta com a concepção de Gaston Bachelard (2005, p.129) sobre a participação do rádio na vida dos indivíduos: “*O rádio é, verdadeiramente, a realização integral, a realização cotidiana da psique humana*”.

As formulações de Gómez Vargas caminham então no sentido não apenas de considerar a escuta radiofônica como um processo biográfico, mas também de ressaltar que a vida cotidiana é o princípio organizador que conforma a história que cada um desenvolve com a audiência de rádio. São concepções que se aproximam muito da lógica que segue Martín Barbero quando situa o cotidiano familiar, a vida doméstica no cenário privado de convívio dos indivíduos como espaços ativos na configuração de sentidos acerca do midiático. E ainda nessa discussão, onde o cotidiano exerce um importante papel, são produtivas as concepções de Michel de Certeau⁴¹ (1994), que centra o seu pensamento em compreender a participação das operações cotidianas em processos culturais; um cotidiano “inventado”, tecido no interior da trama das vidas dos sujeitos.

⁴¹Ainda neste capítulo são refletidas questões sobre o trabalho do autor e a apropriação de suas elaborações nesta investigação.

Sendo assim, não nascemos receptores e, nesse caso em particular, os ouvintes se constituem como tal em suas trajetórias com o rádio. Ganha consistência, então, a concepção da constituição do público receptor, nesse caso ouvinte, realmente como um processo. É na construção de sua trajetória com o rádio que o público vai adquirindo *habitus*, vai estabelecendo usos e desenvolvendo competências radiofônicas. Situa-se, assim, também a complexidade desses processos, e é somente compreendendo como se dão esses mecanismos que se abre a possibilidade de sua compreensão.

E, ao se percorrer os caminhos para se entender como se articulam as formas de se consumir os meios, as lógicas presentes no âmbito da produção e dos produtos também carecem de entendimento. Isso porque a recepção é o *locus* onde se realiza o processo comunicacional/midiático e porque sua configuração é atravessada por suas lógicas. Sobre a necessidade de se refletir sobre essas relações, Gómez Vargas lembra:

Las estaciones no sólo presentan un contenido que es consumido porque agrada (el modelo de programaciones en el país es, actualmente, relativo porque muchas estaciones programan lo mismo) son “instituciones con historia”, y algunas, sobre todo las pocas que mantienen sus perfiles programáticos bien definidos, trabajan con ciertos géneros musicales que también poseen una “historia” y que no es otra cosa sino que tanto la estación como cada género ha generado mecanismos y pautas de reconocimiento. (GÓMEZ VARGAS, 1994, p.274).

Nesse caso está situada a relação que se estabelece na geração de um sentido também vinculado a uma ligação histórica estabelecida com os meios. Ou seja, os vínculos que articulam o rádio e sua recepção, situando aí elementos onde se dá o reconhecimento entre um e outro, também entendidos desde uma perspectiva histórica. É no processo que os *habitus*, os gostos, as competências radiofônicas e as ritualidades de consumo se desenvolvem. Um processo que pode ser compreendido sob um viés também histórico, pois articula elementos com valor de permanência,

como é o caso dos gêneros⁴², componente fundamental na configuração de uma história dos ouvintes com o rádio.

A compreensão dos processos de recepção radiofônica com sendo instituídos e desenvolvidos no âmbito da experiência também está presente nas concepções de María Cristina Mata (1991). Para a autora, é através das ‘memórias da recepção’, falando especificamente da radiofônica, que conseguimos entender como se dá a participação dos meios de comunicação da trajetória de vida dos indivíduos. A partir de posicionamentos dessa natureza se relacionam modos como se constitui uma escuta, percebendo esse movimento como um processo em curso. Nesse caminho, o encontro com muitas nuances da formação e constituição do indivíduo, sua própria identidade, sua cultura, seus valores, suas opiniões.

Da mesma maneira que se reconhece, de um lado, a importância de questões como as ressaltadas aqui, que este é o caminho possível e necessário a ser percorrido para que se possam acessar os sentidos construídos pela recepção na perspectiva de sua trajetória com o rádio, percebe-se que esse não é um percurso simples de ser desenhado. Talvez seja esse motivo pelo qual, como já referi nesse texto, tenhamos dificuldades em encontrar os registros relacionados às apropriações de produtos radiofônicos ao longo dos anos.

4.3. Temporalidades e espacialidades nas relações com o rádio

Na trajetória com rádio, estão também implicados dois componentes fundamentais e, de certa maneira, articuladores das formas como se dão as relações com o rádio, o meio, e também o rádio-aparelho, o suporte. São as vinculações estabelecidas na relação entre tempo e espaço presentes no convívio e nas maneiras de se relacionar com o meio, e que se manifestam na multiplicidade de apropriações da recepção radiofônica.

⁴² A discussão sobre gêneros é realizada mais à frente.

Na perspectiva em desenvolvimento, em que se busca investigar a trajetória dos indivíduos com o rádio, o fato dessa escuta acontecer num contexto de transformações no tempo e espaço cotidiano, assim como no tempo social em que estão inseridos os ouvintes, faz com que seja importante considerar os aportes destes conceitos para compreender a conformação dos processos de escuta radiofônica. Além disso, essa mesma escuta também se institui em um tempo/espaço particular e ao mesmo tempo múltiplo, que é a própria relação com o tempo/espaço midiático.

Na perspectiva de Milton Santos (1996, p. 40), tempo e espaço estão imbricados com os objetos e as técnicas existentes nos diferentes períodos vivenciados pelas sociedades. Por essa razão, é possível situar também uma história sob esse ângulo.

Na realidade, toda técnica é história embutida. Através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas) que permitiram a chegada desses objetos e presidiram à sua operação. A técnica é tempo congelado e revela uma história. (SANTOS, 1996, p.40).

Esses objetos falam não só dos usos mecânicos ou marcados, mas também de todo o entorno estabelecido no tempo e no espaço que os cercam. São então múltiplas composições onde o rádio passa a figurar, hora como protagonista, hora como coadjuvante. Se há diferenças nesses papéis, pressupõe-se a dinamicidade desse processo. São transformações que ocorrem no âmbito de tempos e espaços de natureza mutável, em relação fortemente marcada pelo ritmo da vida cotidiana e da constituição da trajetória que cada indivíduo empreende em sua vivência.

Isso porque essa perspectiva de Santos está vinculada a determinadas realidades históricas onde *“O ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso, o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições”* (SANTOS, 1996, p.44). Ao estabelecer essas relações, é possível perceber o tempo com um caráter, por assim dizer, de materialidade, que no vínculo com o espaço se faz ainda mais presente.

Essas concepções aparecem de uma maneira muito clara nas relações que são mantidas com o rádio. E sobre essas manifestações, sobre a maneira como se articulam e explicitam, valem as palavras de Gómez Vargas, (1994, p.274) de que nem todos os receptores são iguais, isso porque se “fazem receptores”. Se pensarmos de maneira abrangente, isso acontece nas relações com os diferentes meios de comunicação e não somente com o rádio. Entretanto, quando pensamos sobre o que representam tempo e espaço na escuta radiofônica, é justamente esse “fazer-se ouvinte” que irá determinar o papel desempenhado por esses dois balizadores no processo de recepção. Tempo e espaço, então, representam importantes elementos no histórico de seus ouvintes com o rádio que, a exemplo de outras instâncias constitutivas, só podem ser compreendidas no âmbito dos usos nos quais estão inseridos e fazem parte.

É preciso refletir ainda sobre as conformações que os diferentes tempos e os diferentes espaços vão adquirindo. Há que se considerar que, nas relações contidas nesse processo, existe uma co-presença de características consonantes e dissonantes. Tempo e espaço midiáticos convivem com outras conformações espaço-temporais. O desafio é compreender como se dão esses relacionamentos. Entender, por exemplo, como os tempos e espaços do cotidiano, do trabalho, da família se relacionam com tempos e espaços da mídia. Relacionar a escuta radiofônica com os arranjos de tempo e espaço mobilizados por ela e entender suas lógicas.

4.4. Usos e *habitus* como configuração na trajetória de escuta

É possível afirmar que o cotidiano é o lugar onde se podem perceber manifestas as apropriações relativas a uma escuta radiofônica em perspectiva histórica. Situar os usos do rádio revela-se, então, como um importante elemento que pode conduzir à compreensão dos processos de negociação no âmbito da recepção. Para tanto, julgo necessário pontuar como esse conceito é percebido e também apropriado nessa investigação.

O trabalho desenvolvido por Michel de Certeau é um importante aporte referencial para pensar as práticas cotidianas e sua relação com práticas de ordem sociocultural, onde inclui a escuta radiofônica. Este autor desenvolve, em suas reflexões, a convicção da existência de força e legitimidade na criatividade de pessoas ordinárias⁴³. No trabalho desenvolvido em *A Invenção do Cotidiano*, há a pretensão de se narrar e compreender as práticas comuns, as operações realizadas por quem opera tais práticas, os seus usuários. Entretanto, a investigação desenvolvida por Certeau não toma o indivíduo como ser isolado, mas busca compreendê-lo mediante suas relações. O interesse está voltado muito mais para os modos de operação ou esquemas de ação do que para o sujeito. Estudar essa combinatória de operações é a forma de afastar o estatuto de dominado, muitas vezes atribuído aos consumidores.

A articulação para a compreensão das práticas cotidianas foi possível pela consideração da necessidade de se conhecer os diferentes usos presentes nessas práticas. Parte-se então da idéia que concebe a ação do consumidor cultural como uma fabricação. Nesse movimento, o objetivo principal é perceber as maneiras, sejam quais forem, de se empregar diferentes produtos. Essas maneiras de consumo vão colocar em evidência a força de sua diferença, das distintas formas de fazer. Sendo assim, a presença e a circulação de uma determinada representação não irá indicar por si só o que ela é para seus usuários.

É produtivo pensar o consumo radiofônico desde esta perspectiva, atentando para as diferenças, as manifestações específicas, os modos próprios de cada indivíduo relacionados ao seu repertório. Trabalho nesta perspectiva do consumo como uma fabricação para se pensar a trajetória que os indivíduos desenvolvem com o rádio. Uma trajetória que é concebida a partir dos primeiros registros de memória que o sujeito é capaz de evocar até a configuração presente dos usos que são realizados no consumo cotidiano diário.

⁴³ Em 1980 é lançada a primeira edição francesa de *A Invenção do Cotidiano*, que foi o resultado de uma pesquisa desenvolvida entre 1974 e 1978, onde juntamente com sua equipe de pesquisadores, desenvolveu “uma prática observadora e engajada” (Certeau, 1994:21) em bairros parisienses.

Ainda recuperando a perspectiva de Certeau, usando como ponto de partida uma reflexão de Michel Foucault acerca de dispositivos que operariam uma vigilância generalizada, onde a microfísica do poder privilegiaria a produção, Certeau se pergunta então como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela. Sua resposta é que existem procedimentos populares que jogam com a disciplina e que dão uma contrapartida na forma de agir, nos usos. Essas constatações se dariam no campo das táticas e dos detalhes do cotidiano. São esses detalhes, essas composições táticas que comporiam a rede de antidisdisciplina.

Nessa reflexão acerca da disciplina. Cabe situar questões que estão relacionadas com formas de apropriação que os ouvintes desenvolvem no seu processo de trajetória de escuta. E nesse sentido, há também uma ligação com elementos que estão presentes na configuração do processo comunicacional midiático. Ou seja, uma relação estabelecida entre o que é produzido e ofertado e as maneiras de se realizar o consumo desses bens simbólicos. Dessa maneira, não se pensa que as regras articuladas pelos meios de comunicação funcionem como elementos de imobilização para seus receptores, mas que são uma proposta, a possibilidade da realização de vínculos, pactos e sentidos. E nesse caso, cada indivíduo constrói as suas relações e os seus próprios caminhos.

Certeau ainda defende que, mesmo no âmbito dos fragmentos, dos detalhes da vida cotidiana, existem lógicas⁴⁴. Estas estariam compondo consumos combinatórios e utilitários. Tais práticas expressam uma maneira de pensar que se reflete em uma maneira de agir. Para o autor, a cultura articula conflitos, sendo assim, hora legítima, hora desloca ou controla a razão do mais forte. Desenvolve-se entre tensões e oferece o que o autor chama de equilíbrios simbólicos temporários.

⁴⁴ Como forma de apreender essas manifestações, Certeau diz ter se utilizado de enquetes, uma de tipo mais descritiva, com práticas de leitura, ritualizações cotidianas, e segundo ele, também utilizou duas monografias mais pormenorizadas, tentando dar conta de práticas familiares, táticas da arte culinária, entre outras. A segunda série de enquetes buscou na literatura científica hipótese para dar conta seriamente das lógicas de um “pensamento que não pensa”. Trabalhos sociológicos, antropológicos, históricos elaboraram uma teoria dessas práticas múltiplas. De um outro lado, fez uso de pesquisas etnometodológicas e sociolinguísticas, tentando dar conta de processos interacionais cotidianos relativos ao uso da língua ordinária.

Na posição de produtores desconhecidos, os consumidores produzem práticas significantes que formam muitas vezes mensagens ilegíveis. O que se consegue captar são manifestações homogêneas, ficando fora as operações que compõem os patchworks do cotidiano. Para exemplificar esses movimentos, Certeau prefere recorrer às diferenciações existentes entre a aplicabilidade das táticas e estratégias, conceitos mencionados aqui para se pensar as operações do cotidiano.

Estratégias seriam o cálculo de relações de força possível a partir do momento em que o sujeito é isolável de um ambiente. Tática seria um cálculo onde não se pode contar com um próprio, nem com uma fronteira que distingue o outro. A tática não tem um lugar, depende do tempo para ter possibilidade de ganho. “O que ela ganha, não guarda, tem constantemente que jogar com os acontecimentos para transformá-los em ocasiões.” (Certeau, 1994, p.47). O “fraco” tira partido de forças que lhe são estranhas e, em momentos oportunos, combina elementos heterogêneos. Sua síntese intelectual é um ato e não (somente) um discurso. Táticas têm origem em inteligências de tempos muito antigos.

Sobre as práticas abordadas por Certeau, é possível estabelecer uma vinculação, na idéia de complementaridade de perspectivas diferentes, com o conceito de *habitus* cunhado e desenvolvido por Pierre Bourdieu. Se Certeau está pensando nas práticas cotidianas como configuradoras de lógicas, de racionalidades que podem ser consideradas como sofisticadas, Bourdieu vai desenvolver sua reflexão em uma linha semelhante, mas trabalhando sobre como, também no cotidiano, podem ser encontrados expressos mecanismos de formação de elementos como o *habitus* e o gosto. Em suas formulações sobre a conceituação de *habitus*, Bourdieu o situará como:

Estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das práticas, o *habitus* é também estrutura estruturada: o princípio de divisão em classes lógicas que organiza a percepção do mundo social é, por sua vez, o produto da incorporação da divisão em classes sociais. (BOURDIEU, 2007, p.164)

Tomando o conceito de *habitus* para pensar a problemática que me ocupa nesta tese, é possível compreender certas lógicas das práticas de escuta, suas

vinculações com os demais setores da vida cotidiana, as participações e interpenetrações de distintos papéis e setores da vida dos indivíduos.

Ainda pensando nas configurações relacionadas ao *habitus*, outro importante elemento trazido como aporte diz respeito à formação, desenvolvimento e relações que são estabelecidas a partir de uma configuração de gosto. Bourdieu expressa algumas questões que estão implicadas nessa constituição e atuação do gosto, pensado na perspectiva de constituição do *habitus*:

O gosto é o operador prático da transmutação das coisas em sinais distintos e distintivos, das atribuições contínuas em oposições descontínuas; ele faz com que as diferenças inscritas na ordem física dos corpos tenham acesso à ordem simbólica das distinções significantes”. (BOURDIEU, 2007, p.166)

O que está posto então são atribuições relacionadas a gosto e *habitus* que possuem relevância para esta investigação por serem compreendidas como produtos sociais, situados histórica e culturalmente. Para pensar a conformação de trajetórias radiofônicas, entender e refletir sobre a configuração de *habitus* e gostos constituídos no processo representa também a possibilidade de trabalhar as questões que se apresentam na conformação da memória radiofônica.

Existem ainda outras reflexões importantes de serem pontuadas como possibilidade de entendimento para os processos em que estão inseridas as formulações pertinentes às configurações de memória radiofônica. Em aspectos que relacionam escrita e oralidade Certeau irá situar, no âmbito de uma oralidade passada, os elementos presentes na questão do mito e dirá que suas vozes só são possíveis de se ouvir hoje inseridas em sistemas escriturísticos onde circulam. Para o autor, o desenvolvimento desses sistemas escriturísticos, incluso a imprensa, proporcionam um duplo isolamento: do povo e da voz. Nos tempos atuais, essa voz do povo é mediada e também midiaticizada. Mesmo antes disso, Certeau acredita que não há possibilidade de uma voz pura, sendo essa sempre determinada por uma recepção. Na mesma perspectiva em que concebe a cultura, considera que mesmo a voz individual é heterogênea.

Essas reflexões desenvolvidas são férteis na medida em que refletem uma concepção que vê importantes elementos implicados no próprio sistema de mediação social em curso. Quando se fazem analogias sobre o caráter de localização de um lugar da recepção, ou seja, o espaço onde essa voz é hoje situada, se pensam em questões pertinentes não só a um espaço de representação, mas também de um espaço de significação construído por quem consome o midiático.

Para o autor, a prática escriturística assumiu nos últimos quatro séculos um valor mítico, reorganizando os domínios, entre eles, a história. Sua concepção de mito é a de um discurso fragmentado, articulado sob práticas heterogêneas de uma sociedade que as articula simbolicamente. No ocidente, a prática que desempenha esse papel é escrever. A origem não é mais o que se narra, mas a sociedade vista então como um texto. A escrita, ou o texto, seria visto como progresso e a oralidade como o não progresso. O texto é concebido pelo autor como tendo um poder sobre a exterioridade da qual havia sido previamente isolado. Além disso, apresenta a função de remeter à realidade e não mudá-la. No espaço de escritura do texto há uma inversão de papéis: o que entra é o recebido e o que sai é o seu produto.

Para Certeau, a escrita hoje é condição e característica essencial dos sujeitos que vivem em sociedades capitalistas. O autor lembra que se instaura uma crise a partir do século XVII quando vão se desestruturando as certezas acerca de uma voz única, um único locutor, que seria Deus, e passa-se então a requer uma linguagem que se deve fazer e não somente ouvir. O indivíduo passa a sujeito, no sentido em que vê a possibilidade de se tornar produtor de uma escritura. Instaura-se também nesse momento um novo poder burguês, a escritura se torna um princípio de hierarquização social. Lembra, no entanto, que essa mudança não muda totalmente a organização da sociedade, mas inaugura um novo modo de utilizar a linguagem.

Essa relação que o autor faz situando a trajetória de hegemonia do texto nas sociedades pode ser importante para pensar relações do consumo midiático e até mesmo de questões que envolvem a própria escuta radiofônica. Se pensarmos nos incessantes textos produzidos em uma cultura de produção mediada, e considerando aqui para além dos textos escritos, a questão que mais parece interessar está relacionada às formas com que esses textos são significados e apropriados por

quem os consome. Especialmente no momento em que é relacionada à posição do sujeito como produtor de sentidos a partir de seu consumo simbólico. Se pensarmos ainda na questão vinculada aos textos radiofônicos, consideramos novamente os componentes específicos de sua conformação. Oralidade, imaginação, e a construção de sentidos que geram sentidos e que se refletem em produção por parte dos ouvintes, caracterizando de maneira clara o caráter de circulação desse processo.

Nas relações que estabelece sobre o texto, Certeau dirá que em nossas sociedades também o corpo se traduz em texto. Nesse ponto, mesmo que o autor não explicita, fica clara uma correspondência com Foucault, quando relaciona o corpo como sendo um texto submetido a poderes. Esses corpos são também concebidos como corpos sociais. Os corpos também remetem a códigos, sendo assim, para estarem de acordo com as normas vigentes, podem ter elementos adicionados, extraídos, sobrepostos. Para Certeau os corpos só são corpos mediante suas conformações a esses códigos, pois estão absolutamente identificados com uma simbólica social. Os corpos então se submetem a todos esse códigos para se fazerem legítimos.

A discussão sobre o corpo, relacionado também como um elemento no processo midiático parece ser interessante de ser abordada, pensando especialmente nas interações radiofônicas; o corpo se traduz como um elemento onde os sentidos se materializam, seja pela relação de vínculos com o que se ouve, ou mesmo pela própria memória radiofônica que evoca juntamente com esses sentidos. O corpo será também o lugar onde reconhecer essas manifestações.

4.5. Competências radiofônicas

Se estamos falando em processo, em um sentido que está sempre em construção, é perceptível o interesse da dimensão tempo no entendimento dessas trajetórias de recepção. Esse é um dos aspectos que Verón (2004) considera ao propor a sua noção de contrato de leitura como sendo chave para se refletir sobre a produção desses sentidos. Isso porque é nas vinculações com a mídia, estabelecidas

num espaço temporal variável de indivíduo para indivíduo, particular em cada trajetória midiática, que esses contratos irão se configurar.

Para os meios de comunicação esse contrato visa, em última análise, perpetuar os hábitos de consumo de seus públicos. Para esses consumidores, diria que as motivações possuem um caráter de natureza múltipla, intimamente vinculadas às suas práticas cotidianas, cenários em que o consumo radiofônico se insere.

Essas formulações de Verón relativas ao contrato de leitura para refletir sobre as relações que se estabelecem no interior dos processos midiáticos, pensando inclusive na recepção, é um aporte que possibilita até mesmo questionar tal estrutura. Se a idéia do vínculo é importante e mesmo necessária, a idéia de rigidez sugerida pela noção de “contrato” requer certo cuidado. Um contrato pode sim ser um acordo entre partes, mas tem em si também embutida a idéia de que é constante, que não pode ser quebrado, subvertido, sob pena de sanções. Nos processos midiáticos é possível perceber que esses pactos apresentam grande mobilidade. São movimentos que acontecem de maneira correspondente, a produção pode desenvolver articulações com base em demandas da recepção, da mesma forma que os públicos vão negociando com o que lhe é proposto pela indústria midiática.

Em uma perspectiva que pensa o consumo radiofônico em processo, interessa investigar as maneiras como vinculações, permanências, pactos se exprimem nas ‘memórias da recepção’. Memórias essas que possuem uma natureza que não é necessariamente refletida por quem as constrói, mas que são processos que passam a ser constituintes dos indivíduos, vividos, experienciados. Ou seja, os sujeitos não questionam onde, quando e como aprenderam a gostar desse ou daquele programa, porque esse ou aquele gênero mais lhe agrada, mas esse gosto se constrói constantemente, agregando elementos, descartando outros, relacionando passado e presente, criando uma infinidade de referências que, entre outras tantas características, configuram também as competências do receptor acerca das lógicas do meio que consome.

Tais competências podem ser compreendidas como a formação de um repertório que se constrói pela convivência com os meios, nesse caso em especial, o

rádio. A escuta cotidiana permite reconhecer programas, identificar emissoras, saber os horários das programações. Para, além disso, reconhecer possibilidades de participação, como pode ou deve ser tal inserção, ou seja, mesmo sem nunca ter produzido para o rádio, dominar suas lógicas e ter a noção de como operam. Para Omar Rincón (2006), pesquisador colombiano, isso acontece com a recepção radiofônica porque somos fortemente marcados por tradições de uma cultura oral; sendo assim, dominar as lógicas que o rádio mobiliza não são fatos distantes de nossa história, de nossas vivências. Lógicas muito próximas ao que desenvolve Martín Barbero (1998), ao fazer também referência ao pensamento desenvolvido por García Canclini, que considera o consumo como um espaço onde se produzem sentidos, onde se abrem possibilidades de invenção e re-invenção. E se pensarmos que as competências radiofônicas são geradas a partir da trajetória de escuta, ou seja, do consumo radiofônico, é possível compartilhar dessas formulações.

El consumo no es solo reproducción de fuerzas, sino también producción de sentidos; lugar de una lucha que no se agota en la posesión de los objetos, pues pasa aún más decisivamente por los usos que les dan forma social y en los que se inscriben demandas y dispositivos de acción que provienen de diferentes competencias culturales”. (MARTÍN-BARBERO, 1998 p. 295).

O autor situa a relação com as competências culturais, no entanto, esta reflexão também pode se aplicar às competências midiáticas de maneira geral e particularmente as radiofônicas. São elaborações que falam de processos e de sentidos negociados, elementos fundamentais para que se possam compreender as articulações na perspectiva dos ouvintes de rádio, as maneiras como elaboram seus repertórios e constituem suas trajetórias com os meios de comunicação.

4.6. As mediações nos processos de escuta do rádio

No desenvolvimento dessa investigação, são apontadas e ressaltadas, em diferentes momentos, concepções compartilhadas com autores como Martín Barbero. E dentro das elaborações por ele realizadas, faz-se referência direta aqui à perspectiva trabalhada em suas elaborações conceituais, geradas a partir de vivências concretas no trabalho investigativo, que direciona o olhar para os fenômenos investigado *desde* a cultura. Mais do que uma perspectiva com a qual este trabalho também se alinha, é uma maneira fundamental para conseguir compreender fenômenos que se revelam no âmbito dessa investigação.

Antes de situar como se dá essa construção de uma maneira concreta, gostaria de pontuar a participação de outro viés conceitual também empreendido para articular elementos essenciais que dizem respeito especialmente aos processos que envolvem o trabalho da recepção radiofônica.

Outra abordagem que interessa e também a qual a investigação encontra correspondência está relacionada às elaborações de Michel de Certeau. O seu trabalho que situa o cotidiano como um espaço de elaborações múltiplas, um espaço inventivo e muito fértil para a geração de significações é útil no sentido de oferecer uma possibilidade de compreender práticas das mais diferentes naturezas e que encontram no cotidiano o espaço de desenvolvimento e expressão.

Essas duas abordagens são trazidas aqui e interessam na medida em que existem, nessa investigação, algumas mediações que se revelaram como fundamentais a partir da realização da etapa exploratória da pesquisa empírica. É possível dizer que existem mediações que desempenham um papel relevante na conformação, no desenvolvimento e na manutenção de uma trajetória radiofônica. Também nesse contexto se articulam e desenvolvem mediações que são fundamentais para entender e perceber mecanismos de criação e manutenção de *habitus* relacionados ao consumo e relacionamento com o rádio. E, vinculado a esses aspectos, o cenário onde se apresenta essa diversidade de configurações, que irá exercer papel determinante no consumo radiofônico dos ouvintes, que é o cotidiano.

Para se compreender de maneira mais efetiva o conceito de mediação, creio ser importante expressar a maneira como o próprio Martín Barbero não só concebe, mas especialmente utiliza de forma efetiva essa elaboração em seus trabalhos:

En lugar de hacer partir la investigación del análisis de las lógicas de la producción y la recepción, para buscar después sus relaciones de imbricación o enfrentamiento, proponemos partir de las mediaciones, esto es, de los lugares de los que provienen las constricciones que delimitan y configuran la materialidad social y la expresividad cultural de la televisión. A modo de hipótesis, que recoge y da forma a una serie de búsquedas convergentes, aunque muchas de ellas no tengan por “objeto” la televisión, se proponen tres lugares de mediación: la cotidianidad familiar, la temporalidad social y la competencia cultural. (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 298).

Aqui estão relacionados alguns dos elementos que figuram de certa maneira como balizadores para a compreensão de como as mediações operam. E nesse sentido, revela-se a forma como esse conceito pode ser referido e trabalhado nesta investigação. Também no entendimento das mediações, fica claro o fato de que, para o autor, o conceito está em relação com outro elemento importante e já referido inicialmente, que é o cotidiano. A citação nos fala de um cotidiano familiar, mas essa noção pode ser ampliada, relida ou mesmo confrontada com outras. Toda essa elaboração está, então, muito próxima de questões com as quais essa investigação tem se deparado.

A mediação *cotidiano* se revelou fundamental para compreender os processos vinculados à conformação das memórias radiofônicas. Com base nas entrevistas realizadas na etapa exploratória da pesquisa, foi possível perceber a força que dimensões como rotinas, trabalho, relações familiares e sociais, competências culturais e vinculações com outros meios exercem nos vínculos relacionados aos usos e ao *habitus* ligados ao rádio.

Nesse aspecto, o que fica mais evidente, porque está se pensando em um consumo radiofônico em uma perspectiva de trajetória, são modificações que podem

ser observadas nos usos e apropriações do rádio. Quando tomamos o cotidiano como mediação importante para compreender esse processo, pensamos em mudanças promovidas por rearticulações na vida, nas rotinas, nas relações familiares e sociais, por reconfigurações das competências culturais e pela vinculação com outros meios de comunicação. Assim por exemplo, viver sozinho, dividir o espaço com filhos e netos, morar com o companheiro(a) são articulações no cotidiano que modificam radicalmente as rotinas de escuta. Nesse mesmo sentido, o tempo livre cotidiano, o trabalho, atividades dentro ou fora da casa, afetam significativamente a forma como se ocupa o tempo com a escuta radiofônica. Sendo assim, como já referi anteriormente, tempo e espaço são noções fundamentais de serem entendidas nessas articulações que buscam compreender os processos que se relacionam à memória radiofônica. Essa perspectiva que percebe o cotidiano como um lugar para se observarem dimensões relacionadas ao consumo radiofônico não minimiza a importância de outros elementos que também se apresentam como mediações dentro desse processo. Mas aqui, opto por focalizar estas dimensões, que se revelaram significativas nos processos da pesquisa exploratória.

Essas mediações, tomadas como fundamentais no entendimento das operações relacionadas à trajetória de relações memória radiofônica, representam um trabalho de composição que precisa ser realizado para que se cheguem às elaborações de fundo midiático. São construções de natureza micro e macro, onde se olha o geral, mas também o particular, onde o processo que dá origem a tal multiplicidade é que expressa a riqueza. Nas palavras de Martín Barbero, é um movimento de articulação peculiar, que desloca o ponto de vista de concepções um tanto arraigadas para dar espaço a movimentos que percebem essas manifestações sob outra perspectiva:

A partir de ahí, de la superación activa del maniqueísmo aristocratizante o populista, se pone al descubierto la necesidad de contar con algo así como un “mapa nocturno” que nos permita a la vez asumir la pluralidad de que están hechos esos usos y establecer articulaciones entre las operaciones – de repliegue, de rechazo, de asimilación, de refuncionalización, de rediseño -, las matrices – de clase, de territorio, de etnia, de religión, de sexo, de edad – los espacios – el hábitat, la fábrica, el barrio, la cárcel -, y los medios – micro como la grabadora o la fotografía, meso como

el disco o el libro, macro como la prensa, la radio o la TV. Pero sin olvidar que en todo caso será un mapa “nocturno”, esto es cuya información remitirá siempre más a lo que se intuye y a la experiencia que a lo que se ve. Buena imagen esa para cifrar lo que para mí ha sido y es aún la travesía por la comunicación desde lo popular. (MARTÍN-BARBERO, 2002, p.135).

Estão postas, então, as questões fundamentais para o entendimento das mediações como possibilidades de compreensão dos processos que relacionam a memória radiofônica. São perspectivas que precisam ser vistas de maneira articulada e relacionada na composição de elementos que constituem o problema/objeto da investigação.

4.7. As configurações da memória

Situar uma compreensão de memória, nessa investigação, é um movimento crucial, na medida em que sua articulação com as questões referentes ao rádio e seus usos e apropriações constituem e o que estou conceituando como memória radiofônica. Fundamentalmente, esse é o interesse central. Entretanto, é preciso situar algumas configurações típicas da constituição e do entendimento dos processos de memória para melhor relacionar como e sob quais manifestações se institui a memória radiofônica.

Nesse movimento, cabe situar algumas das importantes concepções dentro das várias existentes que trabalham com a constituição das memórias dos indivíduos, das sociedades e dos grupos. A memória é, então, trabalhada sob perspectivas socioculturais, históricas e mesmo psicobiológicas. Dentre essas configurações, opto por não entrar nas discussões de caráter biológico, de seu funcionamento fisiológico. Isso porque, estando preocupada com implicações relacionadas ao trabalho constituído na e pela memória radiofônica, são as questões de caráter social, cultural e histórico que se apresentam como mais produtivas para compreender esses processos.

Ao se falar em memória, é crucial situar algumas das perspectivas com as quais estou trabalhando para desenvolver essa discussão. Nesse aspecto, busco a contribuição de autores como Maurice Halbwachs, Ecléa Bosi, Beatriz Sarlo, François Dosse e Michel Pollack para refletir sobre diferentes aspectos e configurações relacionados ao trabalho da memória, suas conformações, relações, ligações e conexões e que são fundamentais de serem entendidas em função da discussão que se está empreendendo nessa investigação sobre a memória radiofônica.

Éclea Bosi (1995) trabalha sob a perspectiva que vê a memória pessoal como detentora de características que levam consigo componentes que também são configuradas pela e irão participar da conformação de uma memória social. Ou seja, ao construir, reconstruir e acionar suas memórias, o indivíduo está também acionando a memória de sua própria sociedade. Memória coletiva e individual apresentam diferentes lógicas e conformações, mas têm em comum o ponto de partida de sua constituição: o que já aconteceu, passou, mas quem determinadas ocasiões tem o acionamento solicitado.

Situando a perspectiva adotada no desenvolvimento da tese, o que estou trabalhando diz respeito ao sentido vinculado a essas memórias de indivíduos ouvintes de rádio. Essas memórias que vão sendo construídas no espaço de uma vida inteira situam uma trajetória de cada indivíduo. Interessa a essa investigação compreender e identificar, em meio a uma profusão de construções de memórias, a participação e a configuração da memória radiofônica dos indivíduos ouvintes de rádio. Memória esta construída e estabelecida individualmente, mas que também é configurada e irá configurar um coletivo de memórias da recepção. Na concepção de MATA (2005, p.227), essas memórias da recepção são realizáveis *a partir do consumo, desde a peculiar experiência cultural e sua relação com outras ordens de experiência que não operam como dado utilizável, mas como marca.*

No processo de recuperação dessas memórias, alguns desafios são colocados. Entre eles, a necessidade de se considerar que o tempo modifica os indivíduos não só fisicamente, mas também seus gostos, suas percepções, seus usos. No caso de se buscar compreender significações dos indivíduos constituídas na relação com o midiático, esse aspecto é de suma importância. No entanto, parte-se do pressuposto

de que aquilo que realmente teve alguma relevância, nas mais diversas ordens do vivido, acaba permanecendo. A vivência dos indivíduos que acompanharam detidamente o desenvolvimento do rádio, suas recordações, suas lembranças fazem parte de uma memória que é coletiva (HALBWACHS, 2004, p.30) e que é parte de uma trajetória social. Seu acionamento se dá pela memória individual, mas que apresenta pontos de convergência com a memória coletiva.

A discussão e proposição do conceito de memória coletiva trazida por Halbwachs é oportuna para pensar questões relacionadas ao campo da comunicação. Refletir sobre a conformação de uma memória radiofônica é realizar um movimento que considera o caráter coletivo dos processos de mediação. Essas memórias, construídas individualmente pelos ouvintes, com seu próprio repertório, suas preferências, sua história de vivências com o rádio, carrega consigo características que o identificam como um fenômeno de dupla constituição, social e também particular. Perceber e considerar essa conformação de natureza dupla é um movimento necessário e também produtivo.

Para além das discussões que envolvem de maneira mais direta as articulações realizadas para compreender os processos relacionados com uma memória radiofônica, é preciso também estabelecer uma reflexão que aponte para as concepções de memória possíveis de serem articuladas e consideradas pela investigação. Parto de propostas trabalhadas e compartilhadas com alguns autores. Uma das que considero como fundamental é a que relaciona o passado como uma formulação só possível de se compreender a partir do presente. Essa concepção é defendida por Beatriz Sarlo, inspirada em filósofos como Paul Ricoeur e Henri Bergson que primeiramente se ocuparam em discutir questões concernentes à memória. Também está presente na obra de Maurice Halbwachs. A partir dessa perspectiva a autora assinala, baseada em Bergson: “*El tiempo propio del recuerdo es el presente: es decir, el único tiempo apropiado para recordar y, también, el tiempo del cual el recuerdo se apodera, haciéndolo propio*”. (SARLO, 2005, p. 10).

Essas manifestações, que apontam uma forte vinculação existente entre passado e presente, onde passado só é possível de ser acessado pelo presente, são fundamentais no desenvolvimento da investigação na medida em que representam

uma possibilidade de se compreender a conformação de trajetórias com o rádio e estabelecer, a partir da materialidade de uma escuta presente, toda uma vivência com este meio de comunicação.

4.8. Públicos, mídias e suas memórias

Um primeiro ponto a ser elucidado, a respeito da trajetória dos sujeitos com as mídias, de uma maneira geral, é exatamente o que se relaciona à sua natureza processual, um evento inacabado que se reinventa a cada nova escuta, leitura, acesso, assistência, realizando, para isso, arranjos entre o repertório que já dispõe, com os novos elementos que são agregados.

Sendo assim, é desta maneira que os sujeitos vão construindo a sua memória midiática e midiaticizada. Midiática porque é a partir dos subsídios que as mídias ofertam que ela vai constituindo o seu repertório: notícias, imagens, sonoridades, personagens, elementos que fazem parte do acervo midiático. Midiaticizada porque vai além do acúmulo de informações obtidas pelos meios de comunicação. O relacionamento cotidiano e em trajetória com as mídias capacitam, instruem, possibilitam desenvolver habilidades nesse convívio. Nessa trajetória, os sujeitos tornam-se hábeis e competentes para se relacionar com as lógicas midiáticas.

Essa memória, elaborada pela recepção, se distingue daquela realizada pelos meios de comunicação, composta por seus arquivos de textos, imagens, sons. Não que elas não tenham pontos de convergência; há, sim, uma relação entre elas, instaurada nos processos de usos e apropriações, mas sua gênese possui um arranjo diferenciado, bem como suas configurações, suas vivências. Para as mídias, o que merece ser guardado em sua memória, ou seja, em seus arquivos, é tudo aquilo que possui relevância enquanto fato social desde a perspectiva de seus agentes. Sua abrangência contempla diferentes áreas, relacionando os mais diferentes assuntos.

Para além da relevância social, devemos também relacionar a presença de lógicas muito próprias do campo das mídias na configuração de suas memórias. Essa

relação fica clara se pensarmos no jornalismo como um dos lugares onde existem regras estabelecidas, ou seja, fatores tais como o valor notícia atribuído aos acontecimentos, o destaque de determinados fatos, o desdobramento ou não deste ou daquele caso, enfim, exemplos trazidos aqui como forma de apontar como esses processos são múltiplos em suas lógicas de funcionamento. Mas é também, e principalmente, a partir dessas lógicas que a memória midiática se estabelece. O midiático trabalha com seus gêneros e estratégias próprias, transformados em programas, imagens, representações, mecanismos que, também, com o passar do tempo, vão sendo mais bem compreendidos, apropriados e também utilizados pela recepção, fazendo parte de seus repertórios.

A memória configurada pelos consumidores dessas mídias segue a lógica da atribuição de sentido, ou seja, memorizamos e guardamos em nossos registros o que a mídia nos oferta, mas seguindo o princípio de que esse dado, imagem, informação, possa ter uma correspondência com os momentos de nossas vidas. Além disso, a mídia pode ofertar também a possibilidade de vivenciar experiências possíveis só através do midiático; lugares que nunca estaremos, pessoas que não encontraremos, cores, formas, sentidos que emanam de experiências que se dão somente no espaço da recepção midiática. Experiência não menos importante, uma vez que passa a fazer parte de todo um repertório de vivências, mesmo que não presenciais, do indivíduo. Cores, sons, imagens, paisagens, rostos, afirmações, sentidos que passam a fazer parte da própria história dos sujeitos.

É também uma lógica muito similar ao que ocorre quando se historicizam acontecimentos a partir do depoimento de fontes orais⁴⁵. Por mais que o pesquisador tente buscar o registro do fato que investiga, objetivando que ele apareça o mais claro possível, a forma como ele será exposto, trazido à tona pelo seu informante é a partir de acontecimentos particulares de sua vida. Ou seja, as significações atribuídas aos macro-acontecimentos sociais são realizadas a partir das experiências vivenciadas por cada indivíduo tendo, por essa razão, um caráter tão marcado de multiplicidade.

⁴⁵ Como nos trabalhos desenvolvidos pela pesquisadora Ecléa Bosi em *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Para além disso, é preciso ressaltar o fato de que existem pelo menos duas características, dentre tantas, importantes de serem observadas nesse processo. A primeira delas, já anunciada anteriormente, é que o passado é sempre uma construção a partir do presente, ou seja, só podemos realizar construções sobre o passado a partir do hoje. Não existe um passado “congelado” que possa ser automaticamente recuperado. Essas construções passam também por movimentos como a narração da experiência. Para Beatriz Sarlo, a narrativa sobre o passado “*inscribe la experiencia en una temporalidad que no es la de su acontecer, sino la de su recuerdo. La narración también funda una temporalidad, que en cada repetición y en cada variante volvería a actualizarse*” (SARLO, 2005, p. 29).

O outro ponto a ser considerado é que o passado possui, em sua constituição, uma natureza conflitiva. Disso resulta que as memórias não terão um caráter consensual, composto somente pelo registro claro de algumas ocasiões, mas também será constituído por apagamentos, silenciamentos, sobreposições. São conformações e características próprias da memória de qualquer indivíduo que, ao invés de terem sua validade questionada, precisam sim ter sua constituição amplamente refletida.

Sobre esse aspecto, são também válidas as reflexões apresentadas por François Dosse (2004). Ele discute aspectos cruciais sobre a constituição da memória, baseado em formulações que remetem a Aristóteles, trabalhadas e expostas por Paul Ricoeur, e que expõem importantes elementos para algumas compreensões sobre o conceito:

Platão já se colocou a pergunta do “quê” da lembrança, respondendo em *Teeteta* com o *eikon* (a imagem-lembrança). Ora, o paradoxo do *eikon* é essa presença no espírito de uma coisa ausente, essa presença do ausente. A essa primeira abordagem Aristóteles acrescenta uma outra característica da memória: o fato dela trazer em si a marca do tempo, aquilo que define uma fronteira entre, de um lado, a imaginação, a fantasia e, de outro, a memória, que se refere a uma anterioridade, a um “tendo sido”. (DOSSE, 2004, p. 151).

Em uma perspectiva como a exposta, coloca-se em discussão um outro aspecto que está relacionado com a “validade”, ou em outras palavras, com a confiabilidade que se pode atribuir à memória. No âmbito do campo da história, essa discussão ganha espaço e tem repercussão até mesmo em movimentos que primaram por outras concepções em se perceber e fazer história, como o movimento dos *Annales*⁴⁶, por exemplo. O que se pode dizer, pensando nas questões sobre a memória vinculadas a ao entendimento da memória radiofônica é que, na perspectiva desenvolvida nesta investigação, a questão da verdade, que é um elemento crucial relevância para o campo da história, não se apresenta com essa conotação.

No trabalho de compreensão das conformações das memórias radiofônicas, não se questiona qual fato rememorado é verdadeiro ou não. Importa, então, o sentido que o dado, a afirmação ou o conjunto de elaborações que estão suscitando. Em uma trajetória construída a partir do receptor, do ouvinte de rádio, interessa capturar suas apreensões desenvolvidas durante seu relacionamento com o rádio. Com isso, não se está afirmando que a história do meio, com seus fatos, seus registros, seu desenvolvimento documentado não tenham validade. Existe sim essa preocupação, exposta e articulada no capítulo anterior a este, onde as várias questões sobre o rádio, seu desenvolvimento e características são trabalhados.

Fica então assinalada a concepção da memória como uma construção submetida a múltiplas condições e condicionamentos. Processo e construção figuram como boas alternativas para tentar exemplificar parte de sua conformação. “A memória é, portanto, assim como a história, um modo de seleção no passado, uma construção intelectual, e não um fluxo externo ao pensamento”. (DOSSE, 2004, p.156).

A memória é ainda, na concepção de Pollak (1989), uma conjunção de muitos aspectos, entre eles o esquecimento e também o silêncio. Nesse sentido, o silêncio não é um sinônimo direto de esquecimento, mas pode ser utilizado como um recurso, se pensarmos, por exemplo, em memórias traumáticas. O processo de rememorar é também, na sua concepção, uma maneira de reafirmação ou mesmo reconstrução da

⁴⁶ Sobre essa questão é possível entrar subsídios em BURKE, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

identidade. Isso porque contar as memórias propicia ao indivíduo o trabalho de uma reconstrução de seu papel, de suas vivências, de suas relações. Nesse sentido, é interessante pensar esse processo de reafirmação ou reconstrução vinculado ao consumo radiofônico. Pela narração dessa experiência vivida com o rádio, é possível situar aspectos relativos aos gostos, ao papel dos gêneros, à configuração de competências por parte do ouvinte. É possível perceber o que permanece, o que se modifica e de que formas esses aspectos se revelam, conformando, em última instância, a memória radiofônica dos sujeitos.

Se é possível considerar válida uma compreensão de que as memórias relacionadas à mídia são construídas e mesmo explicitadas a partir de uma visão particular de cada receptor, por que então nos interessariam, em uma perspectiva que pretende compreender os processos que acontecem em uma esfera mais abrangente, ou seja, o âmbito da recepção midiática, uma significação realizada de maneira individualizada, particular? Esses processos nos interessam porque esse movimento, que ocorre de forma individual, é parte integrante de manifestações compreendidas em perspectiva coletiva. As significações realizadas são variáveis de receptor para receptor, mas os processos que as configuram possuem semelhanças em suas lógicas de funcionamento. Na visão de Mata (1991), essas memórias da recepção podem explicitar modos como os meios de comunicação foram se tornando parte da cultura das sociedades, e até mesmo, passando a fazer parte da constituição da própria identidade desses indivíduos.

Tais reflexões estão em consonância com um pensamento que percebe as sociedades contemporâneas imersas em transformações das mais diferentes ordens. No horizonte dessas mudanças, interessa refletir mais atentamente a partir dos processos de midiaticização que, em perspectivas múltiplas, afetou os tradicionais arranjos estruturais, seja dos grupos organizados ou dos indivíduos particularmente. Por conta dos processos de midiaticização, novos arranjos são estruturados e, como pontua Muniz Sodré (2006), eles não se limitam a um caráter meramente normativo, onde a mídia coloca suas regras, mas estão envolvidas questões de natureza emocional, sensorial, essas sim implicando diretamente nas características e percepções dos indivíduos, ou seja, na maneira como configuram seus gostos, preferências, comportamentos, juízos de valor, uma série de características

vinculadas a um nível mais sensível da experiência humana e com participação estruturante nas demais esferas da vida.

Nesse percurso com as mídias, mesmo se pensarmos em uma perspectiva coletiva, teremos uma multiplicidade muito grande no que se refere ao relacionamento com os meios e, conseqüentemente, à conformação de memórias midiáticas, de um ponto de vista coletivo, especialmente diferenças de ordem geracional em relação ao desenvolvimento dos meios de comunicação. Ou seja, as memórias de um indivíduo hoje com mais de 70 anos, que teve a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento inicial do rádio, viu nascer a televisão, acompanhou a mudança pela qual passaram os jornais impressos e ainda viu nascer e crescer rapidamente a Internet, sem sombra de dúvida são diferentes das memórias de uma pessoa com seus 30 anos; que já nasceu quando o rádio era um meio de comunicação consolidado, quando a televisão já estava popularizada e viu, ainda na adolescência, o rápido desenvolvimento da Internet. Diferente ainda de um jovem de 15 anos que já cresceu podendo usufruir e dominar as lógicas e recursos que a Internet oferece, juntamente com todos os outros meios que continuam a existir.

Sendo assim, é possível perceber que as significações sobre as mídias, que advém do individual possuem em si um forte componente da própria história de desenvolvimento dos meios nas sociedades. No âmbito particular de cada receptor, as vivências com os meios vão conformar diferentes memórias, que vão estar relacionadas às diferentes histórias de vida midiáticas experienciadas.

Falamos de memória e de suas configurações nos remete também a questões que possuem relação, em maior ou menor medida, com essa problemática que abrange conformações do social. Discutir sobre memória em um âmbito midiático é também relacionar os processos que a constituem. Poderíamos dizer, usando a metáfora/conceito da liquidez trazida por BAUMAN (2001, 2007) que, dos muitos aspectos que nos separam pelos caminhos da modernidade líquida, alguns ainda nos unem, dentre eles, os fatos sociais que vivenciamos, presenciamos e que, com o desenrolar do tempo, passam a ser parte da história das sociedades. Não só delas coletivamente, mas de uma maneira fortemente marcada, também de nossa história particular. Nos meandros dessa história múltipla, multifacetada, multidimensional,

chama-nos atenção a *história midiática* que compartilhamos, construímos e evocamos em nossa trajetória de vida.

Para falarmos dessa história, construída lenta e continuamente, dois movimentos são importantes e necessários de serem pontuados. O primeiro deles aparece como consequência de um processo de midiatização da sociedade, que teve início com a profusão e difusão dos meios de comunicação de massa, passando do jornal impresso no século XIX, à Internet, em finais do século XX; considerando, ainda nesse espaço de tempo, o surgimento do cinema, do rádio e da televisão, ou seja, falamos de uma história social midiática porque temos a trajetória de pouco mais de um século de convívio cotidiano com as mídias. De outro lado, ao se falar dessa história midiática, tem-se a pretensão de falar especialmente de uma história construída por e a partir de seus consumidores, públicos, receptores, todas as pessoas que fazem com que esses produtos e produções adquiram significado, sentido, a partir de seus usos e apropriações concretas.

As relações que se estabelecem entre sociedades e meios de comunicação passam a configurar não apenas uma característica de tempos acelerados ou mesmo *líquidos* (BAUMAN, 2007), mas passam a ser um modo próprio de vida, de compreensão, de usos e significações que se dão no relacionamento entre indivíduos e mídias. É o que Mata (1999) irá conceituar como *cultura mediática*, caracterizada por uma centralidade cada vez mais forte dos meios de comunicação nas sociedades, não só como fontes de informação ou entretenimento, mas como fontes para a construção de imaginários coletivos e das próprias identidades, sejam elas de indivíduos ou grupos.

Esse cenário é múltiplo, onde se buscam diferentes nuances para a composição de um quadro que possa dar conta de compreender manifestações de cunho midiático e com implicação forte no entendimento da memória radiofônica. O campo da história nos oferece uma série de subsídios que podem nos orientar na construção de um percurso que visa compreender como essa memória opera, se mostra, se constrói e se transforma. Para isso, o entendimento de seus conceitos e métodos representam um avanço efetivo no entendimento desses processos. Entre esses elementos, cito a utilização da história oral.

A força da história oral começa a se mostrar no campo da história em meados do século XX. Um dos primeiros e principais questionamentos, ainda hoje levantado por algumas linhas de pensamento, está relacionado ao valor do relato oral. Isso porque, até o surgimento da possibilidade de se construir uma historiografia partindo da oralidade, a história desenvolvia seus trabalhos com base somente nos documentos, ou seja, materiais concretos, de diferentes naturezas, mas palpáveis, passíveis de questionamentos objetivos, releituras, contestações. Essa preocupação tem seus fundamentos se pensarmos que a história é altamente comprometida em trabalhar com acontecimentos passados, almejando uma fidedignidade nas interpretações acerca de desfechos, desdobramentos, implicações que podem emergir de tais acontecimentos e que estão no cerne de suas problemáticas.

Sendo assim, o principal argumento utilizado pelas correntes historiográficas contrárias à legitimidade da história oral como método diz respeito à sua confiabilidade. Isso porque, por trabalhar essencialmente com a memória, que se materializa nos relatos, estaria passível a distorções, deteriorações, influências das mais diferentes naturezas.

Se o “problema” estava relacionado à memória, foi justamente a partir dela que um grupo de historiadores⁴⁷ passou a refletir de uma maneira mais profunda sobre essa íntima relação entre história oral e memória. Foi então que passaram a desenvolver um raciocínio onde a preocupação estava centrada em compreender esses movimentos da memória em toda sua multiplicidade. Não se tratava mais, e tão somente, de considerar a memória como deturpadora dos fatos, mas de compreender o que estava se revelando a partir de suas diferentes manifestações. O movimento realizado por outros campos do conhecimento, nesse caso citado a história, é interessante para que observemos dilemas que podem apresentar uma consonância com nossas questões. Para trabalharmos com história de vida midiática, a história oral é o principal recurso onde vamos buscar apoio, pois é a partir do relato oral que podemos visualizar o mosaico de fatos, lembranças, sentimentos contidos na vivência de um indivíduo com as mídias.

⁴⁷ Entre eles Alessandro Portelli, Luisa Passerini e Ronald Grele, citado em: THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias*. In: Projeto História. São Paulo. n.15. Abr.1997. p. 53.

Na tentativa de construir e também compreender essas histórias, percebo que um de nossos maiores desafios diz respeito a como conseguir compor, dentro de uma história de vida maior, geral, as histórias de vida midiáticas⁴⁸. Tais histórias seriam o lugar de onde emergem as memórias radiofônicas. Trabalhar nessa perspectiva é conceber um método com centralidade midiática evidente, no entanto, por se configurar como uma modalidade de história de vida, é fortemente marcado pelas histórias, memórias, lembranças e vivências que são evocadas. Sentimentos, alegrias, dores, amores, dissabores, tudo isso vêm à tona em meio ao midiático.

Mesmo situando e marcando a centralidade da percepção na relação acerca do uso do meio de comunicação, abordagens dessa natureza permitem a expressão de referências que aparecem imersas na vivência do entrevistado, suas percepções, seus julgamentos. Para o indivíduo que é convidado a refletir sobre sua relação com as mídias ao longo da vida, não há uma separação por “sessões temáticas”, as lembranças se mesclam, se comunicam, se entrecruzam. Nesse inter cruzamento multirelacional é que o midiático também ocupará o seu lugar e, como outras mediações presentes na vida do sujeito, irá também constituir-lo.

Essa tarefa não pode ser considerada como simples. Ela exige do pesquisador o esforço e a sensatez, para que possa empreender uma construção bem estruturada do instrumento, que guia a sua incursão em busca dessas histórias de vida midiática. Sendo assim, o roteiro elaborado para investigar os pontos de interesse precisa estar muito bem ajustado, ser capaz de possibilitar a expressão das trajetórias vividas com as mídias. Ele precisa articular uma perspectiva que possibilite ao entrevistado expressar suas memórias com os meios, as relações que foram sendo estruturadas, suas percepções, impressões, aprendizados. Esse instrumento precisa, ao mesmo tempo, ser estruturado e flexível, focado nas problemáticas em questão, mas também capaz de propiciar o espaço para a expressão de sentimentos, valores, julgamentos que podem estar acionando pontos chave para a compreensão da constituição das trajetórias midiáticas.

⁴⁸ Sobre esse tema, desenvolvi o texto intitulado “A história de vida midiática como método de investigação em processos comunicacionais”, e que compõem o livro *Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa*, uma publicação do Grupo de Pesquisa Processocom, UFPB, 2008.

Nesse processo, é natural a expressão dos mais diversos aspectos das vivências do sujeito. Mesmo com um instrumental metodológico muito bem afinado e estruturado, as “misturas” ocorrerão; momentos marcantes da vida familiar, com os programas de televisão assistidos, vivências escolares misturadas às manchetes dos jornais. Essas manifestações acontecerão e precisam ter espaço para que sejam expostas, uma vez que podem, no trânsito das memórias, levar a importantes marcas do midiático. No entanto, é importante ter como horizonte fundamental que esse tipo de abordagem nos interessa fundamentalmente pela possibilidade de compreender a relação das mídias e seus consumidores na perspectiva da trajetória desenvolvida.

Para finalizar essa abordagem relacionada à configuração de memórias, situaria, ainda, outra perspectiva que relaciona o valor (ou a inexistência dele) da memória nas sociedades atuais. Essa discussão se torna pertinente porque, nesta investigação, está relacionado um público específico, que são os indivíduos ouvintes de rádio que possuem uma trajetória com o meio, e que hoje se encontram em uma condição de idosos. A vinculação entre um conceito e outro, memória e idosos, parece inevitável e, mais do que isso, necessária. Nas sociedades contemporâneas, marcadas pelo imediato, pelo descartável, pela rapidez, não há espaço nem valorização para que as memórias do idoso possam ter lugar. Importantes quando podiam oferecer sua força de trabalho, no momento em que se tornam “inativos”, passam a ser um “peso” social. *A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor*. (BOSI, 1994, p,77).

Essa afirmação é aqui trazida não como uma forma de apontar uma vitimização do grupo com o qual nos interessa nesta investigação, de natureza comunicacional, mas no sentido de situar uma problemática que está contida no tecido social, do qual a comunicação não está alheia. Podemos observar a existência de diferentes movimentos em uma mesma sociedade. Movimentos contraditórios em uma sociedade que valoriza incessantemente o novo, mas também tenta o resgate da memória via mídia (programas jornalísticos, telenovelas, etc.). Uma sociedade que rejeita os indivíduos velhos mas, em função dos próprios avanços que conseguiu empreender, tem as expectativas de vida cada vez mais alargadas. Em um panorama

destes é possível visualizar de uma maneira muito clara a importância de se compreender configurações múltiplas mas que, em última instância, interessam por propiciarem compreender as questões que envolvem a memória radiofônica.

Nessa investigação, esse público idoso tem sua participação e presença justificada por constituírem um grupo de indivíduos que tiveram acesso ao desenvolvimento do rádio em suas diferentes fases, chegando aos tempos atuais. Suas memórias radiofônicas são únicas, do ponto de vista da recepção midiática, e há a necessidade que esses registros não se percam, que possam permanecer na sociedade para além da trajetória dessas pessoas e seguirem sendo parte há história dos processos de recepção do rádio.

5. TRAJETÓRIA DE ESCUTA DO RÁDIO: HÁBITOS, MEDIAÇÕES E SENTIDOS

O maior desafio em relacionar os dados obtidos a partir das entrevistas realizadas com os participantes da investigação é conseguir expressar a riqueza existente em suas trajetórias de vivência com o rádio. Os anos de escuta geraram *habitus*, competências, gostos e recusas que foram se expressando a partir das indagações sugeridas nas entrevistas.

Nesse momento, é importante também situar o processo pelo qual fui construindo a análise dos dados obtidos nos relatos de memória radiofônica. Apoiada nos objetivos e na problemática construídos na tese, organizei três eixos articuladores para trabalhar com os dados obtidos nas entrevistas com os ouvintes. São eles: **1. hábitos, contextos e ambiências de escuta, 2. sentidos relacionados na escuta e 3. mediações na escuta.**

Sendo assim, **hábitos, contextos e ambiências de escuta** procuram dar conta de todas as relações que se desenvolvem com o rádio, a partir de uma perspectiva do dia a dia. Estarão inseridas as manifestações de como o rádio (aparelho) se coloca na casa, em que contextos a escuta acontece, tendo aberta aqui a possibilidade de múltiplos contextos. Ou seja, aqui estarão contempladas dimensões relativas à prática cotidiana de escuta. Nesse item, também estarão relacionadas as manifestações onde gêneros, personagens, emissoras, programas, sonoridades do rádio se apresentam na memória dos ouvintes, expressas por suas trajetórias radiofônicas.

No que diz respeito aos **sentidos relacionados na escuta**, vão estar presentes os aspectos que possuem relação com preferências, recusas, marcas e definições referentes a todo o universo de escuta de rádio, que foi sendo configurado com o passar do tempo pelos ouvintes.

E, por fim, o eixo denominado de **mediações do cotidiano** busca recuperar e analisar dimensões do cotidiano vivido que se revelaram importantes na configuração de *habitus* e sentidos para a escuta. Estão contempladas dimensões

relativas ao trabalho, às configurações familiares e de moradia, bem como a participação de outros meios, estabelecendo relações com a escuta de rádio. Esclareço que, construção textual da análise, o eixo das mediações do cotidiano é trabalhado concomitantemente aos dois anteriores.

Início o capítulo apresentando, primeiramente, um perfil dos radiouvintes entrevistados, onde recupero aspectos de perfil sócio-econômico e da trajetória dos mesmos.

5.1. Os radiouvintes entrevistados: um perfil

5.1.1 Radiouvintes de Porto Alegre

Plauto

São mais de 60 anos dedicados à música. Plauto não tem sido apenas um ouvinte assíduo de rádio, ele participou da própria construção do meio na cidade de Porto Alegre.

A ligação com a música vem de família. E como o pai, tornou-se flautista. Mais que uma diversão ou um gosto, a música foi sua profissão, a vida toda. Foi com ela que criou os filhos, sustentou sua família. Trabalhou como músico nos mais diferentes ambientes, passando por bandas de baile, bares e pelas orquestras das rádios, especialmente na década de 50.

A trajetória como músico nas rádios de Porto Alegre passa por emissoras como a Farroupilha, a Gaúcha, a Metrópole e a Itaí. Seus gostos musicais são variados, mas a sua grande predileção é pelo choro. Sem dúvida, essa é a sua especialidade. Em 2009, ao completar 80 anos, recebeu diversas homenagens pelo

trabalho desenvolvido como compositor e intérprete, reconhecimento por anos encantando o público com as suas suaves notas de flauta.

Atualmente, vive em uma casa simples, no bairro Camaquã, com dois de seus filhos solteiros. Outra filha, casada, mora com a família no mesmo terreno. Não vive mais a agitação dos bailes e serestas, mas é ainda muito solicitado para tocar em eventos especiais, às vezes em programas locais de televisão. Uma vez por semana, tem horário fixo em um bar, no centro da cidade. Já não estende muito seu horário de apresentações, não ultrapassa mais a meia noite tocando. Conta com o apoio de amigos para levá-lo e buscá-lo nesse dia.

Seu cotidiano atual passa, principalmente, pela escuta radiofônica, assistência à televisão e alguma rápida leitura um jornal que ganhou a assinatura. Diz que essa convivência maior com os meios de comunicação acontece por questões de gosto, mas também pela falta que faz a companhia de sua esposa, já falecida.

Apresenta algumas pequenas limitações físicas, que não chegam a impedir suas atividades. Há mais ou menos 10 anos foi atropelado, fato que o deixou com certa dificuldade de locomoção. Além disso, a audição já não é a mesma de outros tempos.

É uma pessoa muito amável e educada. Viveu momentos de muita satisfação em sua vida, grande parte deles decorrentes do seu talento musical. É muito ligado a passado, fato que se revela em seus relatos constante a respeito de outras épocas. Entretanto, encara o presente de uma maneira positiva. Não é uma pessoa amargurada.

Sidnei

O interesse deste entrevistado pelo rádio foi acirrado por razões profissionais. Quando ainda era jovem, em Pelotas, sua cidade natal, trabalhou durante muitos anos com conserto de aparelhos de rádio. A profissão o aproximou não só do dispositivo

que transformava o som em notícias e músicas, e que ele, com o passar do tempo, começou a compreender cada vez mais o funcionamento e os modos de reparação, mas também fez com que criasse o hábito e o gosto pela escuta.

Sidnei, filho de um motorista e uma dona de casa, tem orgulho da maneira como conduziu sua vida. Da sua juventude, época que realizou o curso técnico em eletrônica, os relatos trazem as dificuldades para conciliar estudo e trabalho. Por sua persistência, conseguiu êxito nos dois. Primeiro, ajudava no orçamento familiar, depois, já casado, sustentou a família e proporcionou formação superior aos três filhos.

Na década de 60, decidiu residir em Porto Alegre. Nesse período, já era funcionário da companhia de energia CEEE, onde trabalhou até aposentar-se, na década de 80. O rádio, que até então ocupava também a posição de instrumento de trabalho, passa a ocupar completamente o espaço da escuta motivada somente pelo gosto.

Com o passar do tempo, a escuta passou a ser cada vez menos compartilhada, uma vez que nem sua esposa desenvolveu o gosto pelo rádio, e também nenhum dos filhos o acompanhou nesse hábito. A pessoa com quem compartilhava assuntos sobre preferências radiofônicas era seu pai, na época em que ainda vivia com sua família de origem.

Sidnei é um homem que gosta de estar sempre atualizado. Aos 76 anos, em nada lembra o estereótipo do aposentado esquecido em um canto, solitário. Desde a aposentadoria, está envolvido em uma série de projetos de voluntariado, incluindo a coordenação de um deles. Não houve uma entrevista sequer em que seu celular não tocasse, dada a quantidade de compromissos em que está envolvido. Sua busca por estar sempre atualizado o levou também a aprender informática, e hoje, enquanto trabalha, escuta rádio via internet.

Vive atualmente na zona central de Porto Alegre, com sua esposa. Sobre o rádio, é um entusiasta. Manifesta perceber as modificações que o meio tem atravessado nas últimas décadas, mas acredita que as transformações são benéficas e

necessárias, e crê na longevidade dessa mídia. Sua aposta, pelo andamento das evoluções tecnológicas, é numa portabilidade ainda maior, hoje já representada pelos telefones celulares com acesso à rádio FM, aparelho que ele também possui.

Valkiria

Ela cresceu em uma época em que as mulheres eram educadas para serem boas donas de casa, mães de família, esposas dedicadas. Seu pai não era de família abastada mas, com trabalho e esforço, conseguiu proporcionar à sua família uma situação bastante confortável. Valkíria estudou em escola particular. Seguiu os estudos até onde era conveniente para uma mulher de sua época. No colégio, também aprendeu a tocar piano, um hábito que se estendeu pelo decorrer de sua vida. Ao todo, freqüentou a escola pelo tempo equivalente hoje ao ensino fundamental.

A história dos seus 69 anos transcorreu toda em Porto Alegre. Na juventude, acompanhada de irmãos e amigas, participou dos diversos eventos que a cultura do rádio propiciava aos moradores da cidade, como a participação nos programas de auditório. Isso também motivada pelo grande interesse que sempre teve com tudo ao que se referia à música.

Aos 19 anos, casou-se pela primeira vez. Em suas memórias, essa união foi marcada pelas restrições impostas por seu marido, o que segundo ela, refletiam bem a época em que vivia. A separação aconteceu em princípios da década de 80. Nesse período, já estando na faixa dos 40 anos, ela relata ter conquistado sua liberdade e passado a ter noção de capacidades que desconhecia como, por exemplo, a de vendedora. Trabalhando com vendas, Valkíria diz ter encontrado sua vocação. E, para além disso, diz ter compreendido que passou muito tempo de sua vida ignorando que poderia ser uma pessoa mais produtiva do que havia sido até então.

Atualmente vive sozinha em seu apartamento, no bairro Higienópolis, mas mora próxima de sua filha. Em diversas épocas do ano, fica bastante tempo em sua casa de praia, em Cidreira. Também gosta de realizar passeios e excursões com amigas. Sua maneira ágil de ser, não lhe deixa ficar parada por muito tempo. Tanto que atividades como o curso de informática não tiveram êxito. Isso porque, segundo ela, é parado demais.

Também pela tranqüila situação financeira que dispõe, Valkiria revela que tem aproveitado plenamente seus dias. Lamenta alguns acontecimentos do passado,

mas considera que a vida hoje lhe possibilita desfrutar de situações que eram inconcebíveis no passado. A forma como conduz seu cotidiano reflete uma mulher que busca aproveitar todo o tempo possível, e com muita disposição.

Laura

A história de vida de Laura é repleta de idas e vindas. Nasceu em Novo Hamburgo, e cresceu ao lado de sua mãe, em uma casa de alemães. Foi se desenvolvendo e, segundo ela, a dona a considerava como filha, já que tinha apenas filhos homens. Com o pai, que era músico da noite, ela não conviveu. Isso porque, sua mãe foi trabalhar em casa de família justamente por que seu avô não queria mais a relação dos dois. Aos 12 anos, ela deixou de ser a filha de uma empregada doméstica para também se tornar uma delas.

Nessa época, foi trabalhar na casa da família de um grande empresário, em Porto Alegre, onde laborou até os 16 anos. Dalí, foi trabalhar em outra casa, até os 18 anos. Só saiu dela porque os donos foram embora para outra cidade.

A partir daí, Laura diz que foi construindo sua vida sozinha. Trabalhou com limpeza em diversas empresas, até que firmou-se como cozinheira, profissão na qual se aposentou. Hoje, aos 69 anos, ela reside em uma vila, no Morro Santa Tereza. Ali, mora com um dos seus quatro filhos. Há sete anos, enfrentou a perda de um filho, que morreu assassinado na própria vila onde vive.

Laura conheceu de perto algumas das fases do rádio em Porto Alegre. Ela fez parte do público que acompanhou os programas de auditório, que ela considera como inesquecíveis. Pelas idas e vindas em sua vida, foram vários os modos e hábitos de escuta. Atualmente, o rádio se encaixa em um cotidiano de muitas atividades. Para ela, o assassinato do filho foi um fato muito doloroso, e preencher o dia com diversos afazeres foi sua maneira de evitar a depressão.

A prática de esportes faz parte da sua rotina. É integrante de grupos da terceira idade, que se exercitam em programas oferecidos pelo município de Porto Alegre, para pessoas da sua faixa etária. Com esses grupos, também viaja, realiza atividades culturais como, por exemplo, a participação no Carnaval da cidade, onde sempre sai em um bloco. Laura se mostra como uma pessoa disposta, solícita para ajudar amigos, vizinhos, quem necessitar. Já passou por uma série de dificuldades em sua vida, mas procura manter o bom humor e encarar os problemas sem se amargurar.

Floduardo

As primeiras lembranças narradas por Floduardo estão relacionadas ao tempo em que morava na casa dos tios, e em seguida, em um orfanato. A perda prematura dos pais fez com que precisasse lidar com a vivência em diferentes moradias. E é nesse tempo que começa a desenvolver seu gosto pelo meio, hora acompanhando na casa de algum parente ou vizinho, ou então, mais tarde, submetendo sua escuta aos horários estabelecidos pelo orfanato.

Floduardo não só tem uma grande predileção pela escuta de rádio, que começou na infância e permanece até hoje, como tem registrado em sua memória, de maneira muito nítida, nomes de programas, personagens, horários, emissoras. Além disso, quando comecei as sessões de entrevista, ele fazia questão de anotar todas as informações que lembrava e julgava que seriam importantes para a pesquisa.

Aos 74 anos, mora há pelo menos 40 no bairro Camaquã, em Porto Alegre. Vive em uma casa simples, mas confortável, na companhia da sua esposa. Ela, costureira, ainda trabalha, em casa. Ele está aposentado há 20 anos. Durante a maior parte de sua vida, trabalhou com madeira, em marcenarias ou em setores públicos, sempre nesse ramo. O ofício, aprendeu nas aulas do orfanato.

Também pertence a um grupo de pessoas da sua idade que não faz questão de tornar a aposentadoria sinônimo de ócio e aborrecimento. É engajado na associação

do bairro onde vive, e frequenta mais de um grupo de idosos. Em um deles, dedica-se à prática de esportes. Em outro, a promoção maior é de atividades culturais, como passeios, idas ao teatro, ao cinema. Quando está em casa, gosta de estar trabalhando em alguma peça em madeira. Esses trabalhos de pequeno porte, se destinam somente ao uso pessoal ou de amigos.

Tem uma ligação muito forte com os meios de comunicação. Na juventude, era frequentador assíduo das antigas salas de cinema de Porto Alegre. Também gostava de assistir as apresentações ao vivo, nos programas de auditório das emissoras de rádio da cidade. Hoje, seu consumo midiático mescla jornal impresso, rádio e televisão. Para cada um deles, ele destina um tempo específico.

5.1.2 Radiouvintes de Barcelona

Benito

O cotidiano de Benito é atualmente marcado por dois momentos distintos, a cada dia: quando está acompanhando sua esposa, portadora de Alzheimer, que exige sua atenção integral, ou quando está sozinho, para dedicar-se às suas atividades.

Aos 78 anos, vivencia um cotidiano muito diferente dos tempos em que trabalhava em uma ferraria, produzindo peças para uso geral e também decoração. A aposentadoria aconteceu há mais de 20 anos. Nos primeiros 10 anos desse período, relata que a vida foi muito boa, repleta de viagens e passeios com a esposa. Mas a doença, que criou sérias limitações cognitivas em sua companheira, acabou por limitar a vida dos dois. Hoje os passeios estão restritos à disponibilidade do único filho, que geralmente os leva até sua casa de campo, nos arredores da cidade de Barcelona.

Benito nasceu e cresceu na cidade de Albacete, comunidade autônoma de Castilla-La Mancha. Ainda jovem, decidiu viver em Barcelona, onde mora há quase

50 anos. Nesse período, presenciou diversas mudanças históricas. Viveu o tempo da guerra civil espanhola que para ele, não chegou a afetar, em grandes proporções, nem sua vida e nem seu trabalho. Durante todo o tempo em que trabalhava em oficinas de fundição, o rádio era uma presença constante. Notícias, música, esportes, eram os gêneros preferidos para a escuta.

Assim como a vida, a escuta radiofônica foi apresentando mudanças ao longo dos anos. No tempo em que trabalhava, escutava todo o tempo. Depois, aos poucos, a televisão também foi ocupando um certo espaço e tendo que negociar com os horários da escuta de rádio. Atualmente, a escuta acontece pela manhã e à noite, após assistir os principais telejornais. O futebol continua tendo sua escuta garantida. Gosta de acompanhar, principalmente, os jogos do Barcelona, simultaneamente pela televisão e pelo rádio. Considera importante acompanhar os lances em imagens, mas não abre mão de escutar as narrações.

Chama atenção no cotidiano que, atualmente, Benito compartilha com sua esposa, os cuidados a que possuem acesso, dadas as condições de saúde dela. No período da manhã e da tarde, ela recebe atenção em uma instituição pública que acolhe pessoas idosas com problemas de saúde. É transportada, na ida e na volta, por um veículo próprio do local. No final da tarde, regressa a sua casa, onde uma enfermeira cuida de sua medicação, higiene, alimentação, até 21h. Benito pertence ao que seria a classe média baixa no Brasil, mas dispõe de todas as condições para oferecer os melhores cuidados a sua esposa. Sem dúvida, é uma realidade muito diferente a que vivem, se comparadas a de pessoas que vivem situação semelhante no Brasil.

Cesáreo

A história de Cesáreo começa na cidade de Cartagena, província autônoma de Múrcia. Na juventude, em busca de melhores oportunidades, decide migrar para Barcelona, onde vive até hoje, com seus 80 anos. Foi ali que casou, criou sua família e hoje vive a calma de seus dias como aposentado. Sua vida laboral esteve

centrada na construção e reparação de barcos. Aposentou-se aos 55 anos, e desde então busca maneiras de ocupar o seu tempo.

A falta da esposa, falecida há mais de 10 anos, é perceptível em sua narração. Ela era sua companheira para a escuta de rádio, para os passeios, para prestigiar apresentações de orquestras de música. Atualmente, vive com uma filha solteira, de 40 anos. Em diversas passagens, narra alguns conflitos de gerações que existem entre os dois, e neles também estão inclusos os momentos da escuta de rádio, prática que ele relata desagradar a filha.

O rádio, para ele, não é apenas um meio de informação e entretenimento, mas também uma companhia para aplacar a solidão. A programação preferida transita por notícias, esportes e música. Revela também uma preferência por programas que promovam debates, discussões e aprofundamento em assuntos científicos. Essa preferência acontece, segundo ele, pelo fato da sua profissão de construtor de barcos. Assuntos relacionados às inovações da engenharia e física sempre lhe interessam.

Essa necessidade em buscar maior profundidade em programas de rádio acontece também em decorrência da perda gradual da visão, que vem ocorrendo nos últimos anos. Isso porque, de certa maneira, precisou ir substituindo a sua prática de leitura, que tanto lhe agrada. Em sua casa, possui uma pequena biblioteca, que possui títulos desde a literatura espanhola e universal, até livros técnicos na área de física e engenharia.

Seu dia-a-dia, atualmente, é marcado pela escuta de rádio, assistência de TV e leituras, o tanto quanto sua visão ainda permite. No período da tarde, costumeiramente, frequenta uma instituição municipal destinada à cultura e lazer para idosos. Costuma usufruir do espaço especialmente para a leitura dos jornais do dia.

5.2. Hábitos, contextos, ambiências de escuta e mediações

A relevância em se considerar esses aspectos para a análise advém do fato de serem eles cruciais para poder entender e relacionar como algumas manifestações ocorrem na escuta radiofônica. Eles trazem subsídios que possibilitam compreender como o rádio participa nos ambientes em que é ouvido, como os diferentes contextos configuram apropriações da escuta, bem como os diferentes ambientes em que ela acontece.

No decorrer da trajetória de vida com o rádio, esses aspectos mostram diferenças na forma como são relacionados. De uma maneira preponderante, é possível observar dois fenômenos que decorrem no que diz respeito a hábitos e contextos da escuta. O primeiro deles tem relação com o tempo destinado para a escuta.

Os relatos dão conta que, em anos passados, caracterizados pelo período laboral dos entrevistados, desenvolvia-se uma escuta quantitativamente menor, com menos horas diárias escutadas. Neste sentido, a entrevistada Laura, por exemplo, traça comparativos entre o tempo para a escuta no passado e no presente. *“Como eu vou te dizer, entre 18 e 22 anos, eu quase não tinha tempo de escutar, escutava muito pouco, porque eu sempre trabalhei. E de noite, chegava, ia dormir, e deu”* (Laura, 69 anos).

Também se observa a existência de diferentes contextos de escuta relativizando, naquele momento, a supremacia da casa como o lugar habitual da escuta. A moradia dividirá espaço com o ambiente de trabalho nesse universo. E se no ambiente doméstico, muitas vezes são necessárias negociações relativas a horários e espaços, quando a escuta acontece no trabalho, essa relação fica ainda mais exacerbada.

Yo lo escuchaba en el trabajo. Ahí, estaba trabajando, había un sitio que lo ponía y lo ponía fuerte. A veces hasta me si era media hora, me paraba, y no lo hacia nunca, no me paraba ni a fumar un cigarro, lo fumaba trabajando, y sin embargo para novela me

paraba. Sobre las cinco, siempre, cuatro y media, cinco. Hace tiempo que se acabaron, en radio hace tiempo que se acabaron las novelas. (Benito, 82 anos)

Existem também os relatos onde a negociação é possível. Esse é o caso de Sidnei, que durante muitos anos de trabalho, promovia uma escuta compartilhada com os colegas de trabalho:

Nós tínhamos som na agência onde eu trabalhava, tinha som ambiental, lá tinha todo o pessoal que trabalhava, ficava na possibilidade de ouvir uma música suave. E naquela época eram encantadoras. Hoje, os conceitos de música estão mais para ruído do que música. (Sidnei, 75 anos)

Para Floduardo, que cresceu em um orfanato, o rádio representava momentos de alegria e distração. Entretanto, esses momentos de escuta aconteciam em um ambiente que mesclava característica de uma casa com aspectos de um local de trabalho, com regras e horários pré-estabelecidos.

Quando eu era jovem, bem gurizote, o único entretenimento que eu tinha era rádio. Aqueles rádio que pareciam umas igrejas, até lá em Santa Cruz eu vi uma exposição de rádio, aquele rádio curtido, de caixa de madeira. Estava olhando e eu digo: isso é tudo do meu tempo. Porque naquele tempo não tinha nada, então, eu era interno num colégio e a gente dizia: liga o rádio, que era pra gente se distrair, não tinha nada, né. Pra escutar música, até notícia, dava muita propaganda naquele tempo, mas tudo alegrava a gente. O rádio era uma alegria. Ó, vai ter música, vamos lá que vão ligar o rádio. (Floduardo, 74 anos)

Quando a casa é o ambiente onde a escuta acontece, é possível se observar, em maior escala, a multiplicidade de horários da audiência, tipos de aparelho, lugares ocupados pelo mesmo e, ainda, negociações com outros membros da família. Esses arranjos familiares que envolvem a escuta, por vezes envolvem também disputas, que não necessariamente gerarão grandes conflitos, mas em alguns momentos elas se revelam.

“Até hoje eu escuto um pouco de TV, mas ao lado da minha cama está o rádio. Eu prefiro o rádio, daí eu ligo o rádio, às vezes, se o programa está meio ruim, eu abaixo o programa da televisão e levanto o rádio. Até hoje faço isso, rádio e TV. A minha mulher diz: pronto, já ta como os dois? Aí ela liga a TV e eu boto o rádio bem baixinho, só pra mim, às vezes boto até o fone”. (Floduardo, 74 anos)

Na casa, cada um dos ouvintes vai estabelecendo as suas rotinas de acordo, entre outros fatores, com as negociações que se estabelecem, os horários que dispõe para a escuta e fazendo com que o rádio ocupe o espaço que melhor convém ao momento (seja ele no transcorrer do cotidiano presente, ou nas memórias de um dia a dia já vivido). O depoimento de Plauto, (80 anos) ilustra esta questão: “*Eu me sento aqui, ponho o rádio aqui onde tô sentado. Então tô ouvindo assim a programação. Fico mais sentado, porque de dia a gente não tem muita coisa para fazer*”. (Plauto, 80 anos)

A menina dos olhos do meu pai era o rádio. E meu tio tinha até uma galena, quando morava no Lami, e aí ele fez uma galena lá pra ele, e ele só queria escutar futebol. Mas ficava tão bravo quando a gente chegava, que ele estava escutando futebol e a gente conversava. Era como eles ouviam, porque não tinha luz elétrica lá.. (Valkíria, 69 anos)

O dono da casa, só ele que mexia. A esposa não. Ele escutava antes de ir pra firma, que a firma era na outra quadra, firma de calçados. Ele ligava e ficava escutando, lendo o jornal. Ele saía e Deus nos livre se ele voltava e tava desligado. (Laura, 69 anos)

E no contexto do ambiente doméstico, existem locais onde há preponderância e preferência pela realização da escuta: a cozinha e o quarto, em uma perspectiva presente, e a sala, quando considerada a escuta passada.

De manhã eu me levanto e primeiro eu vejo o jornal, na TV. Seis horas da manhã eu vejo o jornal no cinco, nisso eu ainda estou deitada. Depois eu vejo metade do jornal das 6h30, ainda deitada no meu quarto. Eu sempre tenho que controlar horário pra tudo. Daí

depois eu desligo, faço minhas orações, daí boto mais um pouquinho. Aí digo, vou tomar banho. Saio do meu quarto. Depois eu volto e ligo de novo, aí já são 7h. Eu vejo o início do Dia a Dia, no 10. Aí então eu vou pra cozinha tomar café, desligo a televisão e depois é direto na Caiçara, até a hora que eu precisar sair pra rua. (Laura, 69 anos)

Além do componente cultural, estão também presentes as próprias questões inerentes ao desenvolvimento tecnológico do meio. A característica da portabilidade, que foi sendo crescente com o passar dos anos, também foi responsável pela mudança do rádio das salas para os quartos e cozinhas. Aparelhos cada vez menores, com preços sendo mais acessíveis, foram garantido a popularidade crescente para o meio, através da difusão cada vez maior dos aparelhos. *“Eu deito mais ou menos 21h, 21h15, por aí. Mas não durmo, eu fico escutando rádio”*. (Floduardo, 75 anos).

A partir daí, os próprios contextos de escuta passaram a gozar cada vez menos de uma certa formalidade. A conduta de “parar para escutar o rádio”, muito comum e seguida nos primeiros tempos com o rádio (infância, adolescência e princípios da idade adulta dos entrevistados), passa, pouco a pouco, a dar espaço para os contornos que hoje são predominantes na escuta radiofônica. O rádio passa então a ser o “companheiro”, o som ambiente, e a negociar com as demais atividades do cotidiano. *“Eu, às vezes quando estou fazendo alguma coisa, ponho um somzinho musical bonito; deixa o pai ouvir um pouquinho, eu digo pro pessoal”*. (Plauto, 80 anos)

Alguns hábitos, com o passar do tempo, vão sendo modificados também em função de mudanças decorrentes da criação de novos gostos, ou de novas recusas. Se algumas preferências permanecem, outras são modificadas, substituídas, ou sobrepostas. A possibilidade de diferentes arranjos é grande, e incidem, de maneira direta na forma e no tempo dispensados à escuta.

O que eu não gosto mesmo são as músicas mais recentes, que são músicas pornográficas, músicas que atentam à moral e aos bons costumes e que são muito permissivas. Isso não me faz bem porque eu acho que cada um deve ter a sua privacidade e não agredir a privacidade dos outros. Esse tipo de música eu detesto,

não ouço e faço questão de ignorar se passo em uma rádio.
(Sidnei, 75 anos)

O rádio mudou pra melhor, até o som mesmo, o som é mais sofisticado agora, naquele tempo era... mudou muito, e a programação também. A mudança foi positiva. Antigamente eles improvisavam muito. Hoje em dia tem a tecnologia. (Floduardo, 74 anos)

É possível afirmar que o rádio, na vida de quem com ele se relaciona cotidianamente, vai tendo seus momentos de escuta ajustados de acordo com os demais elementos da realidade de cada indivíduo. Em que horários a escuta acontece, realizando que atividade, faz parte de um *habitus* de escuta que vai sendo diariamente renovado.

Escucho por la mañana, hasta que me levanto. Después, ya no escucho, ya me dedico a algo, o si miro algo en la tele, cuando hay algo de las noticias y eso. Por la mañana, a las cinco, ya pongo. Y de noche, estoy escuchando hasta a la una, una y media. Y si me despierto, que no me duermo, estoy escuchando toda la noche.
(Benito, 82 anos)

Yo me despierto, enciendo, lo voy escuchando. Si despierto un poco antes, escucho en la cama, con un radio pequeño, pegado al oído. Después me levanto, me voy al aseo, y después continuo, con los diarios, que lo he comprado en el día anterior. (Cesáreo, 80 anos)

5.3. Sentidos relacionados à escuta e mediações

A multiplicidade de sentidos que os ouvintes relacionam à escuta são decorrentes da longa trajetória que foi sendo vivida com o rádio. Os anos que transcorreram em companhia do meio, dotaram os ouvintes de uma série de competências relativas à escuta. A audiência em trajetória foi criando não somente os gostos, as competências e a capacidade de estabelecer relações, compreender as maneiras de como o rádio era feito (em termos da programação que ofertava, dos personagens que apresentava). A escuta que se desenvolve no tempo, cria no ouvinte

vínculos muito fortes com a sua própria vida. Ouvir o rádio já não é uma atividade que se relaciona somente com a informação, ou o entretenimento. Esse ato movimenta sentimentos, desperta lembranças, cria cenários mentais. São vinculações que adquirem uma força muito grande, pois se estabelecem com os acontecimentos da vida em geral, seja na família, no trabalho, nos relacionamentos.

Em muitos casos, o que o rádio trás, ou trouxe, tem a ver com o que já não está mais na vida. Tem a ver com perdas, ou simplesmente, com situações que já não podem mais se repetir. Para alguns ouvintes, essa característica é encarada com naturalidade. Outros tentam se afastar, tentando assim afastar o seu próprio sofrimento. E em alguns casos, ainda, a escuta de rádio ajuda a superar e, ou amenizar a solidão ou a ausência de quem faz muita falta. *“Porque a gente sempre deita, mas fica olhando pro lado da cama e ela não está, a minha esposa. Então me dá aquela tristeza, aí vou escutar o rádio, depois, viro pro lado e já durmo”* (Plauto, 80 anos).

Mas no fundinho, no fundinho, eu sempre era muito infeliz, e o rádio, nesse tempo, não me trazia alegria, porque eles cantavam quase tudo música de amor, e se era uma tristeza, parece que estavam cantando o meu caso. E aí eu procurava ficar mais fora de casa, porque dentro de casa era muito triste” *(aqui a narração de uma época em que deixou momentaneamente o rádio, quando se separou)*. (Valkíria, 69 anos)

Durante toda a trajetória com o rádio, o valor atribuído à **informação** se apresenta de maneira bastante forte. Na juventude, e também na idade adulta, no período laboral, a informação era valorizada pelos assuntos que poderia oferecer como subsídio para comentários com amigos e colegas, ou mesmo tinha seu valor pelo hábito que ela foi instituindo durante os anos.

O grande ícone do radiojornalismo nas memórias dos radiouvintes é o Repórter Esso. Nas narrativas dos entrevistados, são expressas desde a música que caracterizava a vinheta de abertura, até o formato e horário em que o programa era apresentado.

Um programa que eu gostava de escutar, e que minha mãe tinha pavor era o Repórter Esso. Ela me dizia o que eu tinha que me meter em notícia, se aquilo não era pra criança, era pra adulto, ela dizia. Mas eu gostava de escutar (Laura, 69 anos)

Tinha o Repórter Esso. Era as oito horas da noite. Aquilo era sagrado. As sete horas tinha aquele horário nacional né, mas a gente não dava muita bola pra esse, como é? A Voz do Brasil. Depois sim, às 20 horas, O Repórter Esso (canta a música de abertura). Aquela musiquinha... (Valkiria, 69 anos)

Notícia sempre teve. Teve um programa muito famoso, ele esteve anos no ar, O Repórter Esso, esse ficou anos no ar. Há pouco faleceu o titular do programa, eu não lembro o nome dele, agora me fugiu. Era famoso e tinha uma voz bonita, mas agora já era idoso. Ele tava desde o tempo da Guerra. Na Segunda Guerra tinha esse programa. E tinha aquela música, que às vezes a gente ainda ouve por aí. (Floduardo, 74 anos)

Na atualidade, a busca pela informação segue sendo parte de um hábito de escuta, mas também tem se revelado cada vez mais como uma necessidade. Hoje, existe um valor ainda maior em ser uma pessoa bem informada. E para os entrevistados, o rádio é um aliado nessa tarefa.

Antes, em tempos passados, os participantes da pesquisa viveram um período onde a **informação** vinha primordialmente vai rádio. Com o passar do tempo, e principalmente após a introdução da televisão, a informação passou a ser obtida a partir de múltiplas entradas.

Esse foi um processo um gradativo, que foi acontecendo devagar na vida dos entrevistados. Foi no transcorrer do tempo que puderam ir desenvolvendo seus *habitus* e trabalhando também o espaço destinado a cada meio de comunicação, com uma dedicação especial para a televisão. Hoje, a relação com cada meio de comunicação passar por processos de negociação, para que nada do que é importante para cada um seja perdido.

Eu prefiro o rádio, mas aí eu ligo o rádio e às vezes se um programa está meio ruim, daí eu baixo o programa da televisão e levanto o rádio. Até hoje eu faço assim, rádio e TV. A minha mulher só diz: ih, já ta com os dois. Aí ela liga a TV e eu boto o rádio bem baixinho só pra mim, às vezes eu boto o fone. Até o

final da tarde eu escuto a Pampa, aí eu tomo banho e se eu to sozinho em casa, das seis em diante eu boto na Bandeirantes pra escutar... tem um cara que é crítico, que ele marreteia, como é, é noticioso também...o Datena. A mulher não gosta, diz que ele só fala de crime e morte. Depois tem uma novela, aí ela bota na novela e eu paro de ver o Datena. Aí eu não vejo mais. Quando ela está vendo novela eu fico lendo. Depois, eu deito mais ou menos nove, nove e quinze, mas não durmo, eu fico escutando rádio. Escuto até dez e pouco, daí eu coloco no canal quatro, da TV. Aí eu vejo a Luciana, ela faz de tudo ali né. Na quarta é o dia que ela faz o desfile, mas aí eu faço o seguinte: se tem futebol, eu vejo futebol. Aí no intervalo eu boto no desfile⁴⁹ (risos). Esse programa vai até umas onze e meia, mais ou menos. Aí eu desligo e coloco no rádio de novo. Escuto o noticioso. Se o sono não me pegou, eu vejo o Jô. Dou uma olhada no que ele vai apresentar, e se não me interessam, aí eu desligo. É assim que eu faço”. (Floduardo, 74 anos)

Hoje, vivemos na era digital. E o rádio também acompanhou o movimento de expansão e desenvolvimento enquanto meio técnico e enquanto mídia, até chegar ao presente estágio. O meio passou por fases distintas e marcadas. O primeiro desafio ocorreu no início do seu desenvolvimento, quando precisou ir consolidando seu espaço, criando e organizando programações, conquistando e fidelizando públicos. Aos poucos, o número de emissoras de Amplitude Modulada (AM) foi aumentando, bem como se mostrando crescente o número de ouvintes. Com o desenvolvimento e a consolidação do rádio como meio de comunicação mais consumido pela população, havia o espaço para a diversificação de programas, dando ao ouvinte a possibilidade de uma gama bastante grande de escolha. Esse movimento apresentou-se como eficaz. Quanto mais o rádio ofertava, mais o público consumia.

Na década de 70 surgem as emissoras em Frequência Modulada. O desenvolvimento acontece gradativamente e ocorre primeiro nas metrópoles, para depois ir ganhando espaço no interior do país. Como característica principal, a música, ocupam a maior parte de sua programação. Nos anos 90 começam a despontar as emissoras caracterizadas como *all news*, marcadas especialmente pela característica de apresentarem notícias em tempo integral.

⁴⁹ Desfile de lingerie, no programa *Superpop*, apresentado por Luciana Gimenez, nas quartas-feiras, na emissora RedeTV.

Com o desenvolvimento e expansão cada vez mais intensa dos recursos tecnológicos em nossas sociedades, e sendo estes utilizados também pelos meios de comunicação, pode-se dizer que o estágio mais recente que o rádio tem vivenciado é o que relaciona o acesso as emissoras via internet.

Em outras épocas, o acesso passava pela limitação de alcance das ondas de transmissão. Hoje, vive-se um tempo em que a dependência das ondas para sintonizar uma emissora de preferência já não é um obstáculo intransponível. A possibilidade de acessar emissoras de rádio, via internet, ampliou enormemente a gama de escolhas do que se ouvir. Não só as emissoras tradicionais estão na rede, como também é possível o acesso a rádios que foram criadas especialmente para serem ouvidas na rede, bem como foi criada a oportunidade de se ouvir emissoras de outros países, que, a não ser pela via on line, nunca poderiam ser acessadas.

No entanto, é revelado um fato bastante característico da audiência pesquisada, especialmente se for considerada a faixa etária a qual se encontram. Para indivíduos que não cresceram em uma época de desenvolvimento tecnológico acelerado como a que experienciamos agora, não tem sido uma tarefa fácil a adaptação as possibilidades oferecidas pelo uso de novas formas de acesso aos meios de comunicação. Mesmo o contato com o computador, meio pelo qual poderia ter acesso ampliado à emissoras das mais diferentes naturezas, não se apresenta como fácil.

Esses fenômenos ocorrem, em parte, pela dificuldade de relacionamento que os entrevistados idosos demonstraram quando o assunto em questão é o uso da tecnologia pensando, nesse caso, no computador. Entretanto, por outro lado, isso não parece afetar de maneira substancial a sua vida, e menos a escuta de rádio. A trajetória de escuta que foi sendo construída ao longo da vida lhes parece suficiente. Nessa altura da vida, os *habitus* de escuta já estão, de certa forma, consolidados. A inserção da rádio via on line se mostra como desnecessária para boa parte dos entrevistados.

Eu fiz curso de computador em dois lugares, mas um me ensinava de uma maneira, e outro de outra. E eu comprei um notebook, que

ainda é mais confuso do que um computador, é ou não é? Aí me deu um nó, que eu vendi na mesma hora o notebook e falei: eu não quero saber dessas porcarias. (Valkíria, 69 anos)

Cabe salientar, entretanto, o caso de Sidnei, que motivado pela vontade de se comunicar com a filha que ficou durante um tempo estudando fora do país, acabou aderindo não só à aos comunicadores online para conversas em tempo real, como também visitar sites de notícias e, principalmente, ouvir a sua emissora favorita, a qual é fiel, via computador.

Quando eu ligo o computador, já ligo na Guaíba, deixo a música de fundo. Continuo com a Guaíba porque acho que a gente só procura outra coisa se não está bem em uma. Se eu me sinto bem ali, eu vou buscar o quê? Perder tempo de escutar uma boa música para ver uma coisa que eu nem sei. A única diferença de escutar rádio no computador é que quando recebo um e-mail, e que tenha uma música no fundo, ou qualquer coisa no fundo, dá uma interferência. (Sidnei, 75 anos)

No decorrer da análise, optei por trabalhar mais detidamente com os gêneros radiofônicos citados pelos ouvintes; isso porque, ao relatarmos gostos, funcionamentos, percepções da sua trajetória de escuta radiofônica, algumas referências se repetiam várias vezes. Sendo assim, os programas que marcaram suas memórias acabam aparecendo ao longo da análise de cada gênero. Entretanto, julguei pertinente ressaltar os programas citados pelos ouvintes de Barcelona, não só pela diferença presente, mas porque nesse ponto possivelmente tenha percebido as maiores distinções, uma vez que, em alguns deles, não houve uma correspondência possível com os entrevistados de Porto Alegre. Contudo, como também relato, existem muitas semelhanças na escuta dos grupos dos dois países. Opto aqui por ressaltar as diferenças.

É o caso, por exemplo, de um dos programas de preferência de Benito. Ele é apreciador de programas de aconselhamento, que acontecem no período noturno.

En la COPE, sale gente que se va mal, mal en su casa, y llama al teléfono a la COPE, le dan consejos. A lo mejor, un chico que está drogado, o es casado que tiene problema con la mujer, o es la

mujer que llama. Se dedican ahí hasta las cinco de la mañana. El presentador es lo que aconseja, y por ejemplo, yo, a lo mejor, estoy oyendo y cojo y llamo. El presentador llama a las personas que las han llamado a él otro día, el las tiene apuntada ahí. Hay gente, un señor que llame, o un chico que llama, le pueden aconsejar, darle consejo a la persona que le está hablando, ya no solo el. Sino que el otro, se ha pasado por lo mismo, la misma situación que el, y llama entonces, y le da consejos a aquella persona. Yo nunca he llamado, no me gusta, escucharlo si. (Benito, 82)

Durante toda a investigação, a **música** figurou como um elemento de extrema importância. Ela se apresenta de maneira recorrente no cotidiano dos entrevistados e ocupa um espaço que propicia a diversidade de sentidos: a música que diverte, a que traz recordações, a que contem uma letra interessante, aquela que faz recordar momentos tristes, ou momentos felizes. Música para fazer companhia, música para celebrar. É possível perceber que os relatos dos ouvintes também apontam para o desenvolvimento de competências musicais nessa longa relação que estabeleceram com o rádio. Estas, são o fruto do tempo de escuta, que gerou conhecimento e gosto musical, mas também expressam a própria cultura em que estão inseridos, e da qual a música também faz parte. Isso fica claro se observamos o relato de Cesáreo, que expressa no gosto musical a sua cultura.

Asunto de música, cuando me entero que hay algún concierto o algo, y si lo busco, hasta que pongo. Me gusta el flamenco, asunto de música española, de la opereta española, por aquello de las famosas, las obras esas que hay de esta zarzuela, a mi me gusta. Me gustan los tango, aquellos tiempos... (pensativo) ahora tengo ochenta años, pero me gustan. (Cesáreo, 80 años)

Naquela época se ouvia no rádio muita música regional, música caipira, o disco era muito difícil porque tinha que ter o gramofone, e o gramofone também era muito incipiente. (Sidnei, 75 anos)

Dos anos 60 pra cá eu comecei a escutar muita música. Antes eu não escutava muito, depois eu peguei vontade de escutar música. Gosto de música, qualquer estilo. Antes eu não me concentrava muito em música. Depois eu comecei a escutar um pouco mais e aí comecei a ter gosto. Hoje estou na música, canto muito também. E gosto de escutar tudo, sendo música boa, né. Valsa, bolero, tango, pra mim não tem ritmo. Pra mim, a música sendo bem elaborada, eu gosto. (Floduardo, 75 anos)

Eu gosto até hoje de uma música popular, e da música caipira eu também gosto. Ainda ontem mesmo estava tocando umas músicas assim que me arrepiam, porque tudo têm fundamento. Eu gosto de tudo que é música: da clássica, erudita, popular e a caipira. Eu escuto a letra assim, eu fico às vezes... me emociona. Naquela época eram os Beatles né, o Elvis Presley também. Naquele tempo eu ia acompanhando os ritmos. Agora, hoje em dia, eu detesto aquelas, como é? Aquelas que só falam... Rap, não faz muito sentido. E a gente acompanhava e sempre apareciam coisas mais modernas, pra aquele tempo. Tinham as Irmãs Galvão, que ainda existem. Tinha o Tônico e Tinoco, que morreram, um deles morreu. Mas pra nós era qualquer tipo de música, a gente gostava, curtia, né. (Valkiria, 69 anos)

Nosotros oíamos música de canto flamenco, era la música que más escuchábamos. Cuando ya venía, entonces, a los pueblos, a lo mejor había un toca discos. Había uno en el pueblo, lo cogía ahí con aquellos, ponía discos y si era música, a bailar” (Benito, 82)

Indiscutivelmente, o rádio foi uma experiência inovadora sob vários aspectos na vida em sociedade. Um objeto completamente novo passou a fazer parte dos sonhos de consumo das famílias, ter um rádio passou a ser símbolo de status, de modernidade. Ter um aparelho não foi uma tarefa fácil, pelo menos para a maioria das pessoas. Os primeiros tempos de audiência foram, então, marcados pela escuta compartilhada. Em alguns casos, aconteciam reuniões para vivenciar coletivamente esses momentos.

Ahora, pues, te lo publican todo bien, entonces el radio había pocas emisoras y daba lo que les interesaba a ellos. Nosotros si queríamos ver, saber alguna cosa de lo que pasaba en el mundo, íbamos de noche, lejos a una aldea que había, que había un señor que hacía mucho vino. Y entonces íbamos allí, tenía un radio, íbamos allí a oír el radio. Íbamos, a lo mejor, veinte o veintecinco personas. Y los de ahí de la aldea se juntaban por la noche también. Tenía un comedor grande y un de aquellos de fuego, de leña, hacía invierno. Entonces se escuchaba radio Perineika. Estábamos a tres quilómetros y pico de la casa. Íbamos de noche, con una linterna, si la teníamos, si no con una antorcha de fuego. Íbamos y algunos se caían al río, porque había que cruzar un río. Íbamos después de cenar y estábamos allí hasta las tres o las cuatro de la mañana, oyendo el radio una vez, otra vez que cantaban, y estábamos ahí, y venga el vino. El hombre hacía negocio, porque vendía el vino (Benito, 82 años)

A narrativa dos **primeiros anos** com o rádio é sempre dotada de muitas lembranças, que remetem aos mais diversos sentidos. São movimentos que refletem a escassez material que se deu em um determinado período vivido, o nível de desenvolvimento técnico-tecnológico de uma época, a reação de uma sociedade mediante um fato novo. O surgimento do rádio representou mais que um acontecimento que refletiu um avanço para a sociedade, ele marcou a vida das pessoas que compartilharam esse momento.

Suas trajetórias foram afetadas para sempre por essa história. As narrativas dão conta de que esse foi um acontecimento que teve uma repercussão pessoal muito forte. As memórias estão relacionadas, sim, às dimensões técnica e econômica do fato, bem como em uma perspectiva social. Mas também existem marcas substanciais, nestas memórias, de como a chegada do rádio foi experienciada na vida de cada ouvinte, como e porque esse fato marcou a vida de cada um.

Os rádios inicialmente eram chamados de galena. E sabe como é construída uma galena? Então, a galena era uma pedra do mineral que eu não lembro qual era o nome agora e que tinha tipo uma agulha que era o contato. Era formado de uma bobina e formava um condensador. A junção da bobina com o condensador formam o que se pode chamar de um circuito dissonante, um circuito oscilante. Tinham os livros que ensinavam e a gente montava. Tinha algumas casas que vendiam, mas daí era muito pouco, mesmo porque o poder aquisitivo naquela época era escasso e alguns daqueles equipamentos eram importados também, bastante difícil de serem conseguidos. E isso aqui no Brasil. Bom, na história do rádio, depois veio a invenção da válvula. (Sidnei, 75 anos).

Ahora, pues, te lo publican todo bien, entonces, el radio habia pocas emisoras, y daba lo que les interesaba a ellos. Nosotros si queríamos ver, saber de alguna cosa de lo que pasaba en el mundo, íbamos, de noche, lejos a una aldea que había un señor que hacia mucho vino. Y entonces íbamos allí, tenía un radio, íbamos allí a oír radio. Íbamos, a lo mejor, veinte o veintecinco personas. Y lo de allí de la aldea se juntaban allí, por la noche también. Tenia allí un comerdor grande, con un, de aquellos de fuego de leña, en pleno invierno. Entonces se escuchaba radio Perineika. Estábamos a tres quilómetros y pico de casa. Íbamos de noche, com una linterna, si la teníamos, si no, con una antorcha de fuego. Íbamos, y algunos se caían al rio, porque había que cruzar un rio, pues los charcos, que es lo mismo que llovía, y el que se metía al charco, no les decía nada al que iba de tras. (Benito, 82)

A primeira coisa que eu conheci na minha vida foi galena. Como eu vou te dizer, era de botar no ouvido, era rádio, mas só pra quem escutava aquela rádio. Isso aí eu conheci na casa da madrinha da minha mãe, só tu colocava no ouvido, só tu escutava as músicas, só tu ouvia o locutor falar. E isso aí foi o que, 49, 50”. (Laura, 69 anos)

A riqueza de detalhes contida na narração das experiências revela uma ligação intensa com o meio de comunicação que, desde o princípio, foi além de um vínculo relacionado à busca pela informação, ou entretenimento. A inserção do rádio na vida dos ouvintes também foi sendo relacionada a fatos importantes da vida de cada um. A escuta de rádio tem a ver com as ligações familiares, com os contextos vinculados àqueles primeiros anos de audiência, com as dificuldades ou alegrias vividas em que o rádio estava presente, com a vida compartilhada com pessoas que hoje já não está mais aqui.

O pai ouvia mais a Rádio Nacional, do Rio. E se ouvia muito também a Farroupilha e às vezes a Rádio Bandeirantes, de Porto Alegre, que era a Rádio Difusora. O sinal da Farroupilha chegava bem, e da Nacional também, muito bem. Só que a Nacional era bom ouvir à noite, porque durante o dia havia o problema do fade-in, que é o fenômeno que faz a onde desaparecer, então se perdia muita coisa, então à noite era mais limpo. E aí fui fazendo a minha cultura, comecei a gostar da guerra, comecei a gostar de política, e o pai conversava muito comigo sobre essas coisas. (Sidnei, 75 anos)

As narrativas relacionadas ao gosto, ao contexto e às memórias sobre as **radionovelas** demonstram que elas foram uma experiência muito marcante na vida dos entrevistados. O gênero era percebido como uma forma de entretenimento que mobilizava o imaginário dos ouvintes, que gerava comentários, despertava a imaginação.

À noite tinham as novelas. E as novelas não se perdia por nada nesse mundo. Naquela época era O Direito de Nascer, que depois quando surgiu na televisão, ninguém achou graça nenhuma, porque cada um imaginava né, a gente viajava ali. A Linda Gay, que era irmã de criação da minha mãe, minha avó criou ela, ela era atriz do rádio. Ela sempre fazia os papéis dela e depois ela

passou a trabalhar na televisão, depois que ela foi embora aqui do sul. Eu também tinha uma tia, ela morava numa rua acima da nossa, então a gente escutava juntas aquelas novelas, e eu imaginava sempre um ator, se não me engano ele fez uma novela chamada O Sermão da Montanha, e o nome dele, na novela, era Maurício. Tanto que quando o meu filho nasceu, eu queria botar o nome dele de Maurício, mas meu marido não deixou, disse que era nome judeu. Então, eu ia lá na minha tia escutar as novelas, de tardezinha e dormia lá. Lá tinha minha prima que morava também, ela era parálitica e nós escutávamos as novelas juntas. Minha prima era apaixonada pelo Josué Guimarães, não sei se ele era ator ou o que. Outra que também era conhecida era a Zaíra Cauã. Ela sempre fazia papel de mocinha nas novelas, tinha uma voz muito bonita. Eu me lembro que ela usava (porque às vezes a gente encontrava ela) umas lentes grossas, que ela era míope. Não tinha nada a ver com aquela voz belíssima que ela tinha né. São os truques do rádio. Eles usavam muita artimanha, usavam de coisas que podiam ajudar a dar idéia né. Eu me lembro que na novela O Morro dos Ventos Uivantes, também passava aquele Uuuuuuuu, barulho do vento. (Valkíria, 69 anos)

Sabe o que eu gostava? Novela no rádio. Tu ouvia aquele barulhinho tudo. A minha guria diz: mãe, mas que graça tinha? A gente ficava ali, sentadinha, escutando novela. Aí dizia: olha, agora acho que vai abrir a porta, agora vai bater a janela. Era uma imaginação. Eu tava dizendo que agora, essas novelas a TV é muita putaria, tu não concorda? Não tem mais graça de nada. (Laura, 69 anos)

Não é possível fazer a afirmação “novela é coisa de mulher”, sem situar algumas ressalvas. No caso da amostra desta investigação, existe uma marca que aparece de maneira mais forte vinculado a radionovela as mulheres entrevistadas. Dos homens, existiram alguns relatos onde diziam que “olhavam às vezes”, ou que “a mãe gostava”, quando na verdade, estavam dando sinais de que também acompanhavam as histórias transmitidas pelo rádio.

Os **programas de auditório** representaram uma das mais conhecidas formas de entretenimento da Época de Ouro do Rádio. Sua realização era o momento de descontração para os que acompanhavam escutando pelo rádio, em duas casas, mas também eram considerados um acontecimento cultural para a sociedade local. Nos finais de semana de folga, ou mesmo nos intervalos do expediente, acompanhar, ao vivo a realização dos programas, foi uma experiência muito marcante na vida dos ouvintes que puderam desfrutar da experiência.

Eu cheguei a conhecer algumas dessas pessoas do rádio. De vez em quando eu ia aos auditórios, eu era jovem, tinha 18, 19 anos. Aí eu ia no auditório, que nem aparece esses auditórios aí de hoje em dia, como tem em São Paulo. Ia de vez em quando nos domingos de manhã. E era sempre cheio. De vez em quando davam algum premiozinho, de vez em quando chamavam alguém pra cantar. Bem parecido com o que a gente vê hoje lá do Rio e São Paulo, só que não era na TV, era ao vivo, ali no auditório da rádio mesmo. Ia de vez em quando porque gostava. A rádio Gaúcha era ali no Edifício União, bem no centro. E o da Farrroupilha era na Rua Sete de Setembro, num casarão antigo que tinha ali. Eles faziam meio que uma concorrência. Às vezes o pessoal, os artistas, faziam um programa e saíam correndo para o outro. Que eu me lembre, esse tipo de programa foi mais ou menos até final da década de 60. Depois apareceu a televisão, e aí morreram esses programas. (Floduardo, 74 anos)

Tinha uma época em que havia alguns programas de calouros, eram muito bons, apareceram bons talentos. Surgiam muito os chamados conjuntos regionais, com quatro, cinco instrumentos, violão, cavaquinho, pandeiro, às vezes uma gaita, um pistón, sax, coisa assim. E se via ali aquelas músicas antigamente apresentadas, as músicas mais cantadas da época. Tinham auditórios muito bons. Eu assisti a dois ou três programas no tempo em que a Rádio Gaúcha era aqui na Sete de Setembro. Em dois programas, pelo menos, eu estive ali, numa época rápida em que estive em Porto Alegre, em dezembro de 1950. (Sidnei, 75 anos)

O **humor** é uma marca que apresenta uma força significativa nas narrativas dos entrevistados. É também um gênero vinculado à escuta passada, e ao qual estão relacionadas lembranças muito vivas e marcantes. Os programas são lembrados com riqueza de dados, bem como os personagens que faziam parte de cada um deles, os horários de veiculação. Além disso, também existem as recordações dos momentos em que acontecia a escuta desses programas.

Esses programas também estavam situados dentro do gênero programas de auditório. Sendo assim, o gosto era tão forte, a ponto de fazer com que alguns ouvintes fizessem questão de assistir a veiculação acontecendo ao vivo, nos estúdios da emissora. O sucesso atribuído a esse tipo de programação, o gosto que eles mobilizaram na audiência pode ser explicado a partir de diferentes perspectivas. Por um lado, o humor é uma importante marca nas culturas latino-americanas, e o rádio

soube muito bem apropriar-se deste aspecto, na verdade segue realizando produções pelo viés do humor, só que hoje com características e formatos distintos.

Outro fator que explica a predileção pela junção humor\programas de auditório está relacionada ao fato cultural que eles representaram em sua época. Isso porque para além da escuta diária em casa, era possível interagir com os apresentadores, observar a produção. E, além disso, encontrar e fazer amigos, comentar os acontecimento do programa no ambiente de trabalho, ou seja, o sucesso que esses programas alcançavam tinham fortes razões de ser.

E tinha também, deixa ver, o meu guri ta com 40 anos... era na Farroupilha. O que eu me lembro, assim, era um programa ao meio-dia, era ali no centro. Tinha o Walter Broda e o Pinguinho. Era uma programação de meio dia, ao vivo, muito bom. A gente ia lá pra ver a programação e depois ia embora. Sempre que eu podia eu ia, era dia de semana, todos os dias. Lembro que tinha sempre um pessoal do porto, eles almoçavam e iam lá ver o programa. Terminava às 13 horas e eles iam embora. (Laura, 69 anos)

Na minha época não tinha televisão, então o lazer da gente era o rádio. E tinha assim, por exemplo, na hora do almoço. Era aquele programa, do magrinho e do gordo, Walter Broda e Pinguinho, por sinal, o Pinguinho era nosso vizinho ali na Coronel Feijó, era feio que doía. Então eles tinham um programa entre eles, e não me recordo se neste programa era uma aula que tinha diariamente, tipo da Escolhinha do Professor Raimundo. Eu me lembro que existia uma aula, e a gente, claro, cada um escutava e tinha as suas fantasias. Eu tinha uns oito anos, por aí. E eu me lembro assim, que nós, em casa, e todas as pessoas na época, eles valorizavam muito o rádio. O Walter Broda, parece que ele era o sapateiro. Eu me lembro que ele batia com o martelo numa sola de sapato e ia falando, ele ia criticando tudo que passava no mundo. E o Pinguinho, ele era assim, meio gozado pela turma, assim, faziam chacota dele, então o coitado sofria nas garras dos outros, né. E era engraçado o programa. Tinha esse, que era do Walter Broda e do Pinguinho. E era ao meio-dia, eu lembro que era no hora do almoço que a gente escutava isso aí. E tinha depois a aula, tinha a aulinha também, que não me recordo o nome, não me recordo sobre o quê eles conversavam. (Valkíria, 69 anos)

Tinha um programa muito bom, ao meio-dia, todo mundo corria pra assistir, chamava-se Banca do Sapateiro, era um programa de crítica. Ele pegava um martelinho e batia na mesa, dizia: bate, bate preguinho, bate, como se estivesse batendo. Era uma crítica geral, crítica sobre a cidade, sobre tudo. E quem fazia esse programa era o Pinguinho e o Walter Broda, eram famosos. Era na Gaúcha, tu

tava almoçando e tava escutando, se divertindo, dando risada. Eles eram cômicos. Inclusive esse Pinguinho tinha um circo, além de trabalhar na rádio, tinha um circo. (Floduardo, 74 anos)

Os **personagens** que constituíam no passado, e constituem na atualidade o rádio, representam elementos onde a lembrança também se apresenta de uma maneira bastante forte. E aqui são elencados como personagens todos os profissionais que participam na construção dos programas, como apresentadores, locutores, radioatores e radioatrizes, cantores e cantoras, indivíduos que são lembrados por sua participação no rádio de outros tempos ou de hoje em dia.

Se, em outros tempos, o rádio ocupou o lugar que depois viria a ser da televisão, no que diz respeito à visibilidade, a criação e oferta de modelos a serem seguidos, é compreensível o fato da admiração que os ouvintes nutriam por cantos, atores apresentadores. As proporções da divulgação e exposição do trabalho e da própria vida privada dos personagens radiofônicos eram distintas do que vemos hoje, por exemplo, com os artistas da televisão. Ainda assim, as pessoas tinham interesse em acompanhar o trabalho dessas pessoas, pois era algo que lhes agradava, assim como tinham curiosidade. E no caso do rádio, além de possuir, em outros tempos, uma audiência numerosa e fiel, o fato de ser um veículo onde só era possível ter acesso a voz das pessoas, o imaginário também mobilizava a vontade de conhecer, de ver que rosto tinham aquelas vozes tão familiares.

Quando eu vim pra Porto Alegre, aí eu tinha uns 12 anos, vim trabalhar com o diretor da Coca-Cola, então ali eu conheci a Rádio Farrroupilha, e nesse tempo era muito divulgada a Tômbola musical da Coca-Cola. Aí, olha o que eu fazia: como ele era diretor, esses programas eram feitos todos os sábados, no Castelo, o Cinema Castelo, na Azenha. Então ali eu conheci a Ângela Maria, Cauby Peixoto, Ivon Cury, Nelson Gonçalves. E olha como eu era criança: como tinha que pagar, sexta-feira tinha que tirar ingresso para o sábado. Eu não precisava fazer aquilo. Então quando eu chegava ali, que eu vinha de bonde, a gente morava na esquina da Farrapos com a Sertório, aquele monte de gente na fila, eu já tinha um crachazinho, e então eu mostrava e entrava. Daí, às vezes os outros diziam: mas como é que ela pode entrar? Ah, mas ela é a empregada do diretor. Nisso eu tinha 12 pra 13 anos. As apresentações era tudo ao vivo. Era sábado de tarde, tarde inteira, todo o sábado tinha. Às vezes, quando eles vinham do Rio, esses artistas, às vezes não tinha lugar no hotel da Farrapos, no Hotel Dicono, então eles ficavam no apartamento do meu patrão. Eles

comiam pelas minhas mãos. Até uma vez, eu lembro que meu patrão tava jantando, ela (Ângela Maria) era pra vir e não veio. Quem é que ela namorava, ou tava junto, a Ângela Maria... eu não lembro o nome do artista, mas aí foi quando ele largou ela, foi embora, e daí, naquela época, já tinha droga, só que era muito... daí ela se meteu nas drogas, ela bebeu, ficou meio ano fora e depois voltou. Eu gosto até hoje da música deles, Nelson Gonçalves, Cauby Peixoto. Da, também, como era o nome dela, meu Deus... ela era mãe do...tem um filho que canta. Ela que cantava aquela: bandeira branca amor....Dalva de Oliveira, ela era muito boa” (Laura, 69)

De música, que eu me lembro bem, tinha a Emilinha Borba, a Eliana, a Nora Nei, a Mayza Matarazzo, o Nelson Gonçalves, a Elis Regina, Carlos Galhardo, Pixinguinha, como o chorinho, né. O Cauby também era daquela época. Um que tem a voz muito bonita também...o Agnaldo Rayol, a Libertá Lamarque, a gente gostava muito de escutar ela, o Petrônio, que não lembro o sobrenome, nessa época era assim. Depois vieram os Beatles, já mais tarde né”. (Valkíria, 69 anos)

Lembro da época das radionovelas. Um dos galãs da radionovela morreu faz pouco tempo agora, o Cândido Norberto, já ouviu falar? Era galã, todas as mulheres gostavam dele, era famoso. Fazia radionovela e também era repórter esportivo. Acho que ele trabalhou em quase todas as emissoras. Ultimamente estava na Gaúcha, antes de morrer. Fazia radionovela, era locutor esportivo, e nas entrevistas importantes sempre pegavam ele. Ele foi deputado, era bem desembaraçado. O Adroaldo Guerra também é dessa época. Tu não ouve por aí o Guerrinha? É filho dele. O Adroaldo era apresentador e animador de auditório, que nem o Gugu da TV. Ele também era repórter, completo. Outro que teve também muito cartaz aqui e fazia novela de vez em quando era o Rubens Alcântara. Era também radialista de programas noticiosos. Mas o programa mais famoso que ele tinha às seis da tarde, era A Hora da Ave Maria, ficou anos no ar. Era na Farroupilha, o fundador foi ele, ficou anos. Ele tinha todo um jeito especial de fazer aquela conversa. Era famoso também, já faleceu. O Mendes Ribeiro, tu conheceu? Tem uma coisa aqui que pouca gente sabe: ele foi o locutor que transmitiu a Copa do Mundo de 1958, lá na Suécia, e foi a estréia do Pelé. Naquele tempo era muita coisa uma rádio sair daqui’. (Floduardo, 74 anos).

Com o passar do tempo, as **emissoras** de Porto Alegre foram ocupando primordialmente o espaço de escuta dos ouvintes. Entretanto, nem sempre foi assim. Houve o movimento de escuta de emissoras do interior do estado, onde, em outras épocas da vida, viviam os entrevistados. E, além disso, também se observava a escolha por emissoras que nos primeiros anos de desenvolvimento e consolidação do

rádio eram hegemônicas. “*Que eu me lembro daquela época, em Novo Hamburgo, a gente escutava a rádio Progresso, que era de lá mesmo*”. (Laura, 69 anos)

Eu faço uma comparação, antigamente, ouvia um programa na Rádio Nacional, ou na Rádio Mayrink Veiga, era o Noites Brasileiras, músicas brasileiras, regional, de chorinho. E tinha um flautista, o Altamiro Carrilho, e eu escutava e pensava: “quando é que eu vou tocar com esse moço, o Altamiro? E depois trabalhamos duas vezes juntos, nos gostamos, ele gostou de mim e eu escutava a Rádio Nacional. (Estamos entrando como o programa Noites Brasileiras, na Radio Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro). Então escutava. Uma noite não ouvi mais isso, parecia tudo meio misturado. Mas mesmo assim eu gosto de ouvir o rádio de hoje. To ligado no rádio de hoje. O rádio tem um alcance muito longe, muito distante, rádio é rádio. Televisão, tudo bem, é legal, é moderno, mais aconchegante para ver filme, ver as novelas maravilhosas, mas o rádio sempre teve vida, fala tudo”. (Plauto, 80 anos).

Em Pelotas, onde eu nasci, eram muito poucas as rádios locais, as que tinham eram muito deficientes, com alcance muito pequeno porque os recursos técnicos da época eram muito limitados, e as pessoas que trabalhavam com isso, na parte técnica, também eram limitadas, porque tinham poucas possibilidades de aprender. O ensino naquela época era muito restrito também. Quanto menor a cidade, mais dificuldade tinham. Aliás, também havia o problema da energia elétrica. Naquela época, as baterias e as pilhas eram pouco divulgadas e a energia elétrica era muito restrita. Em algumas cidades, tinha luz por apenas algumas horas durante o dia. Então, através da audição do rádio, que é nosso meio de comunicação, é que eu fiz praticamente a minha cultura e comecei também a gostar. E gostava tanto disso que, em 1946, eu fiz um curso para ingresso na Escola Técnica de Pelotas e fui aprovado. (Sidnei, 75 anos)

No decorrer da trajetória de escuta, foi sendo consolidada a preferência dos ouvintes pelas emissoras de Porto Alegre. O público foi conhecendo cada vez mais a programação que era disponibilizada, bem como foram desenvolvendo o gosto por determinada rádio.

A escuta das emissoras da cidade também estabelece uma relação com componentes da própria cultura local. A proximidade das notícias, a identificação com fatos e personagens presentes em um universo local foi fidelizando a audiência das rádios da capital, fato que persiste nos dias atuais. “*Hoje o que eu escuto quase*

todas as emissoras, mas sempre tem uma, duas, ou três de preferência, que são a Gaúcha, a Guaíba, a Bandeirantes, que é muito boa também”. (Plauto, 80 anos)

A hora que eu escuto a Caiçara, que é de manhã, a programação é sobre acidentes da noite, também tem horóscopo. Depois eles começam com perguntas, as pessoas ligam pra lá. Agora de manhã eles tavam perguntando alguma coisa, sobre o que era? Ah, sobre o Rio, dos jogos. Se for ver, como tem coisa pra fazer lá. (Laura, 69 anos)

É possível observar, também, a existência de relatos em que havia uma mescla na escuta: rádios locais, rádios de Porto Alegre, rádios do Rio de Janeiro e até mesmo rádios internacionais, como acontecia da família de Sidnei, em Pelotas.

Depois do jantar, era a hora de ouvir o rádio, a gente jantava cedo naquela época. Estou falando de década de 40. Na noite se escutava o noticiário, aí o pai passava na Farroupilha, depois na Difusora, da Difusora para outra, ficava trocando. Eram as mesmas, as notícias eram sempre as mesmas, mas ela achava que sempre tinha alguma coisa diferente, então ele gostava disso. Depois, mais tarde, botava na BBC, e eu sempre do lado dele, sempre escutando. Depois então tinha o noticiário das 23h até a meia-noite, que era na Farroupilha. O pai sempre ia desligar o rádio já era meia hora, uma da manhã” (Sidnei, 75 anos)

Os relatos que dão conta da chegada do rádio na vida das pessoas mostram o fato como um acontecimento que, em diferentes níveis e sentidos, transformou a vida dos ouvintes. A chegada da **televisão** atua em termos bastante semelhantes. Ela modificou alguns dos *habitus* das pessoas, de maneira geral, como também fez com que o uso de outros meios, principalmente o rádio, tivesse que ser negociado. O fato da novidade, do fascínio que a imagem exerce, e também a dificuldade que era obter esse bem de consumo, fizeram com a televisão fosse conquistando um espaço importante na vida de sua audiência.

Televisão eu tive acho que foi no ano 66. Era difícil adquirir naquele tempo. E sabe o que era mais difícil? Tinha muita loja forte em Porto Alegre, umas quantas fecharam, a Renner ainda continua. Naquele tempo Renner trabalhava com eletrodomésticos, agora é só roupa. No centro tinha um andar que

era só eletrodomésticos, mas naquele tempo o que era difícil é que tinha que ter fiador. Eles não vendia pra qualquer um. (Floduardo, 74 anos)

Acho que muitas coisas do rádio acabaram porque veio a televisão e aí ela preenchia. Foi uma mudança grande. Quando a televisão chegou foi uma coisa boa, todo mundo gostou, porque a gente via né. Não precisava pensar e formar na cabeça de cada um. Eu me lembro que tinha uma novela, e eu dizia assim pra minha prima: me parece, me dá a impressão que ele tá sempre de capa preta e guarda-chuva, esse cara (risos). É a imaginação da gente né. (Valkíria, 69 anos)

Em primeiro lugar, a televisão era um objeto de consumo de alto nível, para pessoas de alto nível econômico. O processo era muito seletivo. Então, quem tinha uma televisão, era um negócio. Depois, teve a questão da televisão para o interior. Era muito problemático. Problemático, e às vezes, como não tinham estações repetidoras, tinha a questão crucial que era ter uma boa antena. E às vezes, não só uma boa antena, mas o local onde essa antena estava. Às vezes eu colocava uma antena de televisão num ponto bem alto e o sinal que se ganhava no ponto alto da antena se perdia na linha. Naquela época as televisões, a Piratini, que foi a pioneira, tudo da rede Tupi. Programação local, era pouquíssima, quase nada. Mesmo porque não tinha curso, não tinha pessoal preparado. A primeira vez que vi TV funcionando foi em Pelotas, numa demonstração da Philco, no Clube Caixerai, em dezembro de 1955. Até ganhamos uma flâmula. Essa foi a primeira demonstração pública de TV em Pelotas. Foi um espetáculo, foi em frente à praça, tinha mais de 10 mil pessoas assistindo (Sidnei, 75 anos).

Minha filha tinha dois anos e meio quando meu sogro comprou a primeira televisão que nós vimos. Uma vez eu fui na casa de uma tia de uma amiga minha, da família Aiala, eles foram para os Estados Unidos e trouxeram um aparelho de televisão, e essa amiga, que era sobrinha deles, morava ali na praça Dom Feliciano, dizia: “vamos comigo lá na tia Olinda pra tu conhecer uma televisão. E realmente, aquele baita móvel, era enorme, uma caixa quadrada. Então eu fui conhecer, a primeira televisão que eu conheci foi essa. Mas a primeira que eu assisti, foi do meu sogro. Nós chegamos lá e minha sogra disse: tenho uma novidade pra vocês, compramos a televisão. Em seguidinha abriram os canais de televisão e meu marido comprou uma. Minha filha tinha uns dois anos e meio e sempre dava aquela propaganda dos Cobertores Paraíba, que era nove da noite, tocava a musiquinha e aí meu Deus, a guria já começava a pular e chorar, tão brava. E eu dizia, igual a propaganda, “não espere a mamãe mandar (Valkíria, 69 anos).

Aos poucos, a televisão deixou de ser novidade e passou a ser incorporada no cotidiano. Se no começo ela pode até mesmo ser vista como uma forte concorrência para o rádio, ou até mesmo uma ameaça, com o passar do tempo, ela foi cada vez mais ocupando seu espaço na vida dos indivíduos. Hoje, tendo à disposição a variedade de possibilidade de acesso a diferentes meios, o receptor sabe diferenciar e escolher aquilo que prefere. Na organização que estabelece para o consumo de mídias, sabe o buscar em cada meio. A questão passa muito mais por uma idéia de complementaridade do que de oposição de um frente a outro.

Ao mesmo tempo em que surgia a televisão, abrindo um universo de novas possibilidades o rádio, enquanto utensílio doméstico, também passava por transformações. A principal delas está relacionada à **portabilidade** que o aparelho foi adquirindo. Se antes o rádio era um móvel da casa, onde as pessoas se colocavam ao redor ou defronte, com o passar do tempo ele foi se tornando cada vez menor, possibilitando ser transportado facilmente para qualquer lugar desejado.

Minha mãe foi uma das pioneiras em rádio portátil. O pai comprou não sei de quem, mandou buscar, que o pai era muito assim de rádio, de música, coisas assim. O pai era muito de cultura, embora não tivesse estudo. Era um rádio portátil branco. Eu era pequena nessa época, a gente fazia uns piqueniques no Lami, em Belém Novo, as águas ainda não eram poluídas, e aí eu lembro que a mãe levou, ele era mais ou menos maior que um tijolo, o rádio. Ele abria uma tampa pra cima, não era fechado que nem os de hoje, e ali ela mudava de estação. Vinha gente de tudo que era lado para ver aquilo, um rádio portátil, branco. Mas me lembro bem daqueles grandes também, arredondados, que existiam antes dos portáteis. Nosso vizinho era alfaiate e tinha um daqueles. Já hoje, eu tenho rádio no meu quarto, na sala, na cozinha. Às vezes, acontece de cada um estar ligado em uma estação, e mais de um ligado ao mesmo tempo (risos). Meu ex-marido também gostava muito de rádio. Lembro que ele comprou um radinho portátil, e era assim, a gente sempre colocava os dois travesseiros e o rádio embaixo, com aquela música boa. Até hoje eu gosto de um rádio bem baixinho no meu ouvido. (Valkíria, 69 anos)

Final dos anos 50 começaram a aparecer os rádios portáteis. Foi nos anos 50 que começou a aparecer por aqui. E mesmo que fossem portáteis, eram uns enormes de uns rádios, mas todo mundo gostava de andar com eles, andavam na rua pra se exibir. Com o tempo foi diminuindo. Mas tudo era novidade né. (Floduardo, 74 anos)

A **importância atribuída ao rádio** durante toda a trajetória de escuta dos ouvintes passou por transformações. É clara a percepção de que o rádio nem sempre desempenhou o mesmo papel ou função na vida dos ouvintes. Como a vida das pessoas, o gosto pelo rádio foi sendo modificado. Ele nunca desapareceu, mas teve re-significações durante a vida. E isso também porque o rádio mudou. Dos primeiros anos de escuta até hoje, muitas coisas foram sendo transformadas. Emissoras que modificaram suas programações, algumas que deixaram de existir, outras que surgiram.

E essas mudanças vivenciadas no contexto radiofônico são percebidas e refletidas pelos ouvintes. A percepção que existe é que o rádio já passou por momentos muito bons, marcantes. Os entrevistados percebem com muita clareza o que a história dos meios convencionou chamar de Era de Ouro do rádio. Estabelecem as relações entre o rádio no passado e o rádio no presente, citando a anterior escassez de opções, e a multiplicidade de oferta disponibilizada pelos múltiplos meios hoje. Existe a expressão de saudade por programas, gêneros ou emissoras que já não existem mais. No entanto, ocorreu também a reflexão sobre a necessidade de desenvolvimento, e a satisfação ao perceberem as novas possibilidades que podem se abrir, especialmente em função do uso cada vez maior de elementos tecnológicos.

Acho que a maior diferença de outros tempos para hoje em dia é o alcance do rádio. Hoje, com a potência que as repetidoras têm, as cadeias se formam. E além da informática que pode ser usada né. As cadeias que se formam hoje dão acesso a coisas que há 30, 40 anos não se pensava que pudesse existir. Os equipamentos são mais potentes, os sistemas irradiantes também são bem diferentes. Tudo mudou com a tecnologia, e as coisas que se tem hoje, diferente das outras, são efeitos exatamente da aplicação das tecnologias novas. Isso também democratiza a informação. Claro que nem tudo foi bom. Às vezes, as más idéias, as más notícias repercutem e causam efeito na sociedade. Às vezes causam insegurança. Notícias chocantes, por exemplo. Hoje, a imprensa dá mais importância a uma agressão do que um ato de carinho. Hoje o cara mata dois, três e aparece na primeira página. O cientista que faz uma descoberta não aparece na primeira página. Eu não tenho saudosismo de outras épocas porque eu procurei me reciclar e acompanhar a coisa sempre. As memórias que eu tenho com relação a isso são das diferenças culturais e operacionais. Isso é bem marcante. O rádio, em outros tempos, representou a minha

profissão, o meu ganha pão. E segundo, o cabedal de informações que foram crescendo a minha cultura e vieram através do rádio. Menos do leitura do que do rádio, porque eu li muito pouco” (Sidnei, 75 anos)

Hoje em dia o rádio prevalece, mas já não é tanto assim. Eu vejo que já não é tanta gente que escuta, apesar que ainda tem gente que gosta de rádio. Antes era bem diferente. O pessoal andava com aqueles enormes rádios para escutar música. Mas, apesar de tudo, eu acho que o rádio não vai desaparecer. Acho que não desaparece não. Pode mudar mais coisas, mas ele ta agüentando firme. (Floduardo, 74 anos)

Em termos de programação, se seguirem as que eu gosto, tá muito bom, e acho que elas não vão morrer não, porque essas, efetivamente, tocam muito a sociedade. A novela no rádio desapareceu. Sempre vão ter novas coisas, por exemplo, com relação à ecologia, ao meio ambiente. Acho que o rádio podia abordar muito mais isso, no sentido da educação. Eu acho que ninguém se desvincula do rádio. Porque existem os que têm gosto, e até mesmo por necessidade. O cara ali tem um radinho, pega uma estaçãozinha local, sabe as notícias locais, aí pega a cultura da região. O rádio sempre ajuda. (Sidnei, 75 anos)

Com o passar do tempo, a escuta foi sendo, em alguns pontos, modificada. Isso acontece não somente porque as preferências podem passar por transformações, mas também pelo fato de que nem todas as emissoras da época da infância e\ou juventude dos entrevistados já não existem mais. Sendo assim, de acordo com as opções existentes, as preferências são postas em prática.

Bom, eu disse que gosto muito de música, e pra meu gosto, a Guaíba é que tem as melhores músicas. Na FM dá bastante notícia boa, mas a AM também tem, não é o dia todo, é mais à noite. É na Guaíba que eu ouço mais a FM, as outras são na AM mesmo, por causa do noticioso né. Na FM eles fazem uma programação assim, por exemplo: hoje eles pegam aqueles compositores, vamos dizer, hoje é música do Chico Buarque. Geralmente é à noite, aí vêm todas as músicas dele. Aí entra tudo o que ele faz, samba, valsa, o que for. E assim eles vão, com outros vários artistas”. (Floduardo, 74 anos)

Depois que eu me aposentei, é assim: passei a escutar o rádio de manhã, a Farrroupilha. De noite aí eu já via mais TV. Como gostava de escutar sempre de manhã, ficava controlando os horários. Eu escutava a Farrroupilha, mas agora eu escuto só a Caiçara, isso já faz uns quatro anos. E eu mudei pelo seguinte: eu

acho que a Caiçara é bem melhor, ela passa muito mais coisas pra gente, sobre tudo o que acontece mundo a fora. (Laura, 69 anos)

Com o passar dos anos, o acesso a **outros meios de comunicação** que não o rádio, foi sendo facilitado. Os entrevistados reconhecem que na atualidade, a informação e o entretenimento chegam de maneira mais rápida aos indivíduos. Mas nem sempre foi assim. *“O jornal era muito difícil. Hoje em dia, qualquer pé rapado compra um jornal, mas naquela época não era assim. Era no rádio que vinham as notícias”*. (Laura, 69 anos)

Atualmente, essa maior facilidade de acesso aos meios permite que os entrevistados possam escolher o que mais lhe chama a atenção, o que atrai seu gosto. E, em geral, é assim que procedem em seu cotidiano, revezando entre a escuta de rádio e a assistência à televisão, intercalando, se for o caso, com leituras, mudando de canais de TV ou emissoras no rádio. Para alguns, o prazer na assistência e na escuta consiste exatamente em não parar em uma só estação, mas aproveitar um pouco de tudo o que é ofertado e lhe chama a atenção.

A experiência de realização de estágio de doutorado no exterior permitiu observar uma realidade distinta, não somente em aspectos gerais da cultura e sociedade, mas principalmente no que se refere à escuta de rádio. Foi muito importante ter contato com um universo diferente em muitos aspectos, mas, ainda assim, conseguir enxergar semelhanças na maneira dos ouvintes se relacionarem com o rádio.

As distinções existentes entre os relatos expressos pelos ouvintes de Porto Alegre e Barcelona estão muito relacionadas com as diferenças de emissoras, com as personagens que atuam nos distintos contextos radiofônicos, com a maneira como as programações de rádio são concebidas. Nisso estão incluídos diferentes estilos de programas, diferenças em horários de vinculação. Entretanto, é possível dizer que, a partir das entrevistas realizadas em Porto Alegre e Barcelona, muitas semelhanças puderam ser identificadas.

O que aproxima essas realidades radiofônicas é a maneira como os ouvintes se relacionam com o rádio. O fato de todos eles, brasileiros e espanhóis, estarem em uma mesma faixa etária, é um fator que os aproxima. Não que uma mesma idade indique a homogeneidade do gosto, mas pelo fato de que vivenciaram períodos históricos, sociais, culturais com elementos semelhantes.

Está se considerando o fato das muitas distinções entre os países e seus sistemas radiofônicos, entretanto, existem gêneros, como o esportivo, o musical, o melodramático, que fazem parte do repertório dos ouvintes em Porto Alegre e em Barcelona. Logicamente, quando se está citando o esportivo, e pensando especialmente o futebol, sabe-se da diversidade de times, de jogadores, do peso dado a cada campeonato transmitido. Ainda assim, a emoção de escutar os jogos pelo rádio é um fato que ultrapassa fronteiras e faz com que haja a mesma identificação por parte dos ouvintes.

No caso das informações, há sim que se considerar o fato de que os contextos onde foram geradas são distintos. Ainda assim, algumas percepções são comuns como, por exemplo, o fato dos entrevistados relatarem a abundância e também a necessidade cada vez maior de informações para a vida cotidiana. Fato este que é contraposto também a relatos semelhantes de que em outras épocas, a informação era mais escassa, demorava mais a chegar e circular, bem como era proveniente de poucos canais. A profusão de emissoras, profissionais e condições tecnológicas para a difusão cada vez maior da informação e elemento relacionado na perspectiva exposta pelos ouvintes dos dois países.

De maneira geral, também é possível dizer que os entrevistados brasileiros e espanhóis reconhecem os benefícios que o desenvolvimento tecnológico propiciou para os meios de comunicação, e especialmente, o rádio. Nesse sentido, é incorreto dizer que existe um saudosismo forte e marcado por parte dos entrevistados, no que diz respeito a passado e presente. No entanto, são críticos ao analisarem a queda de qualidade, desde os seus pontos de vista, de alguns tipos de gêneros radiofônicos que acompanharam e\ou acompanham. Essa questão fica evidente quando se questiona, por exemplo, a música.

Mesmo vivendo em culturas diferentes, existe uma percepção muito semelhante de que a música tinha mais qualidade em outros tempos. Para os entrevistados, hoje idosos, as músicas “modernas” não fazem muito sentido. Gostavam das músicas para dançar, ou “musicas com mensagem”, como muitos deles dizem. Essa visão é compartilhada pelos ouvintes de Porto Alegre e Barcelona.

Existem semelhanças nos hábitos de escuta, como escutar rádio pela manhã, logo ao despertar, ou adormecer escutando rádio. Na atualidade, percebe-se que a escuta compartilhada de outros tempos deu espaço cada vez mais para a audiência individualizada. A época de escutar com vizinhos, amigos ou mesmo com a família, de parar outras atividades para escutar o rádio, esse hábito já não existe mais. Reflexo das transformações sociais, culturais, e principalmente tecnológicas, que propiciaram as pessoas ter mais de um aparelho, levá-lo para onde quiserem, pois os custos para adquirir esse bem de consumo já não são exorbitantes, como no passado.

Brasileiros e espanhóis também concordam que o rádio permanecerá por muito tempo, ainda que venha a passar por mais transformações. E, mesmo combinando a escuta de rádio com o consumo de outros meios de comunicação, eles afirmam que o gosto pela escuta radiofônica é um hábito que nunca pretendem abandonar.

6. PARA CONCLUIR: TRILHAS PERCORRIDAS, CAMINHOS EM CONSTRUÇÃO

O embrião que deu vida a essa investigação começou a ser gestado em uma pesquisa anterior, no mestrado. Perceber uma ligação forte de alguns ouvintes com o rádio, revelando memórias tão ricas e persistentes, e ainda notar que, ao menos como suposição, a quantidade de anos de escuta vividos só fortaleciam essas lembranças parecia fazê-las mais presentes, fortes e vivas, me fez acreditar que, em uma próxima investigação, deveria investir a fundo em como esses processos se desenvolviam, se articulavam.

Foi então que cheguei ao doutorado com a proposta de compreender as tramas tecidas na e pela memória radiofônica. O público? Necessitava que os ouvintes participantes tivessem uma larga vivência com o meio. E eu os encontrei. Pessoas que viveram sua infância ou adolescência na “Era de Ouro do Rádio” e que hoje, em princípios do século XXI, são idosos.

E devo dizer que, articular a escuta de rádio a partir dessa categoria representou das tarefas mais desafiadoras da tese. Também das que levou mais tempo. Foi necessário dispensar um tempo para articular a problemática de maneira que conseguisse justificar que os idosos tinham uma grande importância na tese, mas não pelo fato de serem idosos e sim porque eles, por estarem em uma faixa etária. Para solucionar essa questão posta pelo processo de pesquisa, as disciplinas cursadas nos primeiros dois anos do percurso foram de fundamental importância, contando com o auxílio da reflexão dos professores e também dos colegas.

O trabalho de pesquisa se desenvolveu, em seus primeiros movimentos, buscando compreender conceitos que se mostraram presentes e fundamentais na investigação. Conceituar a memória, bem como entender não apenas o seu funcionamento, como compreender, acima de tudo, os caminhos foram passos fundamentais. A compreensão dos processos que envolvem a memória foi necessária e interessou à investigação a partir da perspectiva de entender como se configura a memória radiofônica, eixo principal da tese.

Outro movimento, ainda no princípio da tese, foi o de compreender as características do momento vivido pela amostra de radiouvintes que fariam parte da investigação. Entender algumas das configurações do “ser idoso” foi importante para contextualizar um momento da vida dos entrevistados. Esses passos iniciais foram sendo trabalhados, cada um à sua maneira, para a composição da problemática da pesquisa.

Desde o princípio da investigação, uma concepção já era percebida de maneira muito clara. Os processos radiofônicos investigados na tese estariam sendo percebidos, questionados e analisados desde a perspectiva da recepção. Sendo assim, todo o trabalho realizado envolvendo a busca por entender concepções sobre o rádio, a compreensão de sua história, entendimentos de seus modos de funcionamento, suas características constitutivas foi realizado no intuito de compreender como esses elementos estariam tendo uma participação concreta na trajetória de escuta dos ouvintes.

Aliás, a noção de trajetória de escuta permeou todo o trabalho. Foi no intuito de compreender suas formas de constituição, suas manifestações e articulações que a tese se desenvolveu. Para tanto, foi necessário lançar mão de estratégias que possibilitassem uma aproximação para compreender como se constroem as vivências com o rádio.

E se a trajetória radiofônica dos ouvintes se constituía em uma questão central para a tese foi necessário, a partir da pesquisa exploratória, encontrar ouvintes que tivesse um perfil adequado para poder observar tais aspectos. Para atender a esse critério, os indivíduos precisaram demonstrar o convívio com o rádio, desde sua infância até o presente. Para a pesquisa, não importava o que essas pessoas ouviam, mas sim o fato de que ouvissem rádio, no passado e no presente.

Se por um lado esse foi o trabalho de busca desses receptores com longa trajetória de escuta, por outro, fui buscando articular teoricamente o caminho da investigação. Esse processo foi realizado buscando desenvolver conceitos que pudesse dar apoio para se compreender esse trabalho da escuta dos indivíduos. Nesse meio estão envolvidas as questões relativas à memória, aos processos de

midiatização, às mediações que participam no trabalho da recepção, ou seja, a compreensão e construção de subsídios que pudessem apoiar o entendimento dessa trajetória de escuta.

Cabe ressaltar que a busca por compreender os aspectos envolvidos em uma trajetória de escuta que inicia na infância e se perpetua até os dias atuais na vida de pessoas que ultrapassaram a faixa dos 65 anos, significa enfrentar um desafio. Não busquei, nesta investigação, compreender a recepção de determinado programa ou estilo de programas, também não simplesmente entender o que os ouvintes conseguiram recordar de determinada produção radiofônica. O objetivo da tese foi entender como se dá a configuração dessa trajetória de escuta, o que acontece com anos e anos de um consumo midiático repetido, a configuração de habitus, o que muda, o que permanece. E esse, sem dúvida, foi um grande desafio.

Desafio porque não é possível congelar momentos. A memória (HALBWACHS, 2004) é um elemento de nossa constituição humana que está em constante trabalho, realizando configurações e reconfigurações. Entender a trajetória de escuta representou muito mais do que compreender o momento da escuta diária atual, ou buscar simplesmente as lembranças de um rádio que se escutou em outros tempos. Para saber de fato como essa trajetória foi sendo construída, foi preciso entender que componentes estão presentes na formação desse percurso.

A escuta é um processo que não ocorre isoladamente, ela é parte de um ou mais contextos. São múltiplas mediações que, ao longo da existência do indivíduo, vão participando das suas relações com as mídias. Se estamos trabalhando desde uma perspectiva que considera o percurso da escuta durante o decorrer da vida, sabe-se das possibilidades de mudanças desses contextos. E foi o que se observou na tese. Continuidades e discontinuidades que foram participando intensamente da maneira dos ouvintes se relacionarem com o rádio.

Nenhuma das trajetórias de escuta investigadas na tese foi marcada pela completa continuidade, tampouco foi descontínua em todas as suas características. O percurso construído por cada indivíduo na sua história de relação com o rádio propicia observar um panorama muito rico de múltiplas configurações.

A infância e a juventude foram os períodos em que a história com os meios começa a se configurar. E nesse tempo, o rádio foi mídia com presença mais marcante. Ali tiveram início as primeiras escutas. Grande parte delas foi mediada por adultos. Nesses primeiros anos com o rádio, os relatos dão conta de que não se escolhia o que escutar, somente se escutava o que geral o gosto do pai julgava interessante ou pertinente. Ainda assim essa escuta, de certa forma involuntária, começou a escrever as marcas do rádio na vida dessas pessoas.

A época da infância dos entrevistados, situada nas décadas de 30 e 40 do século XX, coincide com o período em que o rádio estava construindo seu caminho. Emissoras buscavam cada vez mais atrair novos públicos, bem como fidelizar os já conquistados. As programações passavam a oferecer cada vez mais opções, e quanto mais opções ofertavam, mais os ouvintes iam criando e desenvolvendo o gosto. Gosto esse que é fruto também dessa escuta que se desenvolve no tempo. E não apenas o tempo está envolvido nesse processo que acontece na recepção, mas ele é fruto também do que as emissoras passaram a ofertar, dos modos como essas relações vão se estabelecendo. Junto ao gosto, também estará presente o *habitus*.

E na perspectiva da escuta radiofônica, pode-se dizer que esse *habitus* é diariamente construído, configurado de acordo com outras dimensões da vida do sujeito. E quando pensamos na produção radiofônica, é possível perceber como existem estratégias que possibilitam facilitar essas negociações, justamente com o objetivo de criar vínculos cada vez mais significativos com o seu ouvinte. É só considerarmos o gênero, entendido como uma estratégia de comunicabilidade, com uma estrutura, tendo uma lógica própria de funcionamento que vincula produção e recepção.

Essas lógicas permitem que, com o passar do tempo, o ouvinte vá tendo a possibilidade de desenvolver competências relacionadas à programação que acompanha. Ele sabe, por exemplo, que os programas esportivos no rádio terão sempre um tom empolgante, que dá ao ouvinte a idéia de estar participando ativamente da cena que está sendo narrada. Não fosse assim, não haveriam tantas referências à maneira como acompanham, por exemplo, as partidas de futebol: tendo a imagem da televisão, mas a narração do rádio.

Outro ponto que caracteriza essas estratégias mobilizadas pela produção do rádio para habituar seus ouvintes tem relação com a escolha e determinação dos horários destinados a cada tipo de programa em uma grande diária de programação. Na atualidade, o período da manhã é o espaço destinado à informação, às notícias. Isso nem sempre foi assim. Na primeira metade do século XX, o horário nobre da programação noticiosa acontecia à noite. A sociedade foi se transformando e o rádio acompanhou de perto essas mudanças. Hoje a vida transcorre de maneira mais veloz, e a informação possui um valor cada vez maior. Sendo assim, atualmente, o rádio precisa cada vez mais se valer dessas características para chegar ao seu ouvinte, e certamente se vale. No presente, o horário da manhã é o preferido pelas emissoras para o espaço das notícias.

Esse fato possui correspondência direta com os *habitus* dos ouvintes. É o momento em que as pessoas realizam suas atividades na casa, ou estão em deslocamento no trânsito, enfim, é o tempo em que precisam das informações para começar seu dia. Os tempos são acelerados, e o rádio não compete nisso com outras atividades. Ao contrário dos primeiros tempos de escuta, hoje já não acontece mais a reunião de grupos em torno do aparelho para a realização da escuta. E a portabilidade do rádio, iniciada no outro século, hoje segue como grande aliada dos ouvintes.

É importante perceber como as modificações do rádio acompanham a vida das pessoas. A partir dessa consideração, pode-se perceber que existe também uma relação com o tempo, quando pensamos nos gêneros que hoje já não existem mais. A radionovela, tão apreciada e referida pela totalidade dos participantes da pesquisa, hoje não encontra espaço na programação radiofônica. E nesse caso, não se vincula o fato somente a um tempo do qual as pessoas já não dispõem para sentar-se e acompanhar uma produção desta natureza no rádio. Alia-se a esse fenômeno em especial o fato do surgimento da televisão, e com ela, as telenovelas. Para esse gênero, não é possível afirmar de maneira simples, sem um estudo aprofundado do caso, que houve uma migração direta dos ouvintes de radionovelas para as novelas da televisão. No caso dos entrevistados da pesquisa, eles realizam uma distinção bem marcada das características, e principalmente das diferenças das produções de um meio para o outro. No caso desses indivíduos, não é possível dizer que aconteceu automaticamente essa migração.

O que de fato pode ser observado com o surgimento da televisão é que ela modificou substancialmente a maneira das pessoas se relacionarem com os meios. Diferentemente de outras culturas, como no caso da espanhola, que teve a oportunidade de ter um contato mais próximo, em função de ter realizado período de doutorado sanduíche em Barcelona, onde o livro e os jornais impressos são importantes meios de comunicação na vida das pessoas, com os quais elas possuem fortes vínculos, o Brasil não possui uma relação suficientemente forte com meios impressos.

Quando o rádio surge na vida das pessoas, ele promove fortes mudanças, cria hábitos que não existiam. E se pensarmos na relação entre o rádio e meios impressos, no Brasil vamos perceber que a introdução do rádio no cotidiano não promoveu uma concorrência entre um tipo de comunicação e o outro. O hábito da leitura não era uma prática habitual no momento em que surge o rádio. Isso acontecia, por um lado, pela baixa escolarização de grande parte da população brasileira, e por outro, pelos altos custos vinculados à livros, jornais, revistas. O rádio aparece então não como concorrente, mas consegue ocupar um espaço que os impressos não podiam dar conta.

Nos anos de 1950, quando surge a televisão, e na década posterior, quando ela começa a ser popularizada e comercializada em maior escala, aí sim o rádio vai presenciar o nascimento de sua forte concorrente. Os relatos dos entrevistados apontam para esse fenômeno. Em um primeiro momento, ele acontece em função da novidade que a televisão representou. Imagens em movimento, a possibilidade de visualizar as pessoas, quando antes somente era possível escutar suas vozes. O surgimento da televisão instaurou então uma nova forma de relação com os meios. A partir dali, os até então somente ouvintes, passaram também a telespectadores.

As narrativas dos participantes da pesquisa também expressam que, no princípio, quando cada família conseguiu adquirir seu aparelho, o rádio foi deixado um pouco de lado. Isso levando-se em consideração o espaço que ele ocupava até então na audiência das pessoas. E nesse momento se percebe uma mudança no *habitus* que vai se consolidando e que permanece até a atualidade. O horário preferencial para a assistência de televisão passou a ser a noite. Isso se deve, num

primeiro momento, ao fato de que a programação dos primeiros anos era bastante limitada, e a sua veiculação acontecia justamente no período que até hoje conhecemos como horário nobre. As famílias, pouco a pouco, passam a abandonar o ritual da escuta conjunta, que acontecia justamente à noite, o horário em que eram vinculadas as notícias do dia, bem como as radionovelas. As reuniões seguem ocorrendo, mas agora para acompanhar a programação que a televisão ofertava. Tanto a chegada do rádio como com a introdução da televisão na vida das famílias, não aconteceram de maneira rápida. São muitos e marcados os relatos das dificuldades que, em outros tempos, era adquirir esse tipo de bens de consumo.

Outro aspecto que aparece de maneira importante nas narrativas são as modificações ocorridas no consumo do rádio em função das diferentes mediações existentes no decorrer da vida, cada um em um determinado tempo e com alguma razão. A infância é marcada como o período onde a mediação na escuta acontecia pelas escolhas da programação radiofônica realizada pelos adultos. Isso porque, em muitos casos, não era possível nem ao menos tocar no aparelho de rádio. Esses fatos encontram explicação a partir de diferentes perspectivas. Por um lado, aquele era um tempo em que o próprio papel da infância não tinha a conotação que foi adquirindo posteriormente. As crianças não tinham direito à expressão de sua vontade, os adultos decidiam o que melhor lhes convinha, sem nenhum tipo de consulta ou argumentação. O outro ponto diz respeito ao aparelho de rádio como um importante bem de consumo, adquirido com dificuldade e que não poderia estar submetido aos cuidados de qualquer pessoa. Sendo assim, em muitos casos, a manipulação do aparelho acontecia somente pelo dono da casa, geralmente o homem.

Quando os entrevistados chegam à idade adulta, começam a adquirir seus bens, e entre eles o rádio. O fato da posse e do comando sobre o que e a que horas escutar deixa de ser uma questão limitadora para a escuta. O que se coloca a partir daí como um aspecto que restringe os momentos de audiência do rádio é o tempo necessário para dedicarem ao meio. Para algumas pessoas, dependendo também do tipo de profissão que exerciam, era mais fácil a negociação para a escuta. Já para outras, ouvir rádio no momento do trabalho era impossível. Assim, o maior esforço realizado nessas épocas de atividade laboral foi o de organizar esse *habitus* da escuta, encontrando tempo para poder realizar todo o necessário.

Esse processo se percebe muito mais na perspectiva masculina do que feminina. Isso porque, com base nos dados obtidos a partir da narrativa expressa pelos participantes da investigação, os contextos masculinos seguiam mais ou menos um mesmo sentido. Os homens trabalhavam fora do ambiente da casa, saíam para o convívio social todos os dias. No período laboral, sua escuta precisava se restringir aos horários da manhã, antes de saírem para o trabalho, ou à noite, quando já estavam em casa para o período de repouso.

No caso das mulheres que participaram da investigação, percebe-se um traço da diferença de classes operando na escuta, no tempo dispensado ao consumo do rádio durante o horário comumente tido como comercial. Uma das mulheres entrevistadas, assim como no caso dos homens, relata as limitações que teve na escuta durante sua vida laboral. Como empregada doméstica, em alguns trabalhos que teve, podia escutar livremente o rádio. Já em outros, não tinha a permissão. Assim, a sua escuta era mediada por esse componente. Organizava sua escuta pela manhã ou à noite, quando sobrava tempo. Em outro caso relatado, a ouvinte de classe média alta nunca pôde trabalhar fora da residência. Não que esse não fosse o seu desejo, mas, de acordo com seus relatos, “mulher não era criada pra isso”. Sendo assim, o tempo para a escuta era completo, dias e noites para escutar o que melhor lhe conviesse.

Os radiouvintes chegam então ao dias atuais, e percebem claramente as transformações decorrentes da passagem do tempo. Transformações que contatam no rádio, nas suas vidas, no desenvolvimento do mundo e da sociedade. É interessante perceber que, mesmo demonstrando um certo saudosismo, relacionado especialmente a programas de rádio que hoje não existem mais e aos quais tinham grande predileção e gosto, os ouvintes não apresentam um discurso repetitivo de que “no meu tempo era melhor”. Eles sim pontuaram o que de melhor havia em outros tempos, mas não demonstraram estar “presos” a um passado. Suas manifestações acontecem de maneira crítica, realizando comparações entre o que o rádio ofertava em outros tempos e as ofertas de hoje. Algumas coisas lhes desagradam, com as atuais músicas, por exemplo. No entanto, outros aspectos são elogiados por eles, como o fato de hoje a divulgação de informações ser muito maior e mais rápida, fato que não acontecia em outros tempos. No caso do futebol, acompanhando via rádio

por muitos ouvintes, eles ressaltam o aspecto de que hoje as transmissões são realizadas de maneira muito mais profissional do que em outros tempos, e essa mudança lhes agrada enormemente pois podem acompanhar, via rádio, praticamente todos os campeonatos de futebol com qualidade de transmissão.

A trajetória dos ouvintes, no que se refere à escolha de **emissoras** para a escuta, é outro aspecto onde é possível visualizar as transformações do *habitus*. No princípio da convivência com o rádio, na infância dos entrevistados, as emissoras eram escolhidas por adultos. As primeiras memórias radiofônicas estão relacionadas a uma escuta mediada. Com o passar do tempo, as reais preferências vão se colocando e sendo organizadas. Contudo, não se exclui a participação que esses primeiros anos tiveram na configuração de um gosto. Os relatos feitos sobre esse período não apresentam fortes oposições ao que era escolhido para a escuta conjunta da família. O fato é que a partir dali, essas pessoas foram conhecendo melhor o que lhe interessava, o que lhes chamava a atenção, o que lhe emocionava.

Da passagem da infância e adolescência para a idade adulta, as transformações relacionadas à vida e ao cotidiano dos radiouvintes incluíram também as emissoras elencadas para a escuta. Essa transição de períodos implicou, para alguns deles, em mudança de cidade. E nesse sentido, percebe-se também a presença de uma participação do local na determinação do que ouvir. Se na infância se ouviam emissoras como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, ou as rádios do interior do Rio Grande do Sul, dependendo da cidade em que cada um estava situado, já na idade adulta e vivendo na cidade de Porto Alegre, os ouvintes irão voltar sua audiência para as emissoras locais.

Essa identificação com o local é uma marca que foi se desenvolvendo na escuta radiofônica ao longo dos anos. Se for traçado um paralelo com relação à audiência dispensada à televisão, será possível perceber que o espaço destinado à programação local, em comparação ao rádio, é muito menor. O número maior de emissoras, bem como de horas de programação onde o local é tematizado aparece muito mais no âmbito radiofônico do que televisivo. E esse buscar pelo reconhecimento do espaço onde se vive, pela atualização das informações do que

está mais próximo, também são fatores que explicam a preferência por emissoras de rádio locais.

É importante também ressaltar que, durante todo o processo de investigação, um dos maiores desafios foi articular a expressão das memórias gerais de toda uma história de vida com a especificidade da memória radiofônica. Um desafio porque quando as pessoas são estimuladas a rever sua história e sua trajetória, independente da perspectiva enfocada, elas realizam uma viagem de retorno a tudo o que já viveram. E a memória realiza arranjos que onde não existem departamentos isolados, sentimentos, fatos, vivências se mesclam. Ao se falar no rádio do passado, foram mobilizadas lembranças da infância, da juventude, algumas lembranças de épocas boas, e outras nem tanto. Uma vez estimuladas, essas memórias emergem de uma maneira conjunta.

Assim, foram fundamentais os recursos metodológicos utilizados no desenvolvimento investigação. Os roteiros utilizados nas entrevistas tinham o objetivo de agregar as questões que fossem fundamentais para responder as indagações da problemática da tese, mas também servir como um horizonte a ser alcançado. Ainda assim, considerando o foco central da investigação, que foi compreender as configurações da trajetória de escuta e a expressão dos processos de memória radiofônica, em alguns momentos era necessário deixar que as lembranças fossem expressas, tendo elas ou não relação direta com as questões da pesquisa. Para alguns entrevistados, não foi problema ser “guiado” pelos roteiros das entrevistas. Já outros exigiram que tivesse uma dedicação toda especial para, em meio às memórias que ele queria narrar, buscar aquelas da sua vivencia com o rádio.

Durante os anos em que estou envolvida com a investigação científica, desde a graduação, passando pelo mestrado, por atividades profissionais, até culminar no trabalho realizado no doutorado, tenho a forte convicção de que a maior riqueza que uma investigação pode oferecer à sua área de estudos é o processo nela contido. Os dados obtidos por um trabalho sério de pesquisa são sempre muito importantes. Eles apontam para dados concretos de uma realidade experienciada coletivamente em nossas sociedades. Entretanto, penso que determinar o valor de uma investigação somente pelos dados que ela foi capaz de encontrar, analisar, relacionar é pouco.

Com na vida, as nossas conquistas não são medidas pelo dinheiro que acumulamos ou pelos bens materiais que adquirimos. Os caminhos trilhados para se chegar (ou não) a determinado ponto representam a verdadeira riqueza.

Uma investigação dedicada e comprometida nunca é a mesma do princípio ao fim. Se assim for, não creio que tenha sido um trabalho científico verdadeiro. Começamos a pesquisa com uma série de perguntas, que geram outros questionamentos, que se desenvolvem por caminhos que nem mesmo eram esperados. Obstáculos estão presentes na maior parte do percurso. Eles não inviabilizam o caminho, apenas obrigam o caminhante a escolher novas trilhas para se chegar aonde pretendia. Como a vida, a pesquisa científica é um aprendizado diário, um terreno fértil para a superação e o espaço onde a perseverança precisa preponderar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. *Almanaque da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro. Casa da Palavra, 2007.

ANGELOS, Irene Silva. *O significado do cinema na trajetória e história de vida dos idosos*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre. PPGCom PUCRS, 2004.

ARNHEIM, Rudolf. *Estética Radiofônica*. Barcelona. Editorial Gustavo Gili, 1980.

ATHAYDES, Andréia, STOCH, Sérgio (org). *A história do rádio porto-alegrense contada por quem fez*. Canoas. Ed. Ulbra, 2008.

BACHELARD, Gaston. *Devaneio e rádio*. In: *Teorias do rádio – textos e contextos*, v.1. MEDITSCH, Eduardo (org). Florianópolis: Insular, 2005.

BALSEBRE, Armand. *El lenguaje radiofónico*. Madrid. Ediciones Cátedra. 2007.

BARBOSA FILHO, André. *Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov*. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Experiência e pobreza*. In: Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BEZERRA, Ada Kesea Guedes. *A construção e reconstrução da imagem do idoso pela mídia televisiva*. 2006. (<http://www.bocc.ubi.pt/pag/guedes-ada-imagem-idoso-midia-televisiva.pdf>)

BIANCHI, Graziela Soares. *A escuta popular por María Cristina Mata*. In: MEDITSCH, Eduardo (org). *Teorias do rádio – textos e contextos*. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. *Rural Vivido e Mdiatizado – relações simbólicas e sentidos produzidos a partir da escuta dos programas radiofônicos Hora do Chimarrão e Brasil de Norte a Sul por ouvintes das comunidades rurais Linha Batistela, Povoado Coan e Linha Bigolin*. Dissertação de mestrado/PPG Com UNISINOS, São Leopoldo, 2003.

_____. *A participação do receptor no processo comunicacional*. CDROM Anais Alaic: La Plata, 2004.

BOSI, Ecléa . *Memória e Sociedade – lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP, 2007.

BRANDOLÍN, Anália. *Estereótipos sobre la vejez en noticieros televisivos*. In: Unirevista- vol. 1, n.3: julho 2006. (http://www.unirevista.unisinos.br/_imagens/pdf.gif)

BRUNO, Fabiana. *Retratos da Velhice*. Um duplo percurso: metodológico e cognitivo. Dissertação de Mestrado. UNICAMP/Multimeios. 2003.

BURATI, Rosa Maria. *Idosos na telinha: investigação da velhice em campanhas publicitárias televisivas*. Dissertação de Mestrado. PPGCom PUCSP, 2004

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales- 1929-1989. A revolução francesa da historiografia*. São Paulo. Unesp, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CUNHA, Magda Rodrigues da. *O valor de permanência do rádio – um estudo dos efeitos pela estética da recepção*. Anais Intercom. Salvador, 2002.

DOSSE, François. *História e ciências sociais*. São Paulo: EDUSC, 2004.

FERNÁNDEZ, José Luis. *La construcción de lo radiofónico*. Buenos Aires: La Crujía, 2008.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio e capitalismo no Brasil – uma abordagem histórica*. In: Anais Compós, 2007.

_____. *Rádio e Capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20*. Canoas, Editora da Ulbra, 2007.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Paidós, 2001.

GINZBURG, Carlo. *Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito*. In: *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GÓMEZ VARGAS, Héctor. *Los usos sociales de la radio – que no pare la musica*. In: *Estúdios sobre las culturas contemporâneas*, n. 16/17. Editorial Programa Cultura Universidade de Colima, 1994.

_____. En *búsqueda de la audiência radiofônica*. Revista Comunicación y Sociedad, n. 14/15, p. 83-107, jan./ago. 1992.

_____. *Biografías Radiofônicas y mundos sociales paralelos*. In: Revista Signo y Pensamiento, n.33. Universidad Javeriana: Departamento de Comunicación, 1998. p. 59-76.

GRISA, Jairo. *Histórias de ouvinte*. Itajaí: Univali, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HAUSSEN, Dóris. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. *A produção científica sobre o rádio no Brasil: livros, artigos, dissertações e teses (1991-2001)*. In: Revista Famecos. PPGCom PUCRS. Porto Alegre, n.25, dezembro 2004.

HAYE, Ricardo M. *Otro siglo de radio – noticias de un médio cautivante*. Buenos Aires: La Crujía, 2003.

IANNI, Octavio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

IBGE . *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000*. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. 2002. (<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>)

IZQUIERDO, Ivan. *Questões sobre memória*. São Leopoldo. Editora Unisinos, 2004.

KAPLÚN, Mario. *Producción de programas de radio – el guión- la realización*. Quito, Equador: Ciespal, 1978.

KLOCKNER, Luciano. *O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história*. Porto Alegre, Edipuc, 2008.

LEÃO, Ana Cláudia do Amaral. *Imagens suspensas: a (re) constituição comunicacional da solidão e das lembranças de mulheres idosas esquecidas nos asilos*. Dissertação de Mestrado. PUCSP, 2003.

LEMOS, Cláudio Eugênio Soares. *Narrativas e silêncio: o processo de comunicação dos idosos no contexto sociocultural de Campos dos Goitacazes*. Dissertação de Mestrado. ECO/UFRJ, 2002.

MAIA, Marta Regina. *Quadros radiofônicos: memórias da comunidade radiuvinete paulistana (1930-1950)*. Tese de Doutorado em Comunicação. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MALDONADO, Alberto Efendy, BIANCHI, Graziela Soares, GUTERRES, Aline, ERTEL, Débora, BECKER, Fernanda, ÁVILA, André (2005). *América Latina midiaticizada: produtos televisivos e recepção/As configurações da TV Educativa e a Rede Record na construção audiovisual dos latino-americanos e a sua realidade sociocultural/As significações fabricadas pelos seus telespectadores sobre a região*. Relatório de Pesquisa da PPG Comunicação. São Leopoldo, Unisinos. 2005.

MALDONADO, Alberto Efendy, BIANCHI, Graziela Soares, GUTERRES, Aline, BECKER, Fernanda. *As estruturas televisuais sobre a América Latina nas redes Bandeirantes, SBT e Globo: produtos midiáticos, estratégias e recepção*. Relatório de Pesquisa da PPG Comunicação. São Leopoldo, Unisinos. 2003.

MALDONADO, Alberto Efendy et al. *Metodologias de pesquisa em comunicação. Olhares, trilhas e processos*: Sulina, 2006.

MALDONADO, Alberto Efendy, BONIN, Jiani Adriana, ROSÁRIO, Nísia Martins do. *Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa*. João Pessoa. Editora Universitária da UFPB, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemónia*. Santafé de Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1998.

_____. *Los ejercicios del ver – hegemonía audiovisual y ficción televisiva*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.

_____. *Oficio de cartógrafo – travesías latinoamericanas de la comunicación em la cultura*. Santiago do Chile: Fondo de Cultura Econômica, 2002).

_____. *Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*. In: *Sociedade Midiatizada*. MORAES, Denis de (org). Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARX, Karl. Parte III. In: *Contribuição para a crítica da economia política*. 5 ed. Lisboa: Estampa, 1977.

MATA, María Cristina. *De la cultura masiva a la cultura mediática*. In: *Diálogos de la Comunicación*. Lima. n. 50 Peru:Editora,. 1999

_____. *Radio: memorias de la recepción – aproximaciones a la identidad de los setores populares*. In. *Diálogos de la Comunicación*, n 30. Lima, 1991.

_____. *Rádio: memórias da recepção: aproximação à identidades dos setores populares*. In: *Teorias do Rádio – textos e contextos*, v.1. MEDITSCH, Eduardo (org). Florianópolis: Insular, 2005.

_____. *El publico de la radio: modos de oír, modos de ser*. (mimeo). 2005

_____. *Interrogaciones sobre el consumo mediatico*. In: *Nueva Sociedad*, n. 140, 1995.

MAZUIM, Cleusa Helena Rockembach. *Idoso institucionalizado: suporte, abrigo ou segregação?* Dissertação de Mestrado. PUCRS, 2004.

MENTA, Sandra Aiache. *Qualidade de Vida de Idosos Asilados*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Dom Bosco. 2003.

MARTÍ, Josep Maria, MONCLÚS, Belén (org) *Informe sobre la Rádio a Catalunya-2006-2007*. L'Observatori de la Rádio a Catalunya y Departament de Comunicació Audiovisual i de Publicitat de la Universitat Autònoma de Barcelona. Barcelona, 2008.

MILLS, C. Whirght . *A imaginação sociológica*. São Paulo: Zahar Editores, 1975.

MONER, Rafael Beltrán. *La ambientación musical em radio y televisión – selección, montaje y sonorización*. Madrid. Instituto Oficial de Radio y Television, RTVE, 2005.

MOREIRA, Sônia Virgínia Moreira; DEL BIANCO, Nélia R (orgs). *Desafios do rádio no século XXI*. Rio de Janeiro: UERJ; São Paulo: INTERCOM, 2001.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História e memória: o rádio por seus locutores*. In: Revista de História e Estudos Culturais. Vol.3, n. 4.

OMAR, Rincón. *Narrativas de la radio*. In: *Narrativas mediáticas: o cómo se cuenta la sociedad de entretenimiento*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: Estudos históricos. vol.2,n.3,p.3-15, 1989.
http://www.cpdoc.fgv.br/revista/asp/dsp_edicao.asp?cd_edi=15)

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos*. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Tempo*. Rio de Janeiro, v.1, n.2, 1996. p. 59-72.

SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado*. Cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión. Buenos Aires: Siglo XXI, Buenos Aires, 2005.

SCHMITT, Marta. *Clube do Guri – A história de um dos maiores sucessos do rádio gaúcho das décadas de 50 e 60*. Porto Alegre, Fumproarte, 2008.

SENADO FEDERAL, Comissão Diretora. *Projeto de lei da Câmara n. 57- Estatuto do Idoso*. Brasília, 2003.

SODRÉ, Muniz. *Eticidade, campo comunicacional e midiatização*. In: *Sociedade Midiatizada*. MORAES, Denis de. (org). Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

STEPANSKY, Daisy Valmorbidia. *Envelhecimento na Sociedade Brasileira*. Dissertação de Mestrado. Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. 1999.

_____. *O idoso na mídia: envelhecimento na sociedade e nos meios de comunicação*. Tese de Doutorado. ECO/UFRJ, 2000.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado - História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias*. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 15. Abr. 1997. p. 51-84.

VERÓN, Eliseo. *Fragments de un tejido*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2004.

_____. *La semiosis social – fragmentos de una teoría de la discursividad*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998.

VITÓRIO, Benalda da Silva. *O sentido da TV no cotidiano do idoso: análise de discurso como prática teórica transformadora*. Tese de Doutorado. ECA/USP, 2003.

WINCOUR, Rosalía. *Ciudadanos Mediáticos. La construcción de lo público em la radio*. Barcelona: Gedisa, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de questões para aproximação com os ouvintes

(outubro 2006)

- 1- Em que momentos costuma ouvir rádio?
- 2- Que emissoras e programas costuma ouvir?
- 3- Quais seus tipos de programas preferidos?
- 4- Lembra da(s) primeira(s) vez(es) que ouviu rádio? Onde e como foi?
- 5- Que tipo(s) de programa(s) ouvia na infância, juventude, adulto? Como eram esses programas?
- 6- Existem diferenças entre os programas ouvidos no passado e os que ouve atualmente?
- 7- Existem semelhanças entre os programas ouvidos no passado e os que ouve atualmente?
- 8- O que mais gostava dos programas passados?
- 9- O que menos gostava dos programas passados?
- 10- O que mais gosta dos programas de hoje?
- 11- O que menos gosta dos programas de hoje?
- 12- Qual(is) era(m) o(s) comunicador/locutor(res) preferido(s) no passado? Por quê?
- 13- Qual(is) era(m) o(s) comunicador/locutor(res) preferido(s) no presente? Por quê?
- 14- Quais os motivos pelos quais ouvia rádio no passado? E atualmente?

APÊNDICE B- Questionário de aproximação com ouvintes em locais públicos de POA

(março de 2007)

Objetivo:

Ter indicativos que apontem a existência de escuta passada e presente de ouvintes abordados em distintos lugares públicos.

- 1- Costuma ouvir rádio?
- 2- Desde quando possui o hábito de ouvir rádio?
- 3- Quais as emissoras que costuma ouvir?
- 4- Quais os programas que costuma ouvir?
- 5- Em que momentos costuma ouvir rádio? Por que?
- 6- Existem diferenças entre os programas ouvidos no passado e os que ouve atualmente? Por que?
- 7- Existem semelhanças entre os programas ouvidos no passado e os que ouve atualmente? Por que?
- 8- Qual(is) são o(s) comunicador/locutor(res) preferido(s) no presente e passado? Por quê?

- Identificação:
- Nome:
- Idade:
- Profissão/Ocupação:
- Endereço/Telefone:
- Disponibilidade para pesquisa: sim/não

APÊNDICE C - Questionário Exploratório

Ano de 2008

1- VÍNCULO HISTÓRICO COM O RÁDIO

- 1.1. Desde quando escuta rádio?
- 1.2. Continua escutando ainda hoje?
- 1.3. Parou em algum momento?

(perguntas-filtro)

2- CONSUMO RADIOFÔNICO

- 2.1 Frequência de escuta (diária, quantas vezes por semana)
- 2.2 Momentos/cenários de escuta (manhã, tarde, noite/ em casa, no carro)
- 2.3 Emissoras ouvidas
- 2.4 Programas ouvidos
- 2.5 Programas marcantes (ou preferidos) – por que?
- 2.6 Locutores e personagens importantes – por que?
- 2.7 Outras formas de relação com o rádio além da escuta (mandar cartas, telefonar, ler sobre o rádio etc.)
- 2.8 Sentido do consumo do rádio – por quê da escuta .

3- RELAÇÕES ESCUTA PASSADA E PRESENTE

- 2.1. Vê diferenças do rádio hoje e antigamente? Que diferenças?
- 3.2. Vê semelhanças? Quais?

4. PERFIL DO RADIO OUVINTE:

- 4.1.Nome
- 4.2.Idade

4.3.Sexo

4.4.Etnia

4.5. Tempo de moradia em POA. Outros lugares onde morou

4.6.Ocupação no passado e atual

4.7. Escolaridade

4.8. Com quem vive atualmente

5-DISPONIBILIDADE PARA PARTICIPAR DA PESQUISA

Sim ou não

Contato

APÊNDICE D - tabelas síntese dos dados exploratórios

(Referente à etapa realizada entre os meses de janeiro e abril de 2008, em POA)

ESCUITA PRESENTE

No	Idade	Sexo	Desde quando escuta	Emissoras	Momentos Escuta	Programas ⁵⁰	Personagens	Sentido da Escuta
01	76	M	Infância	Guaíba FM	Mais à noite	Músicas	Não lembrou	O estilo das músicas (tango, bolero, samba)
02	75	M	Faz tempo	Caiçara AM e Cidade FM	A hora que dá	Notícias e Músicas	Não lembrou	Bom para espairer
03	73	F	Desde que casou, há 50 anos	Farroupilha AM e Caiçara AM	Geralmente de manhã	Músicas	Não lembrou	A música anima, o rádio enche o ambiente
04	72	F	Infância	Farroupilha AM	De manhã	Notícias, Músicas a Ave Maria	Zambiasi	É importante. Sinto que tem gente comigo
05	67	F	Infância	Guaíba AM	Quando está costurando	Música e notícia	Não lembrou	O rádio acompanha a gente. Escuto mais o rádio do que televisão, porque quando trabalho o rádio está ligado.
06	77	F	Infância	Liberdade FM, Guaíba AM e FM	Geralmente de manhã	Notícias e músicas (tango, bolero)	Não lembrou	O rádio é um companheiro na vida da gente.
07	72	M	Faz tempo	Pampa AM, Guaíba AM e FM	O dia todo	Músicas (samba, bolero, valsa bandinha)	Beatriz (Pampa Paulo)	O rádio é uma distração. Tem as notícias, o esporte, as músicas, estando com o rádio estou contente, prefiro rádio do que

⁵⁰ Aqui somente aparecem nomes de programas e também gêneros citados.

						Ouve também quando gosta de algum locutor em particular	Boanova (Pampa)	televisão.
08	74	M	Infância	Bandeirantes AM, Gaúcha AM, Caiçara AM	O dia todo quase	Esportes, Notícias, Músicas	Não lembrou	O rádio é uma diversão para a gente.
09	-	F	Desde 1950	Gaúcha AM, Guaíba FM, Pampa AM	Sempre que está em casa	Galpão Crioulo (programa musical na Gaúcha) e Esportes	Pedro Ernesto da Gaúcha	O rádio é uma companhia, e também te distrai uma barbaridade.
10	74	F	Desde 1970, quando foi morar em POA	Farroupilha AM e Guaíba AM	O dia todo	Notícias e esportes	Gugu e Araújo (ambos da Farroupilha)	É bom porque a gente fica a par das coisas que acontecem e isso é importante.
11	67	F	Desde 1960, mais ou menos	Caiçara AM à noite e Guaíba AM de manhã	De manhã, no café, e à noite, quando faz a janta	Música, notícia, horóscopo	Não lembrou	O rádio é a mesma coisa que ler um livro, ele te explica, tu aprende com ele. Às vezes eu falo alguma coisa, e meus filhos dizem: onde tu aprendeu isso? No rádio, eu digo.
12	74	F	Infância	Guaíba AM, Gaúcha AM, Farroupilha AM, mas atualmente é só a rádio da UFRGS-AM	O dia todo quando está em casa e à noite	Música e às vezes notícia	Lauro Quadro, Santana, ambos da Gaúcha AM	O rádio é um meio de comunicação importante, você fica sabendo das coisas, se alguém faleceu, se tem chamada para algum concurso. Mas de todas as formas, pra mim a música vem sempre em primeiro lugar.

13	73	F	Desde os 10 anos em casa e aos 6 anos em parentes	Guaíba FM e AM, Rádio da UFRGS AM, Pampa AM	Todos os dias, de dia e à noite	Músicas e programas de entrevista com especialistas	Não lembrou	O rádio é informação, entretenimento, ouvir a hora, sobre o tempo.
14	75	F	Infância	A Gaúcha AM, a Guaíba AM, e a Emembuí quando está em Santa Maria.	Todos os dias, de dia até a hora de dormir	Informações sobre hora, tempo, saúde	Não lembrou	O rádio é um conforto pra gente. Os programas de hoje em dia são mais interessantes, tem mais entrevistas, assuntos que interessam a gente. O rádio se modernizou, modernizaram os programas. Antigamente era muita música e propaganda, hoje tem mais informação. Eu sempre que viajo levo meu rádio de pilha junto, sempre. E sabe o que mais eu faço? Tudo o que me interessa eu gravo. Tenho um gravador e aí quando tem coisas que me interessam, uma entrevista, essas coisas, eu gravo, eu gravo do rádio e até da TV, com o meu gravador, coloco bem pertinho da TV e gravo.
15	69	F	Faz tempo	Farroupilha AM e Guaíba AM	De manhã	Gosta de responder as perguntas do programa do Gugu	Gugu (Farroupilha)	O rádio é uma diversão, um passatempo também.
16	59	F	Desde os 15 anos	Farroupilha	De manhã cedo, antes de sair, e no início da	Onde tiver música eu procuro, axé, pagode, sertaneja, música pra dançar,	Não lembrou	O rádio é o meu marido (risos). Eu conversei com o rádio, é sério (risos).

					noite	animar		
17	76	M	Infância	De manhã, na Pampa AM, a Beatriz, de tarde a Bandeirantes, de manhã eu acordo com música da Guaíba.	De dia e à noite	Futebol, música, notícias. Programa de Beatriz (Pampa) e Sala de Redação, (Gaúcha, sobre esportes)	Beatriz (Pampa)	O rádio pra mim é necessário, faz parte do dia a dia da gente.
18	74	M	Infância	Guaíba AM e FM	Ouve quando está trabalhando no computador	AM esportes, FM pelas músicas que gosta, espanholas, francesas, latinas, especialmente da década de 40	Não lembrou	O rádio me ajuda a relaxar, distrair, também traz as notícias, que são importantes para a gente.
19	67	F	Desde os oito anos, quando o pai comprou rádio	A Gaúcha AM eu escuto pelas 7h30, pelas notícias, a Farroupilha AM eu pego lá pelas 08h30. Às 18h eu escuto música francesa na Guaíba FM. A Rádio Rural AM eu escuto quando	Todos os dias	Pela informação e músicas	Gugu, da Farroupilha, Mendelski, da Guaíba	O rádio faz parte da vida, pra mim ele será eterno. Tem as notícias que nos informam, nos interessam, tem a música que eu adoro. A música é conforme o meu estado de espírito. Se estou mais inspirada, ouço a Guaíba FM, tem Tchaicovski, Bethoveen, tem Bach, mas esse eu não gosto, porque parece muito exercício de piano, tem Tom Jobim, eu gosto.

				quero ficar alegre, tem umas músicas gauchescas que me deixam pra cima.				
--	--	--	--	---	--	--	--	--

ESCUA PASSADA

No	Emissoras	Programas	Personagens	Participações	Sentido Consumo
01	Farroupilha	Rodeio Coringa (musical/auditório)	Darci Fagundes e Luis Mendes (cantores apresentadores)	Rodeio Coringa (auditório). Foi várias vezes.	Eu gostava da música, das coisas alegres. Eu até gostava das novelas, mas naquele tempo, homem que escutava novela não era bem visto, então eu não escutava.
02	Farroupilha	Brim Coringa (auditório/musical)	Não lembrou	Não	As músicas eram boas e para saber das coisas.
03	Não lembrou	Novelas, Músicas	Gildo de Freitas (músico)	Não	Era um costume da gente
04	Não lembrou	Músicas (boas, lentas, com mensagem)	Não lembrou	Não	A gente gostava das músicas, ouvia as notícias também, acho que o rádio sempre é muito importante na vida da gente.
05	Gaúcha, Guaíba, Farroupilha	Novelas, notícias, músicas	Não lembrou	Não	Era a informação, a diversão, o rádio faz parte da vida da gente.
06	Farroupilha e Gaúcha	Novelas, notícias e programas de auditório (Brim Coringa)	Pinguinho, que era quem apresentava o Brim Coringa	Sim (foi ao Brim Coringa uma vez com as amigas)	Mudou bastante hoje em dia. Antes tinha mais programas de auditório e a gente gostava.

07	Farroupilha, Gaúcha, Guaíba	Novelas e programas humorísticos	Guerra, Pinguinho, Walter Broda, Candido Norberto	Clube do Guri (viu Elis Regina) e Programa do Mauricio Sirotski Sobrinho, foi várias vezes	O rádio era distração, diversão. Era muito bom. Tinham os programas humorísticos, que hoje eu não vejo mais no rádio, e acho que deveria ter ainda.
08	Itaí e Tupi SP	Música sertaneja	Tonico e Tinoco cantavam bem	Não	A gente gostava, era bom, divertia.
09	Gaúcha e Guaíba	Novelas	Pedro Carneiro (narrador esportivo) Gaúcha, Ranzolin (Gaúcha)	_____	A ENTREVISTA FOI INTERROMPIDA E FALTOU ESSA QUESTÃO E DADOS DE IDENTIFICAÇÃO
10	Farroupilha	Programas de pergunta e resposta	Não lembrou	Não	Antigamente as coisas eram diferentes, a gente sabia menos das coisas, ficava mais por fora, o rádio era um jeito de saber um pouco mais.
11	Farroupilha	Novelas, programas de auditório	Aldo Brodi, da Farroupilha	Meus irmãos foram ver a Elis, mas eu não fui	Naquele tempo era o que a gente mais tinha, era nossa diversão.
12	Rádios de Bento e Caxias (morava em Bento)	Programas falados em italiano, novelas, comédias, futebol	João Bobo, Barbozinha, Chitãozinho (que não é o cantor) eram todos comediantes	Não	Naquele tempo era também um meio para se aprender outras coisas.
13	Farroupilha, Difusora, Gaúcha, Rádio Nacional do RJ,	Balança mas não cai, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, programa	Não lembrou	Eu, minha irmã e uma amiga, fomos uma vez em um programa de	Naquele tempo tudo era novidade. A gente buscava as informações, pois não tinha outra coisa, apesar que em casa a gente lia jornal também. Tinha o Repórter Esso, que dava aquela musiquinha e aí tu já sabia que

	Rádio Jornal do Comércio, de Recife, Rádio Tupi, de SP	humorístico. Lembro bem da primeira Copa que o Brasil ganhou, em 1958. De novela eu lembro da Direito de Nascer.		auditório, era da Farroupilha, eram apresentações de músicas gauchescas.	ia começar a notícia.
14					ENTREVISTA INTERROMPIDA, NÃO FOI POSSÍVEL CONCLUIR SOBRE A ESCUTA PASSADA
15	Gaúcha e Farroupilha	Músicas e Novelas	Ari Rego, apresentava programa de auditório	Foi no programa do Ari Rego com a mãe e as amigas, várias vezes	Era uma coisa muito melhor os programas de antigamente, eram coisas boas. Agora só tem notícia ruim.
16	Gaúcha, Rádio Princesa, Guaíba	Músicas (fado que o pai ouvia), também notícias			ENTREVISTA INTERROMPIDA PELO COMEÇO DA AULA DE GINÁSTICA
17	Verificar nota ⁵¹				Antes tinham muitos programas humorísticos, que a gente gostava bastante. Hoje não existem mais. Hoje temos muitas notícias, mas elas também acabam aborrecendo a gente. Antes a gente buscava distração e aventura, os programas eram bons. A gente escutava bastante, até que acabasse, pois a

⁵¹A experiência desse ouvinte merece nota por toda a riqueza do seu discurso e das suas lembranças:

Escutávamos rádio mais aos domingos. Na rádio Nacional, aos domingos, escutava o Francisco Alves, que apresentava programa com **músicas brasileiras**. Depois dele vinha o Orlando Silva. Lembro do programa **A Hora do Pato**, que era 14h, era um programa de **calouros**. Nessa época tinha também um programa chamado **Histórias do Arco da Velha, era humorístico**. Nesse mesmo estilo tinha também o **Piadas do Manduca**. Às 18h começava o **A Felicidade Bate a sua Porta**, que era um **programa de prêmios**. Também nesse tempo tinha o Eder Bôscoli e a Iara Sales, que o programa deles não lembro o nome, mas eram patrocinados pela Cera Cristal. Na Rádio PRK 30 tinha o Lauro

					programação terminava meia noite.
18	Farrroupilha, Rádio Nacional do RJ, Rádio de Pelotas, pois morava lá.	Esporte e notícias	Petrucci Filho, que trabalhava com esportes na rádio Cultura de Pelotas	Não	A gente escutava para se informar, distrair. Eu também escutava com interesse profissional, porque antigamente cheguei a trabalhar com o conserto de aparelhos.
19	Gaúcha e Guaíba	Novelas, Direito de Nacer, Morro dos Ventos Uivantes	O Ari Rego, com o Clube do Guri. Locutor lembro do Mendes Ribeiro, da Gaúcha. O Ernani Bez era ator de novelas	Não	Era tudo, entretenimento, informação, uma coisa que sempre fez parte da vida.

Borges com o programa **Nada Além de dois Minutos**, que era um **programa musical**. À noite, 22h, tinha o programa de **Calouros**, conduzido pelo Rafael Carbono e a Renata Bussi. Novela eu não tinha o costume de escutar, mas eu me lembro que a minha mãe gostava de uma que se chamava **Esmeralda do Vale das Sombras**, acho que era de rádio aqui de POA, se me lembro bem. A novela O Direito de Nacer também foi muito famosa naquele tempo.

APÊNDICE E - Roteiro de entrevistas 1

Roteiro entrevista 1- Aspectos da escuta radiofônica na infância e adolescência

Aspectos para observação em todas as fases:

Hábitos de escuta ----- Sentidos da escuta

- Programas
- Gêneros
- Personagens
- Emissoras
- Sonoridades
- Linguagem

- Juízos- Por que
- Gostos/Preferências- Por que
- Recusas- Por que

Ambiências/ contextos de escuta e circulação

- Espacialidades
- Temporalidades
- Sujeitos
- Ações

Outros meios/ relações com o rádio

(Verificar questões de tempo, predominância de uso, negociação de conteúdos)

- Essa entrevista objetiva suscitar a emergência de memória da infância e adolescência, focalizando o consumo radiofônico nessas fases da vida.

Infância:

Aspectos a observar: as primeiras lembranças de escuta, relacionando:

- Aparelho rádio (como era, onde ficava, era um só?)
- As primeiras escutas (programas, emissoras gêneros, personagens, sonoridades)
- Quais eram os horários de escuta?
- Ambiências e contextos onde a escuta acontecia (em casa, em e/ou com vizinhos, quem direcionava a escuta, como eram esses momentos, havia reuniões, o que gostava disso, o que não gostava?)
- Havia comentários no momento da escuta ou mesmo depois?
- Havia outras formas de buscar informação (outros meios de comunicação participavam na vida e qual a relação deles com o rádio?)
- Havia brincadeiras relacionadas ao rádio (em casa, na escola, com as músicas, com os personagens do rádio, brincavam de fazer ou estar no rádio?)
- Nessa época, quais eram seus principais interesses, como era o dia-a-dia, suas atividades cotidianas? Como eram durante a semana? E no final de semana?(escola, brincadeiras, religião, trabalho em casa, etc)
- O que fica mais marcado do rádio nessa época da sua vida? (uma música, um programa, um personagem)
- Lembra de algum fato marcante nessa época noticiado pelo rádio?

ATENÇÃO: Deve-se observar os marcadores de onde começa a escuta na vida do indivíduo e tentar buscar um marcador radiofônico que suscite a transição da infância para adolescência (o iniciar a escuta de um outro gênero, a mudança de emissora, o passar a escutar menos ou mais rádio).

Adolescência:

Aspectos a observar: identificar *esse período na vida dos indivíduos no que se relaciona à escuta. Houve mudanças desde o início da escuta até essa fase? Quais foram, como se deram?*

- Quando acha que começou a sua adolescência? (pode ser idade, mas relacionar um fato, um período, um marcador temporal)
- Nessa época, como eram os hábitos de escuta? (programas, gêneros, horários, havia decisão de terceiros sobre a escuta ou já decidia por si, o rádio permanecia no mesmo lugar físico, era o mesmo aparelho, quantos eram?)
- Se mudou, o que fez mudar? Se não mudou, por que permaneceu?
- Surgiram novos gêneros (atenção para música) que fizeram abandonar os antigos? O que havia de melhor neles em relação aos outros?
- Havia distinções na forma de escutar, relacionando com a infância? (passou a escutar mais ou menos, deixou a escuta por outras atividades, quais?)
- Em casa, mudou alguma coisa nessa fase? (a forma dos outros componentes da família escutarem). Como isso afetou (se afetou) os seus hábitos de escuta?
- Nessa época, quais eram os principais interesses na sua vida? (escola, trabalho, ajudar em casa, namoro, religião, casamento, etc)
- Houve mudanças significativas na sua vida entre a infância e a adolescência? (mudou de casa, cidade, pais separam ou morreram, etc)
- Utilizavam outros meios de comunicação nessa época (quais?)
- Havia comentários em casa ou com amigos, nessa época, sobre conteúdos do rádio?
- Nessa época, lembra de algum fato marcante noticiado pelo rádio?

APÊNDICE F - Roteiro de entrevista 2

Roteiro entrevista 2-

Aspectos da escuta radiofônica na idade adulta e nos tempos atuais

Aspectos para observação em todas as fases:

Hábitos de escuta ----- Sentidos da escuta

- Programas
- Gêneros
- Personagens
- Emissoras
- Sonoridades
- Linguagem

- Juízos- Por que
- Gostos/Preferências- Por que
- Recusas- Por que

Ambiências/ contextos de escuta e circulação

- Espacialidades
- Temporalidades
- Sujeitos
- Ações

Outros meios/ relações com o rádio

(Verificar questões de tempo, predominância de uso, negociação de conteúdos)

- Essa entrevista objetiva suscitar a emergência de memória da idade adulta, até chegar nos dias atuais, focalizando o consumo radiofônico e suas relações nessas fases da vida. Tentar sempre atentar para **as mudanças (ou permanências)** observáveis de uma fase a outra.

Idade adulta:

- *IMPORTANTE: Buscar localizar um marcador que possa registrar a transição entre a idade adulta (laboral) e os dias que vive hoje. Tentar buscar um marcador radiofônico que suscite a transição (o iniciar a escuta de um outro gênero, a mudança de emissora, o passar a escutar menos ou mais rádio).*

Hábitos e sentidos da escuta (rotinas, cenários, marcas, gostos, recusas, preferências)

- Qual era sua a sua rotina de escuta (horários, momentos, se quando acorda, na hora da comida, na hora de dormir)? Geralmente, que atividades realizava ao ouvir rádio? (Ver se existia mais de um aparelho em uso).
- Quais são as emissoras que escutava? Conhecia a programação das emissoras? Descreva.
- E os programas, como eram? (Para buscar saber os gêneros contidos, os protagonistas radiofônicos)
- Em geral, costumava ouvir só ou com companhia?
- Quando estava escutando rádio, geralmente o que estava fazendo? (manhã, tarde noite).
- Havia diferenças no que escutava (emissoras, programas) de acordo com as atividades que realizava?
- Como costumava ser seu dia a dia nesta época? (atividades em casa, no trabalho, que outras atividades exercia, horário que acordava, fazia as refeições, dormia).

Preferências de escuta

- Quais eram as suas preferências de escuta? (emissoras, programas, gêneros)
- Qual a razão da preferência das emissoras?
- Qual a razão da preferência dos programas?

- Como definiria as emissoras ouvidas? (buscando aqui suscitar questões de gosto, mas também questões políticas, culturais)
- Tinha algum(s) apresentador, personagem, cantor(es) favorito(s) nessa época? Por quê?
- O que fica mais marcado do rádio nessa época da sua vida? (uma música, um programa, um personagem)
- Lembra de algum fato marcante noticiado pelo rádio nessa época?

Recusas na escuta

- Da programação radiofônica daquela época, existiam programas ou apresentadores que você não gostava, por quê?
- E você escutava esses programas ou apresentadores? Por quê?
- Qual era a principal característica desses programas ou apresentadores para que fizessem com que você não gostasse?

Ambiências\contextos de escuta e circulação

- Ambiências e contextos onde a escuta acontecia (em casa, em e/ou com vizinhos, quem direcionava a escuta, como eram esses momentos, havia reuniões, o que gostava disso, o que não gostava?)
- Havia comentários no momento da escuta ou mesmo depois?
- Nessa época, quais eram seus principais interesses, como era o dia-a-dia, suas atividades cotidianas? Como eram durante a semana? E no final de semana?
- O que fica mais marcado do rádio nessa época da sua vida? (uma música, um programa, um personagem)
- Lembra de algum fato marcante nessa época noticiado pelo rádio?

Outros meios\relações com o rádio

- E outros meios de comunicação, qual era a presença deles no seu dia a dia?

- Assistia televisão? Quais programas, em que horários? Se sim, como eram esses programas? (buscando verificar gêneros, matrizes). Desde quando tem o costume de assistir TV?
- E o jornal? Era assinante, ou costumava comprar, com que periodicidade? Qual jornal? Porque este, o que lhe chama atenção? Por que esse e não outro (citar algum outro para ter um parâmetro). Desde quando o costume de ler jornal?
- Revistas (igual que jornal)
- E de fotografia, gostava? Possuía câmera fotográfica? Em quais ocasiões costumava usar? Usava mais antes?
- Nessa época, qual era a ordem de uso dos meios? (para ver do mais usado ao menos usado). Quanto tempo diário era dedicado a cada um deles?
- Nessa época da sua vida, qual era o sentido da escuta do rádio?
- Dos programas, emissoras, apresentadores daquela época, o que mais lhe marcava? Por quê?
- E o rádio, que importância possuía na sua vida nessa época?

Tempos atuais:

1. Hábitos e sentidos da escuta (rotinas, cenários, marcas, gostos, recusas, preferências)

- Qual é a sua rotina de escuta (horários, momentos, se quando acorda, na hora da comida, na hora de dormir)? Geralmente, que atividades realiza ao ouvir rádio? (Ver se há mais de um aparelho em uso).
- Quais são as emissoras que escuta? Conhece a programação das emissoras? Descreva.
- E os programas, como são? (Para buscar saber os gêneros contidos, os protagonistas radiofônicos)
- Em geral, costuma ouvir só ou com companhia?

- Quando está escutando rádio, geralmente o que está fazendo? (manhã, tarde noite). Há diferenças no que escuta (emissoras, programas) de acordo com as atividades que realiza?
- Como costuma ser seu dia a dia atualmente? (atividades em casa, ver se ainda trabalha, que outras atividades têm fora de casa, horário que acorda, faz refeições, dorme).

Preferências de escuta

- Quais são atualmente as suas preferências de escuta? (emissoras, programas, gêneros)
- Qual a razão da preferência das emissoras?
- Qual a razão da preferência dos programas?
- Como definiria as emissoras ouvidas? (buscando aqui suscitar questões de gosto, mas também políticas, culturais)
- Tem algum(s) apresentador, personagem, cantor(es) favorito(s)? Por quê?
- 43- O que fica mais marcado do rádio nessa época da sua vida? (uma música, um programa, um personagem)
- 44- Lembra de algum fato marcante noticiado pelo rádio ultimamente?

Recusas na escuta

- Da programação radiofônica que conhece, existem programas ou apresentadores que você não gosta, por quê?
- E você escuta esses programas ou apresentadores? Por quê?
- Qual a principal característica desses programas ou apresentadores para que faça com que você não goste?

2. *Ambiências\contextos de escuta e circulação*

- Ambientais e contextos a escuta acontece (em casa, em e/ou com vizinhos, quem direciona a escuta, como são esses momentos, há reuniões, o que gosta disso, o que não gosta?)
- Há comentários no momento da escuta ou mesmo depois?
- Atualmente, quais eram seus principais interesses, como é o dia-a-dia, suas atividades cotidianas? Como é durante a semana? E no final de semana
- O que fica mais marcado do rádio, atualmente, da sua vida? (uma música, um programa, um personagem)
- Lembra de algum fato marcante divulgado ultimamente pelo rádio?

3. *Outros meios\relações com o rádio*

- E outros meios de comunicação, qual a presença deles no seu dia a dia?
- Assiste televisão? Quais programas, em que horários? Se sim, como são esses programas? (buscando verificar gêneros, matrizes). Desde quando tem o costume de assistir TV?
- E o jornal? É assinante, ou costuma comprar, com que periodicidade? Qual jornal? Porque este, o que lhe chama atenção? Por que esse e não outro (citar algum outro para ter um parâmetro). Desde quando o costume de ler jornal?
- Revistas (igual que jornal)
- E computador, internet, costuma usar? Se sim, para realizar quais atividades? Como se interessou\aprendeu? Que usos faz do computador (email, quais sites). E o rádio, escuta ou já escutou pela internet? Que emissoras, ou programas, ou gêneros?
- E de fotografia, gosta? Possui câmera fotográfica? (analógica ou digital). E quais ocasiões costuma usar? Usa mais agora ou sempre usou?
- Atualmente, qual é a ordem de uso dos meios? (para ver do mais usado ao menos usado). Quanto tempo diário tem dedicado a cada um deles?

- E na sua vida atual, qual é o sentido da escuta do rádio?
- Dos programas, emissoras, apresentadores atuais, o que mais lhe marca? Por quê?

APÊNDICE G - Roteiro de entrevistas realizado em Barcelona

A Escuta Presente

Rotinas de escuta e de vida (inclusos tempo e espaço)

- Qual é a sua rotina de escuta (horários, momentos, se quando acorda, na hora da comida, na hora de dormir)? Geralmente, que atividades realiza ao ouvir rádio? (Ver se há mais de um aparelho em uso). Usa MP3?
- Quais são as emissoras que escuta? Conhece a programação das emissoras? Descreva.
- E os programas, como são? (Para buscar saber os gêneros contidos, os protagonistas radiofônicos)
- Em geral, costuma ouvir só ou com companhia?
- Quando está escutando rádio, geralmente o que está fazendo? (manhã, tarde noite). Há diferenças no que escuta (emissoras, programas) de acordo com as atividades que realiza?
- Como costuma ser seu dia a dia atualmente? (atividades em casa, ver se ainda trabalha, que outras atividades têm fora de casa, horário que acorda, faz refeições, dorme).

Preferências de escuta

- Quais são atualmente as suas preferências de escuta? (emissoras, programas, gêneros)
- Qual a razão da preferência das emissoras?
- Qual a razão da preferência dos programas?
- Como definiria as emissoras ouvidas? (buscando aqui suscitar questões de gosto, mas também políticas, culturais)
- Tem algum(s) apresentador, personagem, cantor(es) favorito(s)? Por quê?

- O que fica mais marcado do rádio nessa época da sua vida? (uma música, um programa, um personagem)
- Lembra de algum fato marcante noticiado pelo rádio ultimamente?

Recusas na escuta

- Da programação radiofônica que conhece, existem programas ou apresentadores que você não gosta, por quê?
- E você escuta esses programas ou apresentadores? Por quê?
- Qual a principal característica desses programas ou apresentadores para que faça com que você não goste?

Outros meios na relação com o rádio

- E outros meios de comunicação, qual a presença deles no seu dia a dia?
- Assiste televisão? Quais programas, em que horários? Se sim, como são esses programas? (buscando verificar gêneros, matrizes). Desde quando tem o costume de assistir TV?
- E o jornal? É assinante, ou costuma comprar, com que periodicidade? Qual jornal? Porque este, o que lhe chama atenção? Por que esse e não outro (citar algum outro para ter um parâmetro). Desde quando o costume de ler jornal?
- Revistas (igual que jornal)
- E computador, internet, costuma usar? Se sim, para realizar quais atividades? Como se interessou\aprendeu? Que usos faz do computador (email, quais sites). E o rádio, escuta ou já escutou pela internet? Que emissoras, ou programas, ou gêneros?
- E de fotografia, gosta? Possui câmera fotográfica? (analógica ou digital). E quais ocasiões costuma usar? Usa mais agora ou sempre usou?
- Atualmente, qual é a ordem de uso dos meios? (para ver do mais usado ao menos usado). Quanto tempo diário tem dedicado a cada um deles?
- E na sua vida atual, qual é o sentido da escuta do rádio?

- Dos programas, emissoras, apresentadores atuais, o que mais lhe marca? Por quê?

Transição- tempos de vida

(quero caracterizar esse tempo como o tempo da vida adulta, de trabalho, antes da aposentadoria.)

Rotinas de escuta e de vida

- E essa rotina de escuta atual, acontece há quanto tempo? (buscar perceber aqui que marcador de transição se pode identificar: trabalho, família, enfermidade. Perceber o trânsito do presente vivido agora com um passado de vida laboral)
- E antes, como era? (buscar situar se esse antes era em razão de trabalho, ou quando estava com alguém, tentar situar esse antes como um período de vida adulta, anterior à velhice)
- Quais eram os horários, quais os programas, as emissoras ouvidas, com quem costumava escutar?
- Se permanecem as mesmas, por que isso aconteceu?
- Da mesma maneira, se houveram mudanças, o que acarretou?
- Como o rádio participava na sua vida? (era importante pelo trabalho, era tema para conversação, era informação, entretenimento)
- Tinham vários aparelhos ou um só, onde ele se localizava?
- Nessa época vivia com quem? (esposa, filhos, outros)
- E como era o cotidiano com relação ao rádio? (relacionando a família, ou o casal)
- Como era sua rotina nessa época, conte um pouco.
- E como rádio se encaixava nessa rotina? (horários, programas)

Preferências de escuta

- Quais eram nessa época as suas preferências de escuta? (emissoras, programas, gêneros)
- Qual era a razão da escolha das emissoras?
- Qual era a razão da escolha dos programas?
- Como definiria as emissoras que eram ouvidas? (buscando aqui suscitar questões de gosto, mas também políticas, culturais)
- Tinha algum(s) apresentador(s) favorito(s)? Por quê?
- O que observava que existia de semelhante em programas e emissoras, cite.
- O que observava que existia de diferente nesses programas e emissoras, cite.
- O que fica mais marcado do rádio nessa época da sua vida? (uma música, um programa, um personagem)
- Lembra de algum fato marcante nessa época noticiado pelo rádio na sua infância?

Recusas na escuta

- Da programação radiofônica dessa época, existiam programas, apresentadores, gêneros que você não gostava, por quê?
- E você escutava esses programas, apresentadores, gêneros? Por quê?
- Qual a principal característica desses programas ou apresentadores que fazia com que você não gostasse?
- Havia algum gênero ou emissora em especial que não gostasse?

Outros meios na relação com o rádio

- E outros meios de comunicação, qual a presença deles no seu dia a dia, naquela época?

- Assistiam televisão? Quais programas, em que horários? Se sim, como são esses programas? (buscando verificar gêneros, matrizes). Como começou o hábito de assistir TV?
- E o jornal? Era assinante, ou costumava comprar, com que periodicidade? Qual jornal? Porque esse, o que lhe chama atenção? Por que esse e não outro (citar algum outro para ter um parâmetro). Desde quando o costume de ler jornal?
- Revistas (igual que jornal)
- E de fotografia, gostava? Possuía câmera fotográfica? Em quais ocasiões costumava usar? Usava mais antes?
- Nessa época, qual era a ordem de uso dos meios? (para ver do mais usado ao menos usado). Quanto tempo diário era dedicado a cada um deles?
- Nessa época da sua vida, qual era o sentido da escuta do rádio?
- Dos programas, emissoras, apresentadores daquela época, o que mais lhe marcava? Por quê?
- E o rádio, que importância possuía na sua vida nessa época?

Infância

Rotinas de escuta e de vida

- Aparelho rádio (como era, onde ficava, era um só?)
- As primeiras escutas, o que vem a mente? (programas, emissoras gêneros, personagens, sonoridades)
- Quais eram os horários de escuta?
- Ambiências e contextos onde a escuta acontecia (em casa, em e/ou com vizinhos, quem direcionava a escuta, como eram esses momentos, havia reuniões, o que gostava disso, o que não gostava?)
- Havia comentários no momento da escuta ou mesmo depois?

- Nessa época, quais eram seus principais interesses, como era o dia-a-dia, suas atividades cotidianas? Como eram durante a semana? E no final de semana?(escola, brincadeiras, religião, trabalho em casa, etc.)
- Havia brincadeiras relacionadas ao rádio (em casa, na escola, com as músicas, com os personagens do rádio, brincavam de fazer ou estar no rádio?)

Preferências de escuta\elementos marcantes

- O que fica mais marcado do rádio nessa época da sua vida? (uma música, um programa, um personagem)
- Lembra de algum fato marcante nessa época noticiado pelo rádio na sua infância?
- Quais são eram suas preferências de escuta na infância (emissoras, programas, gêneros)
- Qual a razão da preferência pelas emissoras?
- Qual a razão da preferência pelos programas?
- Como definiria as emissoras ouvidas (buscando aqui suscitar questões de gosto, mas também políticas, culturais)
- Tinha algum(s) apresentador(s) ou mesmo personagem(s) favorito(s), quais e por quê?
- O que havia de semelhante em programas e emissoras, cite. (gêneros, apresentadores, linguagem, horários e tempo de duração dos programas).
- O que havia diferente nesses programas e emissoras, cite. (gêneros, apresentadores, linguagem, horários e tempo de duração dos programas).

Recusas na escuta

- Da programação radiofônica dessa época, existiam programas ou apresentadores que você não gostava, por quê?
- E você escutava esses programas ou apresentadores? Por quê?

- Qual a principal característica desses programas ou apresentadores que fazia com que você não gostasse?
- Havia algum gênero ou emissora em especial que não gostasse?

Outros meios na relação com o rádio

- E outros meios de comunicação, qual a presença deles no seu dia a dia, na infância (a que meios tinha acesso, revista, jornais, e como)?
- Nessa época, qual era a ordem de uso dos meios? (para ver do mais usado ao menos usado). Quanto tempo diário era dedicado a cada um deles?
- Nessa época da sua vida, qual era o sentido da escuta do rádio?
- Dos programas, emissoras, apresentadores da infância, o que mais lhe marcava? Por quê?
- Qual era o meio mais utilizado na casa nessa época, por quê?
- E o rádio, que importância possuía?
- O que mais fica marcado do rádio desta época de infância?